

José Francisco Moreira

Avanços Tecnológicos e os Custos Sociais

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Engenharia de Produção da
Universidade Federal de Santa Catarina
Como requisito parcial para obtenção
do grau de Mestre em
Engenharia de Produção

Orientador: Prof. Francisco Antônio Pereira Fialho, Dr.

Florianópolis

2002

316.42
M835a

Moreira, José Francisco.
Avanços tecnológicos e os custos sociais / José
Francisco Moreira. -- Florianópolis : UFSC , 2002.

122 p.

Dissertação apresentada ao programa de Pós-
graduação em Engenharia de Produção da Universidade
de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Engenharia de Produção. Prof.
Orientador: Dr. Francisco Antônio Pereira Fialho.

1.Desenvolvimento social. I.Título.

José Francisco Moreira

Avanços Tecnológicos e os Custos Sociais

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do grau de **Mestre em Engenharia de Produção no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção** da Universidade Santa Federal de Catarina.

Florianópolis, 18 de novembro 2002.

Prof. Edson Pacheco Paladini
Coordenador do Programa

Banca Examinadora

Professor Francisco Antônio Pereira Fialho, Dr.
Orientador

Prof: Aracy Hacy Catapan, Dra.

Prof: Mirian Loureiro Fialho, Dra.

Agradecimentos

À Universidade Federal de Santa Catarina e ao Instituto Isabela Hendrix pela valiosa oportunidade que me foi oferecida.

À universidade de Itaúna, especialmente ao Dr. Faíçal David Freire Chequer, que tanto incentiva a qualificação do pessoal docente. Sem a inestimável ajuda financeira concedida por ele, essa obra não seria trigo de minha seara.

Aos professores Francisco Antônio Pereira Fialho e Christiane Coelho de Sousa Reinisch pela atenção e sabedoria com que mostraram o caminho.

À Professora Sirley Nogueira Diniz que se tornou mestre antes de mim, e cuja trilha percorrida de alguma forma foi meu horizonte.

Ao professor José Juventino Filho cujo saber no ofício de história iluminou minha pesquisa.

À professora Míria Senra Oliveira do Amaral, minha companheira na jornada de mestrado, pelo apoio e companheirismo que me foi devotado.

Epígrafe

Para o livro que eterniza o saber e a ciência que eterniza o homem, transcrevo os dois fragmentos abaixo com a mesma emoção de seus autores.

“Eu pego num livro velho com reverência; sinto nele a substância inerente de toda criação do espírito: o desejo de alongar as fronteiras da existência, pela reflexão ou pelo sonho acordado...”.

Carlos Drumond de Andrade

“Ciência sem consciência não é mais do que a morte da alma”.

Montaigne

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	p.12
1.1 Objetivos	p.23
1.1.1 Geral.....	p.23
1.1.2 Específicos	p.23
1.2 Estrutura.....	p.23
2 RETROSPECTIVA DO AVANÇO CULTURAL E TECNOLÓGICO DO HOMEM PRIMITIVO À REVOLUÇÃO AGRÍCOLA	p.25
2.1 Período Anterior à Revolução Agrícola.....	p.25
2.1.1 Paleolítico Inferior.....	p.26
2.1.2 Cultura do Paleolítico Inferior	p.26
2.1.3 Paleolítico Superior (30000 a.C. a 10000 a. C.	p.27
2.1.4 Cultura do Paleolítico Superior.....	p.28
2.2 Período Neolítico - Revolução Agrícola	p.30
2.2.1 Cultura do Período Neolítico	p.31
2.2.2 Considerações	p.34
3 REVOLUÇÃO URBANA - (IDADE DOS METAIS	p.37
3.1 Civilização Egípcia	p.37
3.1.2 Aspectos da Cultura dos Egípcios.....	p.46
3.1.3 Considerações	p.51
3.2 Civilização Grega	p.52
3.2.1 Considerações	p.71
4 REVOLUÇÃO INDUSTRIAL	p.72
4.1 Antecedentes: Aspectos da Civilização Feudal e Renascença.....	p.72
4.2 Revolução Comercial	p.81
4.3 Desenvolvimento da Revolução Industrial	p.86

5 CONCLUSÃO p.110

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS p.120

Resumo

MOREIRA, José Francisco. Avanços Tecnológicos e os Custos Sociais

Belo Horizonte, 2002, 122 páginas.

Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção com ênfase em Educação)

Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. UFSC, 2002.

Nessa dissertação pretendo invocar uma reflexão sobre o que ficou no tempo e no espaço estimado como vantagens e desvantagens advindas do conhecimento humano. Pretende a pesquisa abordar a história do homem, começando na época das cavernas, passando pela revolução industrial, desaguando na sociedade moderna.

Não quero constituir o trabalho em lamentações de niilista, contudo almejo manter no foco a análise crítica da face obscura da serventia do saber. Sendo assim, a pesquisa está calcada na importância de se conhecer as duas faces do maravilhoso engenho humano arquitetado ao longo do tempo.

A generalização da idéia benéfica do progresso está tão enraizada que somos premidos pela cantilena de que todos os homens e instituições devem recorrer-se daquilo que as novas técnicas oferecem.

Ofuscados pela onda, os estudiosos não fazem uma análise contundente dessa premência. Quase todos vamos adentrando no embalo da onda, acreditando que um novo paradigma da educação, da produção e da modernidade não pode ser de outra maneira. A premissa é que se alguém se aventura a contrariar a orientação da cantilena corre o risco de ser catapultado para o sentido inverso da história.

Por questão de sobrevivência, de satisfação do ego ou encantado pelo fascínio do desconhecido, o homem tem propensão natural para aprender o novo e desvendar mistérios, o que contribui para sua entrada no vórtice da onda. Aqueles que elucidam os mistérios da natureza alimentam o próprio ego. No entanto, os esforços das mentes prodigiosas revelam-se de pouco valor, porque, quase sempre não somam nada para a sociedade.

Entendo que ao educador está reservado um outro papel que não lhe permite prescindir de inserir na formação dos discentes um espírito crítico analítico. Com esse procedimento, possibilita ao seu discípulo rastrear o progresso. Analisar com discernimento a magnitude do bom e as conseqüências que o acompanham. A educação com essas características é emancipadora e os moços nela forjados: cidadãos livres pensadores.

Esse deve ser o azimute da educação e a filosofia da humanidade, para que a ciência não sobreponha à reflexão filosófica. A sociedade com homens imbuídos desse pensamento atende aos interesses da humanidade e ao alerta que Montaigne deixou para a posteridade quando escreveu “Ciência sem consciência não é mais do que a morte da alma”.

Palavras Chave: Saber, progresso, novas técnicas, organização social e escravidão.

ABSTRACT

MOREIRA, José Francisco. Technological progresses and the Social Costs
Belo Horizonte, 2002, 122 pages.

Dissertation (Mestrado in Engineering of Production with emphasis in Education)
Program of Masters degree in Engineering of Production. UFSC, 2002.

In that dissertation I intend to invoke a reflection on what it was in the time and in the space esteemed as advantages and disadvantages advindas of the human knowledge. It intends the research to approach the man's history, beginning at that time of the caves, going by the industrial revolution, draining in the modern society.

I don't want to constitute the work lamentations of nihilist, however I long for to maintain in the focus the critical analysis of the obscure face of the serventia of the knowledge. Being like this, the research is wearing shoes in the importance of knowing the two faces of the wonderful human mill built along the time.

The generalization of the beneficial idea of the progress is so taken root that are premidos for the ballad that all the men and institutions, they should be run over of that that the new techniques offer.

Obscured by the wave, the specialists don't make a contusing analysis of that premência. Almost we everybody is going penetrating in the lulling of the wave, believing that a new paradigm of the education, of the production and of the modernity it cannot be in another way. The premise is that if somebody ventures to thwart the orientation of the ballad the risk he/she runs of being catapultado for the inverse sense of the history.

For survival subject, of satisfaction of the ego or enchanted by the stranger's fascination, the man has natural propensity to learn the new and to unmask mysteries, what contributes to its entrance in the vortex of the wave. Those that elucidate the mysteries of the nature feed the own the ego. However, the efforts of the prodigious minds are revealed of little value, because, they don't almost always add anything for the society.

I understand that to the educator is reserved another paper that doesn't allow to do without it of inserting in the formation of the discentes an analytic critical spirit. With that procedure, it facilitates to its pupil rastear the progress. To analyze with discernment the magnitude of the good and the consequences that accompany him. The education with those characteristics is emancipadora and the young man in her wrought: citizens free thinkers.

That should be the azimuth of the education and the humanity's philosophy, so that the science doesn't put upon the philosophical reflection. The society with dipped men of that thought assists to the humanity's interests and the alert that Montaigne left for the posterity when he/she wrote " Science without conscience it is not more than the death of the soul ".

Words Key: To know, progress, new techniques, social organization and slavery.

1 INTRODUÇÃO

O saber origina-se do espírito criativo do homem, materializa-se através de um instrumento, um artefato, um livro ou uma idéia. De acordo com o alarido e ou com as discussões que suscita se eterniza, entronizando seu autor no reinado do tempo.

É a vontade indômita do espírito humano que rompe os limites da mente de quem o criou. Manifesta-se de formas variadas, sendo percebido nas inovações que possibilita.

Os ufanistas do progresso festejam-no, ao passo que essa dissertação pretende mostrar o desserviço do saber.

Antigamente as ciências se desenvolveram lentamente e sucessivas gerações viveram sem conhecer uma grande transformação. A entrada em cena das grandes revoluções acarretou profundas modificações na produção e nos costumes. Quanto mais complexo o nível do saber mais acelerada a marcha do progresso. Hoje, todos assistem atônitos a velocidade com que as inovações movimentam a roda da história.

Os mais sagazes percebem que a materialização do invento propiciado pelo saber na área das ciências, tal como física, química, biologia, matemática, medicina e engenharia, quase sempre não cumpriu e não cumpre uma função social. Isto porque, um grupo seletivo é melhor aquinhoado com as benesses das novas técnicas. Apesar de tudo isso, as inovações são sempre apresentadas pela mídia como algo extraordinário. A mídia no seu suposto papel de sustentáculo da vanguarda conclama a que todos glorifiquem os novos conhecimentos. Nesse campo fértil o saber avança no tempo e a velocidade do avanço impede que muitos aprendam as novas formas de manuseio das máquinas e instrumentos.

Quase tudo que antes fora um sonho para a ciência hoje se tornou realidade. Muito do que outrora fora considerado ficção, hoje é realidade. O ditado de que a ficção de ontem é a realidade de hoje torna-se cada vez mais uma grande verdade. Os submarinos, a epopéia da viagem à lua, telefones celulares, clonagem, código genético, semi-condutores, on-line, internet, é um elenco de grandes realizações que registram a verdade do ditado. São comprovações do quanto o espírito humano é pródigo em idealizar e materializar suas fantasias.

O saber trás consigo as máquinas e artefatos que são os frutos normais da imaginação. Esses instrumentos recebidos em apoteótica exaltação, geram as seqüelas que o entusiasmo cuida de oldidá-las. Para elas nenhum comentário, pois, a exaltação confina qualquer vestígio de desconfiança. Para citar uma entre centenas de seqüelas, vejamos como se deu a história da máquina de imprimir.

Parece que foi ontem a invenção de Johannes Gutenberg. Ele montou uma pequena máquina, um móvel que muito se parecia com um carimbo mecânico e que permitia imprimir, com grande velocidade, um conjunto de letras sobre uma folha de papel. Rapidamente se substituiu o processo de produzir livros à mão. A tipografia assumiu essa função, porque permitia produzir um grande número de páginas em pequeno espaço de tempo e a custo inferior. O engenho mecânico de imprimir espalhou-se pela terra e dela varreu a profissão dos copistas. Essa foi uma das primeiras profissões de qualificação, após a invenção da escrita. Perdureou centenas de anos e de repente foi extinta como consequência de um novo saber. O advento da máquina foi o fruto normal e o desemprego a seqüela da qual o progresso nunca se aparta.

Junto com a invenção de Gutenberg, a máquina a vapor, a máquina de beneficiar algodão e o tear elétrico, constituem também, outro grande elenco de realizações. Essas conquistas tomadas em conjunto e acrescidas do advento da grande indústria transformaram todo aspecto da vida na terra, modificando o ambiente da humanidade.

Qualquer estudo metuculoso leva quem escreve uma dissertação da natureza a que esta se propõe a reconhecer a grandiosidade das realizações proporcionadas pelo saber. Por outro lado o mesmo estudo evidenciará fatos que maculam a imagem límpida que fazem do progresso.

Por paradoxal que pareça o progresso provoca o avanço da miséria. As seqüelas da degradação social que vieram casadas com a eclosão da Revolução Industrial, já bem cedo, encontrou seus ferrenhos opositores. Crítica de grosso calibre recebeu aquela transformação por alguém que conviveu com ela. “ A ascensão da indústria sobre as bases do capitalismo, converteu a pobreza e a miséria das massas trabalhadoras em condições de vida da sociedade” Engels (Ano A, p.33).

A isso pode ser acrescido o impacto ambiental causado pelos resíduos industriais. Há meio século não se falava com ênfase e praticamente ninguém asseverava sobre o iminente perigo do desequilíbrio ecológico . A contaminação da

água e do ar, a perturbação na camada de ozônio e o efeito estufa não figuravam na cena das discussões de intelectuais na década de 40. Como se não lhe dissessem respeito o progresso tem avançado célere e indiferente ao rastro que deixa pelo caminho.

A mente criativa do homem iniciou um processo gradativo de avanço que começou no tempo caverna, passando por uma sociedade primitiva sem a imposição de um estado. Posteriormente o conhecimento levou à uma sociedade primitiva mais complexa que concebeu o primeiro estado. Depois veio a escrita, os estados imperialistas, o período medieval, a revolução industrial e por fim a cibernética. Todos vieram na esteira da história, movimentada pela mente criativa do homem.

Junte-se a isso, que atendendo a interesse de um grupo seletivo, quase sempre autoridades do estado, o mundo foi palco de centenas de guerras sendo algumas delas catastróficas. Nesses conflitos, nações de saber bélico, religioso, político e econômico mais aprimorados martirizaram outras de saber inferior. Nos entreveros, os povos de conhecimento inferior (principalmente conhecimento das artes de guerra) submergiram ante a cultura dos mais avançados. Há que se discutir os fundamentos e finalidades da superioridade cultural. Aos estudiosos competem clarear os fatos, para que se possa compreender a face cruel dos saberes religioso e político, para extinguir a violência deles decorrentes.

Um exemplo de violência típica da concepção religiosa ocorreu por ocasião da colonização espanhola na América. A formação cristã dos europeus deixaram-nos perplexos diante do canibalismo que constataram entre os povos indígenas da América. A mesma perplexidade não se fazia sentir entre eles diante do costume religioso de seu tempo de “esquartejar um homem entre suplícios e tormentos e queimar aos poucos, ou entregá-lo aos cães e porcos, a pretexto da devoção da fé.” Aranha (1996, p. 17)

Outro exemplo de violência, desta vez política, ocorreu por conta da concepção diferente de cultura que tinham os brancos e os índios da América do Norte.

Os povos indígenas foram martirizados pelos brancos diante da política norte-americana de estender seu território do oceano Atlântico ao Pacífico. Nessa tarefa se fazia necessário expulsar ou dominar os gentios que habitavam parte dessas terras.

Muitos foram mortos, outros expulsos ou dominados após longo conflito. Condoídos com o banho de sangue que protagonizaram, os brancos assinaram um tratado de paz com os índios das Seis Nações. Na ocasião, foram enviadas cartas às tribos indígenas para que mandassem seus jovens às escolas de Virgínia. Os chefes recusaram porque consideravam sem valor a cultura dos vencedores e Aranha (1996, p.14) anotou em seu livro de lições de filosofia a justificativa dos selvagens:

Nós estamos convencidos, que os senhores desejam o bem para nós e agradecemos de todo coração. Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes das coisas e, sendo assim os senhores não ficariam ofendidos ao saber que vossa idéia de educação não é a mesma que a nossa.

(...) Muitos de nossos bravos guerreiros formados nas escolas do norte aprenderam a vossa ciência. Mas quando voltaram para nós, eram maus corredores, ignorantes da vida na floresta e incapazes de suportar a fome e o frio. Não sabiam caçar veado, matar inimigo e construir uma cabana e falavam muito mal a nossa língua. (...). Para mostrar a nossa gratidão oferecemos aos nobres senhores de Virgínia que nos envie alguns de seus jovens, que lhes ensinaremos tudo que sabemos e faremos, deles, homens...

A história é repleta de ações desvairadas dessa natureza e que a juízo dos vencedores são corretas e empreendidas em nome do bem. Desde os tempos imemoriais o vencedor impõe seu saber ao vencido.

Já na aurora da história os povos detentores de conhecimento superior investiam contra outros de conhecimento mais rudimentar trazendo-lhes o pavor. No tempo da revolução agrícola, no período do neolítico, sem a dor que a fé impunha aos hereges supliciados, os povos pastores e agricultores investiram contra outros povos.

Estendendo o horizonte da nova cultura, segundo Ribeiro (1983, p.69):

Como vanguardeiros da nova tecnologia, os povos agricultores e pastores, divididos em grupos tribais, avançaram sobre vastas áreas, desalojando suas antigas populações, sempre que essas ocupavam terras ou pastagens naturais. Conformaram-se desse modo, em diferentes regiões do mundo, áreas de ocupação agrícola e pastoril cada vez mais extensas cercadas por contornos marginais. Mais tarde, esses contornos reduzir-se-iam a meras ilhas, onde grupos de caçadores e coletores continuavam vivendo a antiga existência, como povos atrasados da história...

Seja dolorosa ou não, a tecnologia de um povo avilta outros que acabam por desaparecer. A fluência da cultura superior para os ignaros se faz de forma determinada e quase sempre pela força das armas. Via de regra, a história ensina que os povos de cultura mais aprimorada, elaboram as armas mais poderosas e com elas extinguem as culturas inferiores.

Até parece maldição, o saber possibilita as armas, que proporcionam a escravização dos que menos sabem. Elas fazem os vencedores que despojam a terra, a cultura e a honra dos vencidos. As armas, esse poderoso engenho infame, sustenta a iniquidade, a soberba e a ganância dos que sabem mais. De posse do saber bélico os vencedores tripudiam os derrotados. A inteligência que lhe entrega a arma ao mesmo tempo rouba-lhe a alma.

É a lei que o saber mostrou aos historiadores desde o neolítico. As centenas de guerras havidas mostram a atrocidade da supremacia da cultura.

A colonização dos territórios dos índios na América do Norte e na América Latina são refinados exemplos de interferências danosas de culturas superiores.

De repente, num passe de mágica, amparados por uma tecnologia pujante e bélica uma cultura complexa anula outra mais simples, sedimentada por sucessivas gerações de um povo. Joga por terra um costume milenar, forjado ao longo do tempo de sua própria existência.

As colonizações se fizeram nessa regra, os povos de saber mais requintado e técnica mais apurada transformaram em cinzas os conhecimentos de quantos não lhe foram páreo.

O progresso chegou hoje na era cibernética. Com a profusão de possibilidades que oferece e o enorme espaço que ocupa, o computador é uma das maiores glórias protagonizadas pelo saber tecnológico.

Ao contrário das máquinas inventadas no passado que dependiam pouco uma da outra as de hoje trabalham juntas. Munido de um microcomputador pode-se visitar bibliotecas de faculdades, bibliotecas privadas e públicas, bibliotecas nacionais de corporações científicas etc. A maioria delas permitem que se folheiem e até visitar seu banco de dados e catálogos. Algumas delas permitem copiar livros eletrônicos que sejam de domínio público. Pode-se, por exemplo, visitar a cúria, o arquivo literário irlandês, acompanhar a exposição do Vaticano e estudar arquitetura no Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza. Existem cursos virtuais de pós-graduação ministrados por universidades brasileiras.

O surgimento dos computadores em 1946, início da fabricação dos computadores pessoais (PC) em 1981, a população de Cd rom e o advento da internet, dão a idéia do quanto o progresso incrementou sua velocidade no tempo.

O grande desafio da cibernética era criar uma comunicação vocal entre o homem e a máquina, invenção há muito tempo mencionada nas obras de ficção.

Várias áreas de pesquisa estão dedicando boa parte de seus recursos e projetos para viabilizar essa comunicação. Os resultados são animadores e já existem programas disponíveis para utilização em plataforma CD, que trabalha com o processador de texto proferido, praticamente dispensando o uso de teclado para a redação.

O estágio alcançado pela cibernética prenuncia que num futuro próximo o computador reagirá ao comando de voz em diferentes línguas e com diferentes inflexões de voz. No futuro será possível a um indivíduo assentado em seu escritório, no seu laboratório ou em casa, inquirir um computador sobre qualquer assunto e receber uma resposta falada, escrita ou exibida em uma ampla tela.

O avanço tem seu marco remoto e fluência permanente no tempo. Proporcionou inúmeras transformações sendo algumas de tal envergadura, que foi preciso separar o modo de vida antes e depois dessas transformações. A revolução cibernética é uma das três jóias raras do saber que provocaram as grandes mudanças. Alvin Tofler, futurólogo norte americano, considera-a uma das três as grandes modificações havidas na terra.

A primeira, segundo ele, ocorreu quando a sociedade agrícola substituiu seu modo rudimentar de vida baseado na caça e pesca. Passaram a cultivar a terra mantendo à disposição rebanhos e manadas , que eram fontes abundantes de alimento e garantia de sobrevivência. Transformaram-se de caçadores e pescadores em pastores e agricultores. Tal transformação foi por ele denominada Revolução Agrícola, primeira grande modificação do modo de saber. Por suas características de propriedade coletiva da terra e de distribuição uniforme da produção, foi uma experiência socialista. A maioria dos estudiosos pensa desse modo e não é sem razão que antropólogo Ribeiro (1983, p.65) a esse fato se referiu, afirmando que a mesma “cristalizou-se em Aldeias Agrícolas Indiferenciadas (não estratificada em classes) dos povos que se fizeram lavradores de tubérculos ou de cereais...”.

A abordagem dessa Revolução é tema do capítulo II dessa dissertação e se constitui no tempo mais feliz, vivido pelo homem.

A primeira transformação melhorou a qualidade e aumentou a média de vida dos homens. Não se pode até essa época atribuir um efeito nefasto ao saber porque os povos viviam socialmente.

A segunda, explica Tofler, veio com o advento da sociedade industrial, que trouxe consigo uma nova cultura criou grandes cidades, introduzindo o processo massificado. As seqüelas sociais dessa transformação serão discutidas no capítulo IV deste trabalho.

A terceira onda, diz Tofler, é essa embalada pela revolução tecnológica e pela preocupação ecológica. Essa onda, insiste o grande futurólogo, decreta o fim da cultura industrial e o surgimento de um novo mundo, menos massificado e mais individualizado.

Uma reflexão sobre as grandes transformações arrefece os ânimos de quem analisa a evolução do saber. É preposto desta dissertação dissecar a revolução industrial, marco de um tempo laureado pela história.

Contudo vale ressaltar, que a materialização do saber antes, durante e depois da revolução Industrial, ao mesmo tempo que enriqueceu alguns, semeou a miséria e a fome da enorme maioria. Com raras e honrosas exceções, tudo isso vicejou com a inclemência dos que detinham o saber político e religioso.

Alguns pensadores condenaram essa ordem de coisas a exemplo de Fourier (apud Engels Ano A, p.39), que menosprezava o valor social da civilização. Em seu estudo dividiu a história do desenvolvimento em quatro etapas. A última, segundo ele, começa com o surgimento da sociedade burguesa sustentada por uma tecnologia extraordinária na qual “a pobreza brota da própria abundância”.

No transcurso do tempo o progresso foi aclamado pelos formadores de opinião. Contudo, é preciso em benefício da sociedade analisar o custo social do avanço. Constituir um fórum universal para discutir as vantagens e desvantagens do mesmo. Não se pode fazer coro com os que se ufanam das modernas tecnologias alardeando seu esplendor aos quatro ventos. Os propagandistas não enxergam um traço sequer de mazelas, se é que acreditam que elas existem. Um fórum com esse fim pode ser concretizado via educação, uma vez que ela e o saber são como irmãos siameses.

É pertinente à educação elucidar as dúvidas. Isso porque a evolução desenvolve-se às expensas do saber, que por sua vez viceja na sociedade, tendo por solo mais fértil a educação escolar.

O desenvolvimento está ligado por laços tão estreitos à educação, que a torna ao mesmo tempo causa e efeito do progresso. É causa enquanto transfere seu aporte de saber para aqueles que vão desvendar os mistérios da natureza. É efeito enquanto qualifica seus egressos para o trabalho requerido pelas novas técnicas que propicia.

Não há como negar a correspondência biunívoca entre o saber acumulado na escola e o progresso. Não é à toa que os países mais desenvolvidos são aqueles cujos governos destinam maiores inversões de recursos em educação e pesquisa. Esse é um exemplo acabado de que ela tem inserido em si a essência para se discutir o progresso e os efeitos por ele provocados.

Tal como a ciência a escola evoluiu em suas práticas e métodos. Começou no tempo em que o aprendiz observava alguém fazendo e depois praticava fazendo o que antes havia observado. Assim certamente se educaram os primitivos para a pesca, caça, esporte e artesanato.

Veio o tempo em que ensinavam escrevendo na areia ou na terra macia e posteriormente a fala registrada com giz na lousa.

Muitos pensadores criticaram e propuseram métodos alternativos com intuito de melhorar os métodos existentes. Alguns deles conceberam modelos de ensino que em muito contribuiriam para melhorar o processo ensino-aprendizagem.

Porém, os pensadores mais cultuados pelos docentes não são aqueles que explicitam o antagonismo social. São os que não enxergam a distância entre o papel profícuo da escola e o real papel a ser cumprido por ela. As premissas dessa categoria de pensadores são inócuas para a sociedade, mesmo assim, agregam em torno de suas idéias uma legião de educadores.

Tais pensadores em nada contribuem para modificar substancialmente a educação, no entanto, são estrelas que iluminam o pensamento de uma multidão de docentes.

As novas técnicas protagonizadas pelo saber são inebriantes e alienadoras, a tal ponto que os mestres não antevêem que aos poucos vão sendo engolidos pelo poder das ferramentas modernas.

O uso das novas técnicas não pode ser refutado, porém seu alcance e a gama de recursos que oferecem devem estar na mira da discussão. Já estamos perto do tempo em que assistiremos a um professor sentado à mesa de um computador transmitir lições para 10.000 alunos espalhados por vários pontos do país. Enquanto

isso os mestres ufanistas do progresso fazem apoteose daquilo que poderá ser para nós (professores) o que foi a máquina tipográfica para os copistas.

Não é fruto de inocência imaginar que até o professor sentado diante do computador poderá ser substituído por uma máquina inteligente. E assim, como os copistas, seremos varridos da face da terra. Com uma grande diferença, eles certamente não imaginavam que a tipografia mecânica estava para chegar, e nós sabemos que o computador já chegou em meio a grande alarido.

Esses exemplos mostram a outra face do saber e conclama cautela e indagações.

É necessário que a ciência continue seu desenvolvimento?

Deve ser pretensão de qualquer professor, que se apresente como candidato numa pesquisa dessa natureza, tornar-se um mestre, que tenha como suporte da aprendizagem, o uso das novas técnicas. Por outro lado, não se deve prescindir de inserir no conhecimento dos discentes, que a máquina não é o governo da vida, pois, ao passo que ela ocupa o espaço de trabalho do homem, ele vai para o ostracismo, e sua profissão para a futilidade.

Acredito, ser primazia do mestre despertar no aluno a vontade da defesa intransigente da função social da cibernética. Caso contrário, contribui para a formação de andróides, em detrimento de cidadãos livres pensadores.

As obras escritas pela maioria dos pensadores e relacionadas com a educação denotam preocupação constante em como proporcionar aprendizado mais eficiente. Os pedagogos de maior penetração nos meios acadêmicos alijam da discussão os problemas da sociedade. Esquecem ou mesmo desconhecem que a educação deve inferir que detrás da cortina da filosofia da educação, existe algo predeterminado pelo interesse da ideologia dominante. Tal fato conclama aos que pensam, a não perder de vista, que à escola compete alcançar a sociedade e atuar em função da mesma.

Ideologicamente ela é aclamada como de direito de todos, mas na prática é responsável pela exclusão e assim fazendo ela não alcança a sociedade.

É necessário encontrar o azimute da educação para contemplar a todos. A falta dos conhecimentos que a escola pode proporcionar embrutece a mente do cidadão e o relega a condição de pária da sociedade. Sem a posse do saber escolar o homem não se qualifica para a vida. A ausência de cultura é clarividente entre os excluídos e uma parcela deles vive pouco melhor do que um animal. Refiro-me

nessa afirmativa aos homens que disputam com os abutres, suínos e ratos os restos da sociedade acumulados nos lixões das grandes cidades.

A relação direta entre a pobreza da linguagem e a miséria em que vive o homem de acordo com Aranha (1996, p.18), é resultado da incapacidade de compreender a realidade. Isso porque:

Se o homem não tem oportunidade de desenvolver e enriquecer a linguagem torna-se incapaz de compreender o mundo que o cerca...

Na literatura é belo o exemplo que Graciliano Ramos nos dá com Fabiano principal personagem de Vidas Secas. A pobreza de vocabulário prejudica a tomada de consciência, e a intuição de sua situação não é suficiente para ajudá-lo a reagir.

Se a palavra, que distingue o homem dos outros seres vivos, se encontra enfraquecida na possibilidade de expressão é o próprio homem que se desumaniza...

Mais adiante a eminente autora conclama o profissional do ensino a denunciar a alienação, a ideologia e a invasão dos parâmetros do trabalho no mundo afetivo. Identificando o que está a serviço da democracia ou em oposição a ela. Em suma, destaca a ação do educador na recuperação do universo de valores em um mundo marcado pela racionalidade técnica, pelo mito do progresso, pelo super dimensionamento do especialista, enfim, pelo triunfo e o mito do saber.

Os pensadores ligados à educação em sua maioria estiveram preocupados com um novo paradigma, sempre sugeriram novos modelos, escola nova e novo pensamento. Os novos e os antigos paradigmas sempre forjaram profissionais competentes. Nos dias de hoje são evocativos os chavões, que conclamam aos docentes recorrerem das novas técnicas, caso contrário, ensina os chavões, o ensino não é competente. Feito ovelhas ao encanto do pastor, os professores se encontram fascinados pelas luzes do progresso. Desvinculados da competência de analisar do progresso, omitem-se da discussão que forme consenso a respeito das vantagens e desvantagens das novas técnicas.

A sociedade que não oferece escola de boa qualidade para todos, imerge a grande maioria nas trevas da ignorância e se torna insensível ao tipo de admoestação feita pela referida autora.

É preciso postular por um ensino de caráter transformador e que oriente suas ações no sentido de satisfazer as necessidades básicas do conhecimento. Uma ação conjunta (docentes, alunos, comunidade), além de fortalecer a educação,

convertem os cidadãos em guardiões de seus próprios direitos e perpétuos defensores de um futuro promissor para as gerações posteriores.

Mais do que nunca é imperioso que os docentes encontrem esse caminho, pois estão sem rumo e fragilizados em face das forças que permeiam o sistema e determinam a ordem natural das coisas. O ordenamento moderno impõe uma série de aprendizagem ao homem e o torna escravo dos tempos modernos camuflando a verdadeira finalidade do aprender.

Não são alvissareiras as perspectivas e é tempo de “perguntarmos sobre as possibilidades reais para o homem de hoje, convivendo com os avanços meio inconscientes de uma ciência que é, em si, maravilhosa, mas que em muito se tornou perversa em razão da perda de uma consciência reflexiva profunda” Carvalho (2000, p.92).

Embatumado por milhares de informações novas, o homem segue seu destino de eterno apologista do progresso. Contudo, a ciência poderia produzir outra coisa porque o engenho humano é maravilhoso. A tarefa dos que descrêem dessa ordem de coisas é por a nu a ideologia dos beneficiários da ciência, e que tornaram-na perversa.

Muitos levantaram suas vozes de protesto contra os beneficiários das ciências. Alguns teceram críticas vigorosas contra o rumo dado pelo saber religioso, científico e político. Por outro lado também nunca faltaram os guardiões da ordem instituída pelos detentores do saber.

Insatisfeito com a textura social decorrente do desenvolvimento ao longo dos séculos, Diderot (apud Konder 1984, p.17) aconselhava aos seus leitores “examinem as instituições política, civis e religiosas; ou muito me engano ou vocês verão nela o gênero humano subjogado, a cada século mais submetido ao jugo de um punhado de meliantes”.

Esse era o calibre da denúncia austera de quem não se intimidava com o poder da ideologia dominante. Incomodado e injuriado por essas e outras premissas de Diderot e Rosseau muitos ideólogos conservadores foram à revanche. Escritos encolerizados de alguns revanchistas sintetizam toda ira despertada pelos dois pensadores franceses. Maurice Barres (apud Konder 1984, p.17) vilipendiou capacidade de síntese de ambos, imputando-lhes responsabilidade pelas mazelas sociais. Deles disse o seguinte “Diderot e Rosseau duas forças de desordem são responsáveis por muitos males que nos afligem”

Para melhor julgamento de tudo que perdura na sociedade carece compreender a gênese e o ulterior progresso das artes e das ciências. Carece ter compreensão das vantagens e desvantagens das inovações apregoadas como panacéia. Sobretudo, compete aos de melhores juízos postularem para que os novos tempos promovidos pelas novas técnicas acalentem o sonho e a esperança de uma sociedade mais fraterna.

Assim fazendo as benesses do saber alcançam a grande massa até hoje não alcançada. Escreve uma história até hoje não escrita e bane da terra o suplicio da guerra, da fome, da miséria e do desamor.

1.1-Objetivos:

1.1.1-Geral:

- Rastear o avanço do saber e o reflexo desse avanço nos meios de produção, na organização social do pensamento filosófico, político e religioso.

-1.1.2 Específicos

-Analisar três grandes Revoluções Tecnológicas proporcionadas pelo saber e o custo social desses avanços.

-Analisar os malefícios do saber: religioso, filosófico e tecnológico que vieram na esteira dessas revoluções.

1.2 Estrutura

Esta dissertação é composta de cinco capítulos que analisam o rastro do progresso. A abordagem coloca no foco da crítica as profundas marcas que deixaram a Revolução Agrícola, Revolução Urbana e a Revolução Industrial. O objetivo primordial é mostrar que esses acontecimentos, a despeito das transformações espetaculares que provocaram, deixaram seqüela social de triste memória.

Capítulo II – Retrospectiva da infância da humanidade, análise da cultura das sociedades primitivas até aquela que se formou na Revolução Agrícola.

Capítulo III – Retrospectiva da Revolução Urbana

- * Análise da cultura da sociedade urbana de poderio regional que se desenvolveu nas margens do rio Nilo.
- * Análise da cultura da sociedade urbana que se desenvolveu na Grécia.

Capítulo IV – Revolução Industrial

- * Antecedentes - (Idade Média, Renascimento, Revolução Comercial).
- * Revolução Industrial

Capítulo V – Conclusão

2 RETROSPECTIVA DO AVANÇO CULTURAL E TECNOLÓGICO DO HOMEM PRIMITIVO À REVOLUÇÃO AGRÍCOLA

O termo pré-história foi proposto pela primeira vez, em 1851, por Daniel Wilson, para definir o estudo dos períodos que não tinham sido registrados intencionalmente pelo homem. Por registro intencional entende-se, sobretudo, a utilização da escrita. Isto implica que em cada região do mundo a pré-história

começa com o aparecimento do homem e termina quando surgem os registros escritos. O tempo cronológico varia para as diversas regiões da terra. Existem em pontos distantes da civilização regiões cujos habitantes vivem nas condições que viveram as comunidades agrícolas no período neolítico.

A pré-história é dividida em:

Paleolítico ou Idade da Pedra lascada

Vai desde o aparecimento do homem até cerca de 10000 anos antes de Cristo.

Neolítico ou Idade da Pedra Polida, no qual ocorreu a Revolução Agrícola.

Começa em 10000 a.C e termina em 4000 a.C com a invenção da escrita.

Idade dos Metais

Transição da Pré-história para a história propriamente dita e marca o início das civilizações, por volta de 4000 a.C.

2.1 Período Anterior à Revolução Agrícola

Não se sabe com precisão onde o homem surgiu na terra. Há indícios de que tenha sido no sul da África ou na Ásia Central dada as condições climáticas dessas regiões, que favoreceram a evolução de uma variedade de tipos humanos. Possivelmente migraram daí para a Ásia oriental, norte da África, Europa e América.

Acredita-se que o homem exista desde 1000000 (um milhão) de anos antes de Cristo e que durante centenas de séculos permaneceu em estado primitivo. A condição de vida do homem nos primeiros 500000 anos de sua existência, foi pouco melhor do que a dos animais superiores.

O período paleolítico tem origem no marco 500000 a.C. e vai até 10000 a.C. Esse longo tempo é dividido em duas fases, a mais antiga é o paleolítico inferior que cobre 75% do período, enquanto que os outros 25% correspondem ao paleolítico Superior.

2.1.1 Paleolítico Inferior

Quatro espécies humanas habitaram a terra nessa primeira fase. Os primitivos foram denominados (*Pithecanthropus Erectus*) ou homem - macaco em pé, também chamado homem de Java do qual foram encontrados restos de esqueleto na ilha de

Java em 1891. Avaliada a capacidade craniana, verificaram que ela era o dobro da de um gorila macho e cerca de dois terços da capacidade craniana do homem moderno.

Também habitaram a terra nessa fase o Homem de Pequim, e posteriormente o homem de Fontéchevade.

Durante os últimos 25000 anos do paleolítico inferior surgiu o Homo Neanderthalensis, quarta espécie de homem pré-histórico, que dado aos seus hábitos, recebeu a designação histórica de homem das cavernas (troglodita). Fragmentos do seu esqueleto foram descobertos primeira vez no vale do Neander, no noroeste da Alemanha, em 1856.

2.1.1.1 Cultura do Paleolítico Inferior

São escassos os conhecimentos da cultura do homem do paleolítico inferior. Suas habilidades e ciências adquiridas são ínfimas quando confrontada com os povos primitivos de nossos dias. Apesar disso, o pitecantropo e seus sucessores não eram simples macacos que agiam por extinto. Festejavam os triunfos obtidos mesmo que por acaso. Com certeza repetiam os procedimentos que ocasionalmente tenham rendido algum sucesso. Era o exercício do saber a serviço da sobrevivência da comunidade.

É certo que faziam uso da palavra para se comunicar o que permitia que as gerações posteriores recebessem o legado da cultura. Presume-se que eram capazes de raciocinar ainda que de forma pouco desenvolvida. Com isso, devem ter recorrido da inteligência no preparo de instrumentos, armas e utensílios que suprissem a força muscular.

Burns (1968, p. 10) acredita que as ferramentas mais toscas imaginadas pelo homem:

Na sua origem, devia tratar-se de simples galhos arrancados às árvores para servir de porretes. Com o tempo veio descobrir-se que era possível lascas as pedras dando-lhes um gume cortante. A parte mais grossa era então segura na palma da mão ou talvez encabada em resina ...

Esse deve ter sido o primeiro machado manual usado pelo homem. Essa arma (ferramenta) parece ter desempenhado a função de rachador, serra, faca e raspador. Provavelmente esse artifício foi a manifestação do saber em sua tenra idade.

Também, nos albores da história, formaram-se as sociedades mais arcaicas que o homem pode conceber. Não passavam de simples agrupamentos vivendo as agruras da época. Porque, conforme ensina Ribeiro (1983, p.66):

Antes da revolução agrícola o homem vivera sempre em pequenos bandos móveis de coletores de raízes e frutos, de caçadores e pescadores, rigidamente condicionados ao ritmo das estações engordando nas quadras de fartura e emagrecendo no período de penúria. Só em regiões excepcionalmente dadas, como as costas marítimas ricas em mariscos e por isso mesmo muito disputada esses bandos podiam alcançar maiores concentrações...

Antes do fim do paleolítico inferior, o homem de Neanderthal aperfeiçoou os métodos de lascar as pedras, ocasionando o aparecimento de pontas de lança, facas e raspadores muito mais eficientes.

Nas entradas das cavernas, onde viviam ou pelo menos refugiavam os homens dessa espécie, foram encontradas eiras em que eram trabalhados o sílex e lareiras de pedra, onde ao que parece eram alimentadas enormes fogueiras. Isso sugere a origem da cooperação e da vida em grupo. Talvez seja esse expediente, o embrião das instituições sociais. Também foi costume dos Neanderthalenses enterrar os mortos em sepulturas rasas junto com utensílios e outros objetos de valor. A prática sugere que esses homens desenvolveram o sentimento religioso ou pelo menos a crença na vida depois da morte. Essa foi a primeira manifestação do saber religioso concebido pelos homens.

2.1.2 Paleolítico Superior (30000 a.C. a 10000 a.C.)

Começou cerca de 30000 a.C., durou duzentos séculos aproximadamente, terminando por volta de 10000 a.C. Os homens dessa fase são denominados Cro-Magnon, em razão de ter sido na caverna de Cro-Magnon no departamento francês de Dordogne, que se descobriram algumas de suas mais relíquias mais típicas. Eram altos (1,80m em média) espadaúdos e eretos com capacidade craniana aproximadamente igual à média moderna. As pronunciadas arcadas superciliares características das espécies anteriores haviam desaparecido.

2.1.2.1 Cultura do Paleolítico Superior

Essa nova cultura apresenta-se com assinalada superioridade, sendo seus instrumentos e utensílios obtidos com técnica mais apurada. Passaram a fabricá-los na conformação mais adequada e em maior variedade. Utilizam não só a pedra, mas também o chifre de rena e marfim. Seus objetos de uso eram mais complicados como agulha de osso, anzol, arpão, lança dardos e no fim do período o arco e flecha. A manufatura de armas e instrumentos mais sofisticados fizeram deles melhores caçadores e coletores de alimentos. Realizavam caçadas às manadas de mamutes, renas, bisões, bois e cavalos selvagens. Dependiam da pesca e da coleta de frutos, nozes, castanhas, raízes, mel, insetos, ovos, moluscos e animais pequenos. Embora não soubessem tecer usavam peles de animais como agasalho, que eram costuradas umas às outras.

Foi encontrado grande número de dentes de animais, o que leva a crer que eles faziam colares e pingentes para se enfeitarem. Cozinham os alimentos, fato evidenciado pela descoberta de inúmeros fogões. Na proximidade de um deles, em Solutré no sul da França, foi encontrado um acúmulo de ossos carbonizados, contendo os restos de 100000 animais de grande porte, certamente abatidos para saciar a fome de todos que participavam da caça.

Não construíam casas, apenas erigiam algumas choupanas simples em lugares sem abrigos naturais e eram de costume totalmente nômade. No entanto, indícios encontrados nas cavernas revelam que elas foram habitadas por esses homens, pelo menos temporariamente, durante anos consecutivos.

Existem também, indícios do pendor dos Cro-magnonenses, para uma vida fraterna e de camaradagem. Baseado em Burns (1968, p. 12), pode-se emitir juízo de valor a favor da fraternidade entre eles, porque “a profusão de ossos carbonizados em Solutré e alhures denota a cooperação na caça e partilha de presas em grandes festins da comunidade “

Não é somente a sabedoria em viver socialmente desses grupos humanos que encantam. Os pesquisadores se surpreendem com a perícia que se observa na feitura de suas armas e instrumentos. As técnicas patentes nas criações artísticas prenunciam uma certa divisão do trabalho. A perícia da manufatura garante que nessa fase do paleolítico existiram nas comunidades artistas e artesãos profissionais.

A arte por excelência foi a pintura, de onde emana o prodigioso talento da época. Os artistas tinham discernimento do uso de cores e meticulosa atenção aos detalhes. É fascinante a capacidade que tinham de empregar a escala ao representar um grupo e acima de tudo eram geniais na apologia do naturalismo.

Embora desconhecemos as artes da cerâmica e da arquitetura, é digna de nota a habilidade com que o pintor representa os movimentos. Os seus murais retratam o dia-dia dessa gente, onde predominam figuras de animais correndo, saltando, pastando, ruminando ou enfrentando caçadores.

A pintura é o legado involuntário com que o Cro-Magnonense brindou a história, permitindo que a posteridade se apercebesse do seu dia-dia. A manifestação da arte desse homem é a expressão viva de um sentimento estético, abundante na linha graciosa, na disposição simétrica e nas cores vivas. O exercício da arte foi para eles uma atividade simples sem a supervalorização que nos tempos posteriores foram atribuídos às peças e aos artistas da arte em geral. Burns (1968, p. 14), deduz que narcisismo do artista pela obra não existia, em face de que:

As melhores pinturas e desenhos são geralmente encontrados nas paredes e nos tetos das mais escuras e inacessíveis partes das cavernas. ...Ninguém poderia ver as criações dos artistas a não ser à luz imperfeita de fochos ou lâmpadas primitivas que deviam fumejar e espirrar horrivelmente, uma vez que o único combustível para iluminação era a luz animal...

Existe uma tênue possibilidade de que se tenha criado um sistema primitivo de escrita, nessa fase paleolítica.

A abundância do saber demonstrado pelas comunidades da época induz a que alguns de seus membros passaram por longos períodos de adestramento, durante os quais, por certo foram sustentados pelo resto do grupo. Dessa forma teria surgido uma aristocracia cujos membros mais altamente colocados gozavam de prestígio para se tornarem dirigentes com autoridades limitadas. Infere-se daí que o homem aquinhoado pelo saber se distinguia, mas não oprimia seus pares.

Essa notável cultura teve fim prematuro por volta de 10000 a.C. A decadência interna exemplificada pelo declínio da arte pode ter sido uma das causas. Entre o conjunto de fatores que a extinguiram, o principal parece ter sido a exaustão parcial das fontes de alimentação. À medida que a última geleira se deslocava cada vez mais para o Norte, o clima da Europa meridional se tornava cada vez mais quente, com isso as renas foram pouco a pouco migrando para a região do mar Báltico. O

mamute por essa e por outras razões acabou sendo extinto, enquanto isso, milhares de representantes da magnífica espécie do Cro-Magnon provavelmente pereceram. Alguns seguiram as renas para o norte, ao passo que outros permaneceram em seu habitat original e foram obrigados a redobrar esforços na luta pela sobrevivência.

2.2 Período Neolítico - Revolução Agrícola

Essa revolução ocorreu na fase mais avançada do período neolítico, sendo a expressão neolítica a denominação dada ao último estágio da cultura pré-literária. O termo é assim empregado em razão de que as armas e os instrumentos de pedra passaram a ser fabricados com polimento. Esses homens vieram da Ásia Ocidental e se espalharam pela África e sul da Europa. São imprecisas as datas que identificam o início do período, o certo é que sua cultura não se estabeleceu na Europa antes de 3000 a.C. Mas, os estudiosos são unânimes em acreditar que a origem do período é muito anterior.

Os arqueólogos acreditam que os primeiros homens do neolítico viveram por volta de 8000 a.C. Vinte séculos depois, em 6000 a.C., as comunidades agrícolas, características desse período haviam se espalhado por todo sudoeste da Ásia, sul da Europa e norte da África. No Egito existem vestígios de que ela tenha chegado por volta de 5000 a.C.

O fim dessa fase também é matéria controversa. Acredita-se que tenha sido suplantada no Egito pela primeira civilização histórica por volta de 4000 a.C., porém, a cultura do neolítico sobreviveu na Europa até aproximadamente dois mil anos antes de Cristo, com exceção da ilha de Creta onde durou mais tempo.

O estágio de desenvolvimento alcançado foi extraordinário e até hoje se sustenta. Os nativos de algumas regiões do pacífico, das regiões da zona glacial ártica da América e das selvas do Brasil ainda vivem nessa fase de cultura.

O fato de que alguns grupos vivem, ainda hoje, nos moldes da vida do neolítico permite-nos glorificar o período e atribuir-lhe uma fabulosa importância histórica. A Revolução Agrícola ocorrida nesse tempo permitiu que o homem exercesse maior domínio sobre o meio do que seus predecessores. Com ela o homem diminuiu a probabilidade de perecer devido a alguma mudança climática ou falta dos suprimentos alimentares. Isso porque, enquanto todos que viveram anteriormente eram caçadores e coletores, eles foram produtores de alimentos. Confinavam

animais capturados, preparavam a terra para plantio e colheita dos alimentos. Deixaram de praticar a caça predatória e coleta de frutos, tornando-se pastores e agricultores. Segundo os pesquisadores foi a primeira das três grandes mudanças havidas na terra.

2.2.1 Cultura do Período Neolítico

Cultivavam a terra e mantinham à disposição rebanhos e manadas, que eram fontes abundantes de alimento e garantia de sobrevivência. Essa atividade permitiu um rápido aumento da população, favorecendo o desenvolvimento de instituições sociais. Embora as culturas do Neanderthal e Cro-Magnon tivessem tido considerável difusão, elas se limitavam em grande parte às áreas continentais acessíveis ao velho Mundo. Por outro lado, as condições de cultura do homem neolítico permitiram que ele se espalhasse por toda superfície habitável do globo. A sabedoria do homem desse tempo possibilitou a fabricação de novas armas, utensílios, artefatos e instrumentos que ampliaram o alcance da cultura de então.

Viajaram distâncias incríveis penetrando em todas regiões habitáveis da terra. Trilhando rotas ousadas chegaram ao Havaí fazendo um percurso homérico de 6500 Km. Não se sabe se as incursões foram intencionais, “mas, fosse como fosse, o fato é que lá chegou, pois quando o homem branco ali aportou os nativos da ilha havaiana tinham, essencialmente, o mesmo tipo de cultura que o homem neolítico de qualquer outro lugar” Burns (1968, p. 17).

A difusão da cultura certamente ocorreu em função da combinação de alguns fatores, sendo um deles o invento de barcos e jangadas. Desprovidos desse meio de locomoção os homens do neolítico não conseguiram alongar as fronteiras das culturas que criaram.

As longas rotas de migração traçadas com as embarcações primitivas deram como resultado líquido um padrão semelhante de cultura por distantes regiões da terra.

Sabiam as artes de fiar, de tecer malhas e panos, e foram os primeiros a fabricar cerâmica e obter o fogo artificialmente. Seus arquitetos projetavam casas de madeira e de barro, enquanto os metalurgistas na fase final já fabricavam uns poucos instrumentos de cobre. Entretanto, a prática da agricultura e domesticação

de animais foram os responsáveis direto pela exuberante cultura desse povo. Não é sem razão que Burns (1966 , p. 16) afirma que:

O cultivo da terra e a manutenção do rebanho em manada proporcionaram-lhes fonte mais seguras de alimentos e, em certas épocas , lhe garantiam sobras. Tais circunstâncias tornavam possível um aumento mais rápido da população, estabilizavam a existência e favoreciam o desenvolvimento de instituições. Tais foram os elementos de uma grande revolução social e econômica cuja importância seria quase impossível exagerar...

O novo modo de produção combinava dois preciosos fatores. Gerava a energia necessária ao sustento e ao mesmo tempo poupava-lhe o gasto de energia nos esforços musculares. Recorrendo-se dos animais para montaria o homem aumentou os limites de domínio da terra, facilitando o contato com outros povos. Vejamos as sábias palavras de Ribeiro (1983 p. 67):

A domesticação de animais surgida em certas áreas , permitiria enriquecer a dieta humana com uma provisão regular de carne e também leite e peles. Mais tarde, alguns dos animais domesticados proporcionaram uma nova fonte de energia muscular, além da humana , como montaria ou força de tração de arados e carros , multiplicando dessa forma , a capacidade produtiva do homem e sua mobilidade espacial...

Estima-se que antes do fim do período pelo menos cinco espécies: cão, vaca, cabra, ovelha e porco - tenham sido adaptadas às necessidades humanas. Da verificação de que das sementes caídas no chão germinavam as plantas, gradualmente tornaram-se experientes no cultivo de trigo, cevada, tubérculos, frutas, hortaliças.

Do ponto de vista histórico uma das características mais importantes do período foi o desenvolvimento de instituições complexas como família e religião. Uma das mais antigas instituições do homem é a família, que com suas nuances poligâmicas ou monogâmicas, foi criada no neolítico e era regida por um conjunto de códigos e padrões.

A religião (Práticas Espirituais) é outra instituição que fora fruto da sabedoria do homem dessa época, provavelmente adveio da estreita relação que tinham com a natureza e do precário conhecimento sobre agricultura, pastoreio e reprodução. Esses fatos originaram crenças, rituais e cerimônias religiosas que tinham o poder de garantir colheitas e caçadas abundantes. O saber religioso se fazia respeitar

pelas lideranças que implementaram um conjunto de ritos com finalidade de proteger a sociedade.

Ninguém do grupo podia desrespeitar as cerimônias sob risco de severa punição. O medo era um elemento determinante nos rituais religiosos. Por essa razão, o esquimó, quando abatia um urso, orava para apaziguar a alma do animal morto, a fim de que ela não causasse nenhum mal ao grupo. O sentimento de compaixão do homem neolítico certamente sensibilizou o civilizado, quando tomou conhecimento do ritual das caçadas que empreendiam os grupos neolíticos na África Ocidental. Ali, ensina Burns (1966, p.21):

O caçador que matou um hipopótamo, desentranha-o, e completamente nu, penetrava para banhar todo seu corpo no sangue do animal. Enquanto faz isso reza para o espírito do hipopótamo a fim de que este não lhe guarde rancor por tê-lo matado e que não incite outros hipopótamos a vingar o morto atacando a canoa do matador...

Outra instituição criada nessa época foi o Estado. Mas, a não ser em tempos de crise, não existiu na grande maioria das sociedades primitivas. Tal fato sugere ter sido a sua gênese bastante tardia na fase da cultura neolítica. A maioria das comunidades selvagens não mantinha sistema permanente de tribunais, força policial, nem governo com poderes coercitivos. O costume ditava as normas de conduta e era a própria lei. A vendeta (vingança) imperou na época como a única maneira de ministrar a justiça e quase não existia crime contra a comunidade.

A sociedade e seus interesses estavam acima do indivíduo e os crimes se caracterizavam pela transgressão às suas regras e costumes.

Praticamente a ofensa à sociedade resultava das violações de tabus ou proibições religiosas, mas a punição era religiosa e não política.

A exuberância desse período deu-se necessariamente como função da fixação do homem no espaço limitado. Porque, explica Munford (1988, p.18):

Com toda probabilidade, nenhuma fase dessa grande revolução agrícola poderia ter ocorrido entre nômades crônicos: ela exigia algo como a ocupação permanente de uma área prolongada por um período suficiente para seguir todo ciclo de desenvolvimento, induzindo os povos primitivos a ter a primeira visão dos processos naturais a reproduzi-los mais sistematicamente...

Por suposição a origem do estado encontra seus fundamentos na agricultura. Isso leva a crer que ele tenha existido na fase do neolítico, no entanto, de forma

moderada e com poderes coercitivos, só apareceu no vale do Nilo. Os homens do neolítico e seus antecessores viveram de forma fraterna e em cooperação mútua. O saber não havia ainda empedernido o coração da classe dirigente.

Certamente os neolíticos não conceberam um estado tirânico, a razão e os dados disponíveis força-nos a acreditar na vida pitoresca deste povo. Do que pensa Mumford (1988, p.25) daquelas tribos, deduz-se o espírito humano, a vida justa, livre e fraterna daquela gente:

Por toda parte , a aldeia é um pequeno agrupamento de famílias , variando talvez entre meia dúzia e três vintenas, cada qual com seu próprio lar , seu próprio deus doméstico, seu próprio oratório, seu próprio cemitério, dentro de casa ou em algum campo comum de sepultamento. Falando a mesma língua , encontrando-se sob a mesma árvore ou à sombra da mesma pedra, andando ao longo do mesmo caminho batido pelo seu gado, cada família segue o mesmo modo de vida e participa dos mesmos trabalho. Se alguma divisão de trabalho existe é da espécie rudimentar, determinada mais pela idade e pela força do que pela aptidão vocacional: quem olha o rosto do seu vizinho enxerga a própria imagem. Na maior parte o tempo dissolveu a estrutura material da aldeia na paisagem: somente seus cacos e conchas podem reclamar permanência: mas a estrutura social permaneceu rija e durável, pois é baseada em preceitos ditados, história de famílias, exemplos heróicos, injunções morais, conservados como tesouros e passados sem deformação dos velhos para os jovens...

Adiante veremos que na região fértil do Nilo onde tudo vicejava, foi onde primeiro se extinguiu a cultura do neolítico, e também, primeiro vicejou um estado despótico. O Estado foi montado para controle de uma população numerosa que vivia da cultura intensa de uma área limitada de solo fértil.

2.2.2 Considerações

O tênue saber demonstrado pelos homens do paleolítico inferior permite inferir que todos se beneficiavam da sabedoria de um companheiro. Certamente um ou outro homem morria na luta pelo abate dos animais que saciavam a fome de toda tribo.

Entretanto a capacidade de raciocínio, mesmo que pequena, ensinava-os a repetir os métodos que lhes rendiam sucesso nessas empreitadas. A inteligência mesmo que tênue possibilitou a aquisição de ferramentas cortantes e organização

da vida em grupo. Enterrar seus mortos foi a primeira manifestação do saber religioso do homem.

No paleolítico superior os homens aperfeiçoaram as ferramentas, tornando-se caçadores e coletores de alimentos. Festejavam os sucessos das grandes caçadas e repartiam festivamente os trunfos. Desenvolveram uma pintura de culto ao naturalismo e aperfeiçoaram o sistema de vida em grupo. Não se sabe que tenha havido indícios de tirania.

No período neolítico atingiram um nível de cultura complexa. Mudaram o modo de vida de caçadores e pescadores, passando a viver da agricultura e pastoreio. Viviam em paz da plantação e domesticação de animais pouco agressivos.

Organizaram-se em tribos constituídas de várias famílias e criaram os rituais religiosos. Famílias e crenças religiosas eram regidas por códigos e padrões. Tais expedientes foram as primeiras manifestações do saber político e religioso na perspectiva de construir uma sociedade fraterna e uma religião protetora.

Portanto o saber na sua forma embrionária tanto no período paleolítico quanto no neolítico servia a todos sem distinção. Por certo concebiam-no como alguma coisa sana, natural e divina.

O acervo de conhecimento armazenado nesse período tornou a cultura da época um marco na história da humanidade. A grande capacidade de produção agrícola adquirida no período deu origem às aldeias agrícolas que se difundiram pelas terras do Nilo e da Mesopotâmia.

O aprimoramento dos aldeões nas técnicas de irrigação, eclodiu a Revolução Urbana, originando as grandes cidades-estado. Primeiro no Egito, depois na Mesopotâmia, posteriormente na Grécia e em Roma.

Sobretudo é necessário destacar o epíteto: Aldeias Agrícolas Indiferenciadas, atribuído por Darci Ribeiro aos primeiros aglomerados populacionais. Indiferenciadas significa não estratificadas em classes, sendo esse o legado mais valioso das aldeias do neolítico.

A filosofia desse povo, o modo de pensar e agir dessa cultura não permitiu que pensamento insano articulasse um projeto de estado tirano. Infere-se disso que esses povos viveram livres da esperteza daqueles que amalgamam saber e poder.

Não há risco de erro de interpretação imaginar que pintores, artesãos, religiosos, agricultores e caçadores cristalizaram uma sociedade sem os vícios da opressão e da ganância no período neolítico.

Na ausência de um estado despótico, a escravidão nem de forma embrionária se fez presente, porque o saber até então não se prestava a interesses iníquos. A inteligência e o afeto do homem pelo homem não deram chance para que o conhecimento fosse utilizado de forma desumana.

Rosseau reivindicou para sua época a pureza do hábito desse povo primitivo, livre do malefício do progresso. Depois da Revolução Agrícola o saber tomou outra direção, e os homens recorrendo-se dos ardis da ciência política e econômica criaram um estado tirano e a tiracolo uma escravidão cruel.

No decorrer da dissertação veremos sobre a incredulidade de Rosseau na ciência que perverteu os costumes. No capítulo seguinte, analisaremos o estado despótico e escravista que brotou nas terras férteis do Nilo. Das cidades-estado que sucederam as aldeias nas margens do rio emergiu um poderoso Império Teocrático de Regadio.

3 REVOLUÇÃO URBANA - (IDADE DOS METAIS)

3.1 Civilização Egípcia

O termo civilização prenuncia uma cultura superior, necessariamente mais complexa do que as sociedades primitivas. A Revolução Agrícola foi a base da Revolução Urbana da qual advieram as grandes Cidades-Estados.

As primeiras civilizações que apareceram suplantaram a cultura neolítica que chegou ao fim, em algumas partes do mundo, pouco depois de 5000 a.C. No vale do Nilo foi um dos lugares onde mais cedo sucumbiu a cultura das tribos de Aldeias Indiferenciadas. Foi substituída por padrões mais complexos de cultura baseados no conhecimento da escrita. O novo e aprimorado modo de vida recebeu a designação histórica de civilização. A invenção da escrita não foi a única face do esplendor da nova ordem que deu início ao período denominado Idade dos Metais.

Instrumentos de pedra foram substituídos por bronze e outros metais. Foram criados o calendário, a religião, o estado e outras instituições tornaram-se mais sofisticadas, havendo também avanços consideráveis na ciência.

Por razão do espetacular progresso havido no Egito e sua extraordinária influência nos povos daquele tempo é conveniente iniciar o estudo das culturas históricas pelo aparecimento da civilização nas margens do Nilo.

A última fase do neolítico foi assentada nas bases de uma revolução que determinaram dois modos de vida diferentes: o agrícola e o pastoril.

Esses costumes diferenciados possibilitaram duas novas organizações sociais. A prática da agricultura deu como resultado as Aldeias Agrícolas Indiferenciadas na qual plantavam e colhiam raízes e cereais.

A prática do domínio e domesticação dos animais resultou no aparecimento dos pastores nômades. As tribos que praticavam agricultura promoveram a Revolução Urbana e na esteira da mesma surgiram os Estados locais, Cidades – estados que ocupavam espaços limitados ainda por uma agricultura incipiente.

A evolução tecnológica dos meios de produção agrícola trouxe para o cenário da história os Estados, a princípio protetores do interesse geral. Pouco a pouco se tornaram propriedades dos déspotas, acalentando a vontade doentia de alguns monarcas.

A fase mais avançada da agricultura foi alcançada pelos egípcios com inovação da técnica de irrigação do vale do Nilo, onde, segundo Ribeiro (1983, p.97), “cristaliza uma nova formação, capacitada a construir as primeiras Civilizações Regionais”.

A junção do saber religioso, político e tecnológico propiciou As Civilizações Regionais nas quais os monarcas e líderes religiosos criaram os Impérios Teocráticos de Regadio.

Esses estados (impérios) surgem primeiro no Egito e Mesopotâmia e posteriormente se estendem para África, Ásia e América. Nas terras da América os conquistadores espanhóis encontraram os Impérios Teocráticos pujantes e rapidamente destruíram-nos.

Anteriormente se disse que a Revolução Pastoril foi outra via de desenvolvimento que ocorreu no neolítico mais ou menos durante a revolução agrícola. O costume do pastoreio acarretou a formação de Hordas de Pastores Nômades. Alguns desses grupos assolaram a poderosa civilização agrícola do Egito e da Mesopotâmia. Os povos pastores solidificaram e cristalizaram uma sociedade à base da domesticação de animais. Essa prática configurou-se num prodigioso desenvolvimento, “Mediante seleção genética de rebanhos e especialização do criatório para obter animais de montaria e tração ou para provimento de carne, de leite e de lã” Ribeiro (1983, p.73).

A cultura dos pastores propiciaram um avanço fulgurante dos mecanismos de guerra permitindo que em várias ocasiões assolassem e ou dominassem os impérios de regadio.

A sociedade Urbana juntou o saber da Era Neolítica com a arte do bronze e nas margens do Nilo saltou de uma cultura tribal de aldeias, para outra centralizada e dominada por templos e palácios.

Revigorado por um grande número de pessoas de sua espécie - um número nunca visto de ajuntamento mais primitivo de homens – os reis governadores construíram para si e seus sacerdotes perdulários os mais belos castelos e templos. Aliciaram os súditos na arrojada empresa de erguer os templos e com eles lançaram-se num incansável ataque a toda parte do ambiente. Expandindo as terras destinadas à agricultura e irrigação, fizeram surgir as majestosas cidades em cujos palácios, os dirigentes guardavam os segredos do pensamento da nova ordem social.

Muito cedo a autoridade dirigente foi aviltada pelos excluídos, observa Mumford (1983, p.115), que queriam desvendar os segredos de tanto poder e pompa:

Esses segredos criavam uma lacuna entre os governantes e governados, quase os transformando em espécies biológicas diferentes; e foi somente depois que os próprios feitos da civilização foram chamados à baila, pela revolta popular que uma parte desse segredos foi compartilhada...

Muito cedo a discriminação social foi contestada colocando-se a autoridade soberana em xeque. É ainda Mumford (1998, p.115) quem dá ciência, de que praticamente tudo começou:

A partir do primeiro grande levante popular egípcio e revela a indignação das classes superiores, porque as ordens inferiores haviam invadido seus recintos e não simplesmente transformado suas esposas em prostituta, mas, o que parecia igualmente mau capturaram os conhecimentos que lhes haviam sonogado...

O espetacular desenvolvimento havido nas ciências criou nas cidades um modo de vida totalmente diverso daquele que o homem conheceu nas aldeias. As ciências serviram para montar as poderosas armas de guerra com que um povo assolava outro. Serviram também para criar um sistema jurídico que legitimasse apropriação do excedente de produção. As máquinas e as novas técnicas propiciavam um excesso na produção, e os apaniguados do poder dele se locupletavam.

Em 1750 a.C. o Egito conheceu a supremacia do saber dos Reis Pastores que invadiram as terras do Nilo. A incursão deu-se na região norte (delta do Rio) e os invasores fixaram capital em Ávaris e aí permaneceram por cerca de 170 anos.

Atribui-se o sucesso desse povo sobre os egípcios ao fato de possuírem cavalos e carros de guerra, até então, os mais poderoso artefatos bélicos arquitetados pela arte e ciência de guerra. A utilização do cavalo nos combates foi um expediente de extraordinária inteligência e crueldade. Os Impérios Teocráticos dos Incas, dos Astecas e dos Maias também penaram seus reveses ante a força cruel desse saber.

Era regra da civilização, os que não se preparavam para a guerra tornavam-se vulneráveis às desumanidade dos que sabiam melhor as artes e ofícios dos conflitos militares. Os mais evoluídos, ou melhor, os mais apetrechados para a guerra logravam êxito em suas ambições despóticas.

Como conseqüência de um conhecimento científico precário, os gentios da América foram igualmente vilipendiados pelo saber dos espanhóis. O desnível da

cultura dos dois povos era enorme. A fragilidade do gentio no entendimento de Galeano (1985, p.28) residia no fato de que:

Havia de tudo entre os indígenas da América : astrônomos e canibais, engenheiros e selvagens na idade da pedra. Mas nenhuma das culturas nativas conhecia o ferro nem o arado, nem o vidro e a pólvora, nem empregava a roda, a não ser em pequenos carrinhos. A civilização que se abateu sobre essas terras , vinda do além mar, vivia a explosão criadora do renascimento: A América aparecia como uma invenção a mais, incorporada junto com a pólvora, imprensa, papel e bússola ao efervescente nascimento da idade moderna. O desnível do desenvolvimento de ambos os mundos explica a facilidade com que sucumbiram as civilizações nativas...

O poderio bélico engendrado pelo conhecimento científico revelou-se incomensurável, quando comparado com os valores dos guerreiros das nações dos Incas, Astecas e Maias. O arsenal trazido pelos europeus deixaram os índios estupefatos, presa fácil, enfim uma nação impotente e inerme.

Foram vítimas do costume dócil e fraterno que caracteriza a paz em que viviam. Não estavam preparados para a guerra e com isso foram dizimados por uma cultura de rapina. Galeano (1985, p.28) pondera que dentro desse quadro o império dos Incas ruiu diante de uma força militar relativamente pequena:

Fernão Cortez desembarcou em Vera Cruz acompanhado por não mais de 100 marinheiros e 508 soldados; trazia 16 cavalos , 32 bestas, 10 canhões de bronze e alguns arcabuzes, mosquetões e pistolas. Bastou-lhe isto. E entretanto a capital dos Astecas, Tenochtitlan, era cinco vezes maior do que Madrid e tinha o dobro da população de Servilha, a maior das cidades espanholas...

Os invasores do vale do Nilo influenciaram profundamente a história egípcia. Os povos da região assimilaram o uso de carros de guerra puxados a cavalo e outras armas poderosas.

Apropriando-se do saber do dominante, o dominado aos poucos aprendeu a lição da derrota. A tirania exercida pelos icsos (pastores nômades) combinada com a assimilação das novas técnicas de guerra levou o povo conquistado à revanche.

Apesar dos percalços que a história lhe reservou a exemplo da ingerência dos Reis Pastores e do despotismo de seus monarcas os egípcios foram os criadores das ciências.

Segundo os pensadores gregos, elas surgiram no Egito para trazer a guerra e a desesperança, pois, escreveu Rosseau (1978, p.343) “Era tradição antiga, levada do

Egito para a Grécia, que o inventor das ciências fora um deus inimigo do repouso dos homens”.

Com certeza os remanescentes do suplício que os icsos impuseram ao Egito, teriam ódio dos opressores e absoluta consciência de que o saber fora para eles uma grande tragédia. Igual concepção pode-se inferir que teriam os gentios que sobreviveram à tormenta que lhes impuseram os verdugos espanhóis.

Estado e igreja coordenaram o uso pernicioso do saber. Muito embora em seus primórdios o estado tenha cumprido uma função social mais fraterna. Possivelmente essa função mais humana tenha prevalecido na passagem da sociedade de aldeias indiferenciadas para a cidade-estado incipiente.

A formação dos reinos conferiu poderes absolutos aos monarcas e pouco a pouco aumentou o flagelo dos homens. No vale do Nilo as cidades-estados da região norte formaram o reino do baixo Egito, enquanto que as da região sul constituíram o reino do alto Egito. Apesar de serem independentes e rivais, os reinos foram unificados mais tarde. Não se sabe ao certo como se deu a consolidação. Contudo, não existem vestígios de que a união tenha sido imposta pela força de alguém.

Por não ter havido um estado unificado, esse período é conhecido por pré-dinástico. Nele se registrou um avanço inolvidável nas ciências. Burns (1968, p.44) considera pródigo esse tempo, uma vez que:

Houve notáveis progressos nas artes e ofícios e até mesmo em algumas ciências. Instrumentos, armas e ornamentos eram habilmente confeccionados de pedra, cobre e ouro. Descobriram-se novos processos de acabamento, vidragem e decoração dos artefatos de cerâmica. O desenvolvimento alcançado, possibilitou a produção de objetos de utilidade e excelência artística, não inferior à outros produzidos pelos seus descendentes de época mais adiantada. Outras realizações importantes foram o desenvolvimento de um sistema eficiente de irrigação, o saneamento de terras pantanosas e a confecção de tecidos de linho...

Existem argumentos históricos razoáveis de que tenham adotado no período pré-dinástico um conjunto de leis baseado no costume e que foi imposto ao próprio Faraó.

Parece que nessa época houve um sistema de escrita e foi criado o primeiro calendário solar da história do homem. Era baseado no aparecimento anual da estrela sírius e dividia o ano em doze meses de trinta dias. O calendário entrou em

vigor 4200 anos a.C., e sua exatidão provam que a matemática e demais ciências haviam atingido considerável grau de avanço.

É certo que o estado concebido visava mudar a estrutura social para atender o alto grau de organização e produção alcançado. A invenção social do estado criou os monarcas que sucederam aos líderes das tribos. Pouco a pouco os monarcas foram revestidos de autoridade soberana, para controle social de uma comunidade desigual.

Trilhando esse caminho a Revolução Urbana criou um poder pioneiro que dava sustentação a um novo ordenamento social, em que alguns poucos detinham grande parte da riqueza proveniente da agricultura, numa das regiões de solo mais rico do planeta. As formas iniciais de controle por parte do poder eram poucas e sabiamente se estenderam até formar um estado não necessariamente despótico.

A modificação mais profunda implementada pelo saber político da civilização foi diferenciar a sociedade dotando uns poucos homens de poder e mando. Pela primeira vez na história, uma grande maioria ficou à mercê de uns poucos bem-nascidos.

No decorrer do tempo os poderosos do estado cuidaram de formar uma sociedade de desiguais, em que os faraós tornaram-se figuras sobre-humanas, tramadas pelo pensamento religioso.

Como produto da artimanha dos monarcas e dos líderes religiosos, Cotrim (1994, p.39) conta que para o povo:

O faraó egípcio personificava todos os grandes poderes do Estado, sendo considerado um deus vivo. Desse atributo resultava um caráter teocrático, que o tornava senhor absoluto de todas as terras do país e de todos os seres que nele viviam. O enorme poder do faraó e a existência do Estado Teocrático eram considerados fundamentais para o Egito. A ausência desse poder, ou seu enfraquecimento era identificado como causadora da desordem, da miséria e do caos...

Em 3200 a.C., Menés, fundador da primeira dinastia dos faraós, unificou os reinos do norte e do sul, terminando assim o período pré-dinástico. Tornou-se governante absoluto e usava coroa dupla para indicar que era rei do baixo e alto Egito.

Nesse período destacaram-se os faraós da 4ª dinastia: Quéops, Quéfren e Micerinos responsáveis pelas mais famosas pirâmides do Egito. Os monarcas comandavam com uma numerosa equipe de funcionários, composta por

administradores locais das províncias (nomos), supervisores dos canais de irrigação e os planejadores das grandes construções.

Os mistérios do saber religioso e a ganância dos governos arquitetaram a truculência do estado. O povo caiu refém de verdugos imperadores, na medida em que o saber religioso funcionava como antídoto social. Desta maneira, a mesma sabedoria que embalsamava o faraó depois de morto, gessava o povo em vida. A religião em benefício próprio desenhava na mente dos populares, governantes com atributos divinos. Assim, esclarece Burns (1968, p.45):

O governo do Antigo Império não alcançou, na realidade, o grau de absolutismo pessoal que comumente se lhe atribui. Era mais uma teocracia do que uma autocracia. O absolutismo do rei era exercido não em seu próprio nome mas como vigário de deus. De acordo com a concepção predominante, era o deus como personificação da justiça e da ordem que realmente governava - o monarca era seu agente...

Com a prerrogativa da personificação da justiça, os monarcas não encontraram dificuldades para gerir uma sociedade desigual. Não foram incomodados pelo povo que enxergava nas suas ações os desígnios de deus. O reino caminhou pouco a pouco para a degradação social orientado pelos líderes religiosos e políticos. Nesse contexto atribui-se aos mistérios do saber religioso o advento do despotismo dos imperadores.

Contudo, no Egito os governantes tinham por fundamento uma política de paz e não agressão, haja visto que não mantinham exército permanente nem milícia nacional. Cada nomo possuía sua milícia local sob o comando de autoridades civis. Nesse particular constituía um caso quase único entre os antigos estados. Posteriormente mudou a estratégia, e os faraós enquanto rapinavam outros povos, na própria casa prevaricavam.

Analisando o comportamento dos egípcios infere-se que na infância de sua história queriam cumprir seu próprio destino, respeitando o sossego das outras nações.

A razão da prioridade pela paz é atribuída à fertilidade do seu solo que é um fenômeno natural. Porque, se dependesse da inteligência do homem, o estado egípcio teria nascido como acabou, insano e despótico.

Porém, em respeito à verdade histórica, Parsons (1966, p.93) ressalva ser prudente que se diga “que entre os impérios antigos de amplitude comparável o

Egito parece ter sido notavelmente não militarizado... provavelmente os processos culturais foram mais importantes...”

Mesmo que o espírito de paz só tenha prevalecido nos primeiros tempos de sua história vale o registro honroso citado acima. A inesgotável fertilidade das terras do Egito e a organização de um Estado que preservava a cooperação entre os homens é sem sombra de dúvida uma relíquia histórica.

Essas particularidades fizeram com que reinasse nas margens do Nilo, mil anos de harmonia e relativa prosperidade. A usurpação do poder pelos monarcas, o incremento do individualismo, e pesados tributos a que o povo foi submetido degeneraram o antigo império.

No interregno 2300 a 2000 a.C. ocorreram uma série de revoltas, lideradas pelos administradores que abalaram a autoridade do faraó. Caracterizou-se esse período pela anarquia com ascensão dos nobres ao poder, sublevação da massa e pela invasão das tribos negróides e asiáticas. O conflito armado mergulhou Egito numa guerra civil e os distúrbios internos puseram fim a esse período.

Desta forma iniciou-se o Médio império, denominação dada ao período que começou em 2000 a.C. O período começou com a XI dinastia, e o governo teve sua autoridade dividida com os monarcas e nobres de grau inferior. A glória dos monarcas e nobres desse período era governar como déspotas benevolentes. Para isso desenvolveram com tirania nas jurisdições sob seus domínios, as funções próprias de chefe de estado.

Sentindo o peso dos impostos que custeavam agora uma sociedade de parasitas, a massa mesmo que inconsciente de sua força debelou, injuriada com os malefícios do saber político e religioso. Insurgiu-se contra os déspotas e a insurreição recuperou para os faraós da XII dinastia o primitivo poder que a eles pertenciam. A sabedoria orientou o faraó e Burns (1968 p.48) relata a benevolência do monarca:

O próprio povo foi recompensado com designações para cargos governamentais e com concessões de terra e outorga de direitos a certas funções especiais. Parece que concederam privilégios até então reservados a poucos, à população total sem atender às condições de nascimento ou nível social. Por essa razão o governo da XII dinastia é, às vezes, citado como o primeiro império democrático da história. O período de seu governo foi uma época áurea de justiça social e de empreendimento intelectual...

Com o fim dessa dinastia o Egito se viu envolvido com invasões estrangeiras e conspiração dos nobres para reaver os antigos poderes. A nobreza minou a força popular dos faraós e grande parte do avanço social.

O novo império começou com Amósis I, fundador da XVIII dinastia. A lição que os egípcios aprendera quando da ocupação de seu território pelos Reis Pastores, despertou o desejo de dominação.

Tomados por um ardor de conquista e dotados agora de uma enorme máquina militar, os faraós organizaram poderosos exércitos. Utilizando as táticas militares aprendidas com os icsois, invadiram e assolaram a Ásia. O mesmo sofrimento que lhes impusera o invasor, impingiram a outros povos cujo arsenal e saber nas artes de guerra eram inferiores. Mais uma vez a técnica resultante do saber de uns prestava um desserviço a outros.

A partir do faraó Ramsés III (1198 a 1167a.C.) o novo império declinou. Entrou em cena o ardid dos sacerdotes que aumentavam seus poderes controlando uma enorme riqueza, isenta dos tributos do Estado. Ao mesmo tempo a imensa maioria da população foi submetida à impostos cada vez mais pesados. Sem consciência do seu valor a população se prestava sem protestos à trabalho degradante para manter o luxo luxúria dos religiosos e da nobreza.

Nem de longe se esboçava uma reação à vida desregrada dos monarcas e sacerdotes. Os valores ensinados pela religião cumpriam seu papel de alienação, e a igreja mostrava em sua tenra idade, a vocação de ser “Aparelho Ideológico de Estado”.

A força alienadora engendrada pela religião estava de tal sorte impregnada na alma do cidadão, que “Mesmo quando aliciados para a edificação de obras faraônicas como os templos e pirâmides, o camponês e o artesão estavam contribuindo para o culto de valores, crenças e glórias que também para eles tinham sentido” Ribeiro (1983, p.102).

A face negra da ordem social egípcia era o desperdício, que exigia enorme sacrifício dos trabalhadores para manter um corpo sacerdotal parasitário. Também a edificação de templos e tumbas reais absorvia a maior parcela do excedente produzido. Em seu cativeiro no Egito, os judeus serviram a esse tipo de trabalho degradante e sob açoite. A massa de trabalhadores aliciados era enorme, Ribeiro (1983, p.103, avalia que a “edificação da Pirâmide de Cheops tenha ocupado 100 mil trabalhadores durante cerca de vinte anos. “

Com projetos gananciosos os monarcas prodigalizavam e não vislumbraram a possibilidade de que um dia o reino pudesse ruir. As mazelas do Estado e Igreja camufladas pelo binômio reis-divindades personificavam uma sociedade fadada a perecer. É fácil perceber a dupla e maléfica serventia da religião. Nos escritos de Ribeiro (1983, p.102) lê-se que a religião e o Estado foram no Egito indissociáveis, em face das prerrogativas concedidas à igreja. Porque, diz ele:

Somando a seu poderio econômico e às suas funções reguladoras o seu caráter de intermediária entre o mundo dos vivos e as forças sobrenaturais, a igreja alcançava um extraordinário poder de compulsão e de disciplinamento. Fundida com o estado, formava uma entidade política monolítica e todo-poderosa...

A partir do século XII o Egito sofreu invasões de diversos povos: gregos, fenícios, núbios e líbios. Em 30a.C os romanos dominaram o povo do Nilo. E assim, no Egito que segundo Heródoto (Historiador grego) é uma dádiva do Rio, o povo romano sacramentou o fim da primeira grande civilização antiga. Assim ela que tanto desenvolveu as ciências e as artes, sucumbiu, presa de outras nações de maior poderio bélico. As sucessivas quedas do Egito diante dos imperadores cruéis dos povos mencionados acima, foram triunfos do saber nas artes de guerra e mais alguns rastros de sangue que o progresso deixou na história.

3.1.2 Aspectos da Cultura dos Egípcios

A religião desempenhou importante papel na vida dos antigos egípcios. Os historiadores gregos descreviam os antigos habitantes do vale do Nilo como os mais religiosos dos homens. A arte, o estado, a filosofia, literatura, e o alfabeto eram de inspiração religiosa. Os faraós, mesmo os que ostentavam as idéias militares do estado, se diziam governar em nome de deus. Os governantes do antigo império preservaram em grande parte o poder teocrático. O misticismo tomou conta do povo e a arte foi uma expressão viva do simbolismo religioso.

A vida urbana modificara para pior a condição de vida do povo que anteriormente vivia em aldeias. A veleidade da dominação fez surgir, conforme propositura de Ribeiro (1983, p.75) a exploração do trabalho alheio:

Das primitivas comunidades agrícolas igualitárias e das hordas de pastores, fundada ambas na propriedade coletiva da terra e dos rebanhos e na garantia de cada unidade familiar dos produtos do seu trabalho, passa-se assim, progressivamente, a sociedade de classe, assentada na propriedade

privada ou em outra forma de apropriação e de acumulação do produto do trabalho social. Umas e outras tornam-se cada vez menos solidária internamente, porque as relações entre pessoas, antes regulada pelo parentesco , começam a ser condicionadas por considerações de ordem econômica ...

A frieza do costume de escravizar nasceu no seio da Revolução Urbana e o temor

de conhecer o martírio da escravidão está presente nos escritos mais reverenciados do tempo. A presença da literatura denota o grau avançado desse tempo em relação ao anterior. Porém, o medo da escravidão trazido para as páginas da literatura dá conta de que a sociedade regrediu com a repressão promovida pelos poderosos, sobre os homens simples.

A literatura era tipicamente de inspiração religiosa, recheada de hinos de devoção pessoal, e postulava pela misericórdia do além. Escritos dessa natureza fluíram durante os duzentos a trezentos anos que se seguiram à morte de Ikhnaton, um dos mais célebres dos faraós. A infinita capacidade alienadora da religião não permitia que o povo percebesse a escravidão como obra do Estado. Resignados, entendiam ser a mesma um desígnio de deus e acreditavam piamente que Ele pudesse livrá-los da malfadada sorte.

Desse modo, as obras escritas eram enxertadas de pedidos de clemência e através dela evocavam proteção divina contra a escravidão. Eis um excerto típico de uma súplica poética, transcrito de Buns (1968, p.62):

Tu, oh Amon, és o senhor do silêncio
Que acodes ao chamado do pobre.
Quando em minha aflição chamo por ti
Tu vens para salvar-me .
Dá, pois alento a quem se prostra diante de si
E não deixes que eu caia em escravidão.

A história atribui a eles a invenção do princípio do alfabeto. Criaram sua primeira forma de escrita no período pré-dinástico e o sistema ficou conhecido como Hieróglifos (gravuras sagradas). O sagrado jamais era profanado, tanto que quando da unificação do antigo império, além da consolidação do território, ocorreu a fusão religiosa e os deuses protetores foram consubstanciados no deus solar Ra ou Re. Os deuses que personificavam as forças produtivas da natureza se fundiram numa divindade chamada Osíris, que era, também o deus do Nilo. Deificados que eram

seus monarcas corria a crença de que a mumificação do corpo do faraó contribuiria para a existência eterna da nação.

A filosofia no Egito foi sobretudo ética e política embora ocasionalmente possa encontrar traços de concepções filosóficas mais profundas.

Posteriormente a filosofia ética desenvolveu linhas mais sinuosas. Algumas causas, entre elas o amadurecimento intelectual fez com que as antigas concepções de vida parecessem ingênuas. Apareceu a canção do Harptista que assegurava ser o caminho lógico para os homens guiar-se pelos desejos e prodigalizar-se nos prazeres. Entretanto, conclamava que o homem deveria esforçar-se por ganhar bom nome.

O último grande filósofo ético foi Amenemope que escreveu um tratado de 30 capítulos, denominado a Sabedoria de Amenemope. Essa obra fluiu a idéia de que Deus é o arquiteto do destino dos homens.

A filosofia que os historiadores contemporâneos atribuem ter sua origem na Grécia esteve presente, mesmo que de forma incipiente, no pensamento egípcio. Khekheperre-soneb um sacerdote de Heliópolis derramou severas acusações contra o poder instituído, do calibre das mais ferrenhas que se fazem nos dias de hoje. A obra que escreveu é a mais antiga acusação contra a sociedade. Burns (1968, p.58) classificou-a como do primeiro libelo contra as altas classes, pela sua injustiça com tratavam os pobres. “O homem pobre, dizia, não tem força para livrar-se daquele que é mais forte do que ele. A miséria reina por toda terra. Aqueles que nasceram para dirigir são degenerados e covardes. A própria sociedade é corrupta e complacente”.

Outra obra igualmente célebre é de autoria desconhecida e intitulada “O Discurso do Camponês Eloqüente” . Trata-se de uma exaltação a que o estado cumpra sua função com vigor e honrando o valor da homem. São manifestações de pensamento comparável às idéias dos filósofos helênicos.

Nas ciências, eles se destacaram na astronomia e matemática que foram desenvolvidas para prever a época das inundações do Nilo, traçar os planos das pirâmides e dos templos. Os administradores não prescindiram da ciência para resolver intrincados problemas de irrigação e do controle público das funções.

Realizaram alguns trabalhos notáveis na medicina, apesar de que nos primórdios sua prática era conservadora e eivada pela superstição. A história registra a

existência de especialistas (dentistas, oculista e cirurgiões) no elenco de médicos do Egito. Descobriram o valor da catarse e conheciam as propriedades curativas de numerosas drogas. Muitos dos seus medicamentos são ainda hoje empregados pelos camponeses em regiões isoladas da Europa.

Suas artes tinham fins variados e mudavam de acordo com as tendências da história política. Expressava normalmente as aspirações da vida nacional, com o formalismo rígido da arquitetura oficial suavizado por toques de naturalismo. Não é à toa que as colunas imitavam troncos de palmeiras, e os capitéis lembravam flores de loto. Seus arquitetos esbanjaram talento nas construções de templos e pirâmides.

A sociedade se distinguiu pelo surpreendente grau de maleabilidade. Jamais se desenvolveu um sistema inflexível de casta e todos eram iguais perante a lei. Mesmo os servos parece que foram capazes de se elevar acima de sua humilde condição.

No antigo império, nobres e sacerdotes tinham supremacia entre todos os súditos. Escribas, mercadores e servos rebelaram e arrebataram concessões do governo. Promoveu-se um rearranjo que não trouxe nenhum ganho significativo para a grande massa. O abismo que separava o padrão de vida das classes superiores e inferiores na época era tão profundo quanto o que existe hoje entre o centro cultural da Europa e um lugarejo distante na América Latina.

Uma das alusões mais antigas à escola encontra-se na história do Egito onde a complexidade do costume exigiu formação intelectual de seus moços para o desempenho das funções exigidas no trabalho público e privado. Consoante ao escrito de Burns (1968, p.70), na rede de ensino:

Mantidas pelo governo existia um certo número de escolas públicas organizadas para o ensino de milhares de escribas que se faziam necessárias no trabalho de amanuenses e contadores, bem como nas funções administrativas do governo. Muitos deles também se empregavam a serviço dos proprietários de terras e dos homens de negócio mais importantes. Essas escolas eram franqueadas a todos os jovens promissores, sem qualquer consideração de classe. Ao que parece a instrução era mantida gratuitamente pelo governo, dada a necessidade vital de homens preparados...

As atividades da nação inteira giravam em torno das imensas empresas estatais que por muito tempo continuou sendo o maior dos empregadores. Essa foi atônica em todas as monarquias dos Impérios Teocráticos de Regadio, assentados após o

término da cultura das aldeias agrícolas. Conta Ribeiro (1983, p. 39), que o espírito empreendedor dos imperadores divinizados, fazem com que:

Os Impérios Teocrático de Regadio se capacitam a alargar as bases de sua economia interna através da ampliação portentosa dos sistema de irrigação e de defesa contra inundações e das construção de enormes obras hidráulicas , a fomentar o crescimento das cidades através de programas de urbanização e da construção de aquedutos , diques e portos e, ainda a edificar gigantescos templos, palácios e sepulcros... . A base dessas estruturas imperiais era a apropriação das terras cultiváveis pelo estado teocrático e o desenvolvimento de complexos sistemas administrativos de controle da força de trabalho...

O poder para construir obras dessa envergadura para luxo e luxúria da alta classe só foi possível mediada pela religião que atribuiu poder divino ao faraó, ao inca ou ao seu equivalente entre os diversos povos.

O saber religioso e político coordenaram as gigantescas prerrogativas dos monarcas egípcios, marginalizando a grande massa dos deleites.

Assim pode-se lançar um olhar de melancolia ao uso do saber pelos monarcas no início da Revolução Urbana. Mumford (1998, p. 63) imputa a eles uma grave censura, em face de que , recorrendo-se da sabedoria:

As formas cooperativas das políticas urbana foram solapadas e viciadas desde o princípio pelos mitos destruidores e orientados para a morte que cercaram e, talvez, em parte, incentivaram a exorbitante expansão do poder físico e da habilidade tecnológica...

Os religiosos apoiavam os monarcas em suas ambições despóticas, em troca eram aquinhoados com isenção de tributos e com uma grande parcela da riqueza nacional.

Os sacerdotes também empregavam um grande número de artífices na manufatura de amuletos e objetos funerários que vendiam com enorme lucro aos devotos iludidos.

A vontade de expansão cedo ou tarde apoderou-se praticamente de todos os povos antigos. No Egito atingiu o apogeu no derradeiro tempo de sua história quando foi criado o museu de Alexandria. O museu tornou-se um centro de pensamento e foi arquitetado e mantido pelos primeiros Ptolomeus, governantes egípcios sucessores de Alexandre. Originariamente era o templo das musas, sendo posteriormente transformado em centro de pesquisa. A criação do centro explicita a noção que os governantes tinham, de que a magnitude do reino dependia do saber.

A entrada em cena desse centro de excelência tinha a guerra por fundamento. O pequeno relato de Andery (1996, p.121) comprova a insaciável sede de conquista dos egípcios nesse tempo:

Os avanços da ciência, da literatura, da medicina eram considerados pelos reis egípcios como parte do tesouro real. Além disso, eles necessitavam dos conhecimentos produzidos por engenheiros, geógrafos, médicos técnicos etc., não só, para manter suas conquistas (pois a guerra exigia maquinismos cada vez mais complexos), mas também para organizar vastos territórios...

Uma grande riqueza do Egito se perdeu em propósitos estéreis da igreja e do estado, em preparação para além túmulo e nas guerras de conquistas. Talvez esses sejam os fatores que consumaram o declínio daquela esplendorosa civilização. O saber mais uma vez naufragou no oceano da ambição, da esperteza, da má fé dos falsos profetas, dos falsos líderes e da insanidade criada pelo progresso.

O método espúrio com que a inovação dos costumes serve ao poder levou Rosseau (1978, p.341) à crença de que ao desvendar ciência, o homem foi punido pela mazela do progresso. Considerando perjuro qualquer inovação, explicava ele:

Eis como o luxo e a dissolução foram, em todos os tempos, o castigo dos esforços orgulhosos que fizemos para sair da ignorância feliz na qual nos colocara a sabedoria eterna. (...) Povos, sabeis, pois de uma vez por todas, que natureza vos quis preservar da ciência como a mãe arranca uma arma perigosa das mãos do filho. (...) Os homens são perversos; seriam piores ainda se tivessem tido a infelicidade de nascer sábio ...

3.1.3 Considerações

O nível do saber alcançado pela civilização egípcia foi muito superior ao dos tempos anteriores. Naturalmente que com o conhecimento de novas técnicas e a adoção de um código de escrita alavancaram o progresso. Toda ciência se beneficiou do alfabeto. Com ele surgiram os poemas e prosas registros históricos e alguma coisa sobre filosofia. As novas técnicas permitiram um avanço extraordinário e as formas de saber puderam ser arquivadas e transmitidas através da escrita.

O saber religioso era ao mesmo tempo a substância da arte, do estado, da filosofia, da literatura, e o próprio alfabeto era de inspiração religiosa.

O notável patamar a que a ciência foi alçada redundou em muito pouco para o povo. O misticismo religioso dos egípcios levou Heródoto a considerá-los os mais

religiosos de todos os povos da Antigüidade. No entanto o saber religioso não amenizou a vida da grande massa. A escravidão como fenômeno econômico e social apareceu nessa época. Pois, os povos mais remotos, como já se disse, viviam em comunidades indiferenciadas e não praticavam escravidão. Desta maneira, fica patente que o homem perdeu socialmente seu valor por ocasião da Revolução Urbana. Foi nesse período, que pela primeira vez se despojou o homem da liberdade. Tudo isso só foi possível pelas artimanhas da sabedoria religiosa e política.

Assim, o triunfo da Revolução Urbana sobre a Revolução Agrícola se fez às custas da demoníaca força da sabedoria e Munford (1998, p.63) narrou assim:

A mais preciosa invenção coletiva da civilização a cidade, superada apenas pela linguagem, na transmissão da cultura, passou a ser, desde o princípio, o recipiente de forças internas demolidoras, dirigidas no sentido de destruição e do extermínio incessante. (...) Cada civilização histórica, como a muito tempo mostrou Patricck Geddes, começa com um núcleo urbano vivo a polis, e termina num cemitério comum de cinzas e ossos, uma necrópole, ou cidade dos mortos: ruínas chamuscada pelo fogo, edifícios aluidos oficinas vazias, montões de lixo sem significação, a população massacrada ou conduzida á escravidão,..

Nada refreou o saber que contumaz em trazer amarguras fez repetir na Grécia conforme veremos no capítulo seguinte, igual ou maior ainda, os dissabores do povo do Nilo.

3.2 Civilização Grega

Depois de 600 a.C. os centros de civilizações expandiram alcançando o território da Grécia e Roma e amadureceram suas culturas, florescendo o que se convencionou chamar de Cultura Clássica. Na Grécia começou por volta de 500a.C. e em Roma cem anos depois. A civilização grega propriamente dita terminou seu esplendor trezentos anos antes do advento da era cristã, quando foi posta abaixo pela civilização helenística que se estendeu até mais ou menos o início da nova era. A nova cultura representou a fusão dos elementos culturais da Grécia e do Oriente Próximo, abrangendo os povos da Grécia, do Egito e de grande parte da Ásia a ocidente do rio Indo.

Para melhor compreensão da complexa história grega é prudente estabelecer uma linha divisória de tempo separando-a em duas civilizações: helênica ou grega e helenística.

A maior contribuição dessa cultura para a posteridade foi a filosofia. Muito embora o homem já exercesse a ação de pensar desde remotos tempos, foi na Grécia que o pensamento meticoloso assumiu ares de reflexão e análise profunda do homem e do meio.

Dessa maneira a filosofia surgiu na Grécia quando o homem empreendeu esforços intelectuais no sentido de explicar o mundo que o cerca. Começou propriamente em algumas escolas das colônias gregas desmistificando os mistérios, na medida em que explica Aranha (1996, p.105):

A filosofia nascente rejeitava interpretações místicas que baseada no sobrenatural, aceitavam interferências de agentes divinos no fenômenos da natureza. Ao buscarem a racionalidade do Universo , os filósofos dessacralizaram a natureza, isto é, retiraram dela a dimensão do sagrado. A filosofia surge, então ,como um pensamento reflexivo que busca a definição rigorosa dos conceitos , a coerência interna do discurso, afim de possibilitar o debate e a discussão...

Dos povos da Antigüidade somente os gregos tiveram preocupação sistemática com a filosofia. Substituíram pela reflexão o legado empírico dos povos da Mesopotâmia.

O saber filosófico teve sua origem seiscentos anos a.C. com as conjeturas dos pensadores da chamada Escola de Mileto, e era de caráter materialista, científico e monista. Os mestres dessa escola empreenderam esforços na tentativa de explicar a constituição física do universo, sendo essa a questão que mais instigava o raciocínio daqueles pensadores. Até então prevalecia a concepção de que a matéria pudesse ser reduzida a certos elementos primários ou matéria original. Os esforços nessa direção levaram os pensadores a relacionarem o mundo material da micro e macro estrutura com a própria estrutura social.

Tales, fundador da escola, ensinava que todas as coisas eram constituídas de unidades, e que a substância elementar era a água.

Aristóteles foi um dos maiores representantes do pensamento grego e ingressou na academia de Platão com 17 anos de idade em 384 a.C. Permaneceu na egrégia escola por duas décadas, quando foi contratado pelo rei Felipe da Macedônia para ser mestre de seu filho Alexandre. Sete anos depois voltou e fundou uma escola

conhecida por Liceu e nela ensinou filosofia até o derradeiro dia de sua vida em 322 a.C.

Diferia de Platão e de Sócrates por sua afeição com o concreto e o prático. Era menos inclinado do que eles aos assuntos espirituais e não compartilhava com a forte simpatia que ambos nutriam pela aristocracia. De forma geral os filósofos da época da democracia não eram avessos à escravidão e nada fizeram de grande repercussão para derrubar a mazela social.

Aristóteles, mesmo não empreendendo ação transformadora, apiedava-se do flagelo dos escravos e isso pode ser percebido no seguinte transcrito de Marx (1984, p.32):

Se, sonhava ele, “cada ferramenta, obedecendo às ordens, ou mesmo presentindo-as, pudesse realizar a obra que lhe coubesse, como os engenhos de Dédalo que se movimentavam por si mesmos, ou as trípodes de Hefáisto que iam por si mesmas ao trabalho sagrado, se as lançadeiras tecessem por si mesmas, não seriam então necessários auxiliares para o mestre–artesão nem escravos para o senhor” ...

Os sofistas, diferentemente de Sócrates, Platão e Aristóteles, e não obstante o pouco valor que sociedade moderna lhes atribuem, combatiam as anomalias sociais.

Prenunciavam o prematuro fim da sociedade e parte deste presságio está contido na obra de Burns (1968, p.172):

Condenavam sem exceção a escravidão e o exclusivismo racial (...). Perceberam as loucuras da guerra e ridicularizaram o tolo chauvinismo de muitos atenienses. (...) Como disse Cícero, eles – desceram a filosofia dos Céus para a morada dos homens. No julgamento dos gregos mais conservadores, essas doutrinas pareciam levar diretamente ao ateísmo e à anarquia. Se não há verdade eterna e se a vontade e a justiça dependem dos caprichos do indivíduo, então nem religião, nem moral, nem o estado nem a própria sociedade podem durar muito tempo...

A reação a essa forma de pensar dos sofistas, que tanto incomodava à classe dominante, veio exatamente dos três mais cortejados filósofos da Grécia: Sócrates, Platão e Aristóteles.

O pensamento religioso e político se encarregaram de montar um sistema jurídico cujo ordenamento social prescindia da liberdade, dada a fração majoritária da população.

Baseado no que pensou os três grandes filósofos mencionados, e na estrutura estatal democrática iniciado com Sólon estabeleceu-se uma quase unanimidade

entre historiadores, filósofos e pensadores de todos matizes científicos, de que na Grécia o homem foi mais natural e humano do que em qualquer outra região do mundo.

Em razão da escravidão oficial, não raro, alguns estudiosos refutam essa crença. Culanges (1999, p.194) argumenta que é:

Um erro singular entre todos os erros humanos acreditar-se que nas cidades antigas o homem desfrutava liberdade. Ele nem tinha noção do que era isso. Não acreditava podia existir detendo direitos em face da cidade e seus deuses. (...) as forma de governo foram substituídas diversas vezes , mas a natureza do estado permaneceu essencialmente a mesma , sua onipotência não tendo diminuído em absoluto.

O governo chama-se alternadamente monarquia, aristocracia, democracia, mas nenhuma dessas revoluções concedeu ao homem a verdadeira liberdade, a liberdade individual. Ter direitos político, votar, nomear magistrados, poder ser arconte, a isso chama liberdade, mas com tudo isso não foi o homem menos servo do Estado. Os antigos, e sobretudo os gregos, exageraram sempre no que concerne a importância e os direitos da sociedade, e isto, indubitavelmente, em função do caráter religioso de que a sociedade estava revestida originariamente...

Na época gloriosa de Atenas, seus mais eminentes pensadores alardeavam grande juízo histórico social de algo, que na verdade não se revelou socialmente valoroso.

Historiadores, filósofos, e pensadores contemporâneos indagaram a bem da verdade, a razão desse erro de avaliação. Dentre os pensadores pósteros , Marx foi daqueles que criticou a visão míope de algumas figuras brilhantes da Grécia.

Pelo fato de que as inovações se sucediam e a escravidão não se extinguiu, Marx (1984, p.32) asseverava que os helênicos nada entendiam dos efeitos maléficos do avanço tecnológico, porquanto “ Antípatros, um poeta grego da época de Cícero, saudava a invenção do moinho hidráulico de moer cereal, essa forma elementar de maquinaria produtiva , como libertadora das escravas e criadora da Idade do Ouro”.

Apesar de ter sido uma das civilizações que mais brilharam na face da terra o mesmo não pode ser dito do fulgor de sua organização social. O desenvolvimento científico e filosófico ocorrido não reprimiu o martírio social em que vivia grande parte da população.

A sabedoria produzia conhecimentos extraordinários e poucos se locupletavam com os mistérios desvendados pelos conhecimentos novos . A mesma sabedoria

que produzia os conhecimentos mantinha grande parte da população à mercê das preciosidades do saber e refém da vontade dos donos do poder.

Os estudiosos contemporâneos que prezam os valores naturais, analisando as realizações dos helênicos, sentem uma ponta de ressentimento com o pensamento filosófico da época. Mesmo que tenha sido próprio da moral da época, alguns não conseguem entender porque tamanho saber alimentou uma estrutura de escravidão exacerbada.

É honroso separar o joio do trigo, para não penalizá-lo como único responsável, mas Munford (1998, p.201) censura Platão em razão de que:

A cultura grega tinha em seu tempo, chegado a um ponto de desenvolvimento que tornava necessário desafiar as formas arcaicas até então personificadas na cidade: acima de tudo, devia enfrentar a escravidão e a exploração unilateral, da qual parte tão grande de sua vida econômica passara a depender. Eram essas as visões nascentes dos grandes espíritos do século V . Platão não desempenhou papel algum nessa reavaliação do modo grego de vida tradicional...

Tinham sabedoria religiosa diferente e nova, festejada pelos historiadores como fruto do mais belo pensar. No entanto , a roupagem nova da fé apenas serviu para que a estrutura religiosa garantisse uma estratificação desigual e desumana.

Por conceberem seus deuses com forma humana, os estudiosos fazem do fato uma apoteose. Encantados não se apercebem da intenção doutrinária dos mitos.

Não se houve falar da religião grega e sim da mitologia com se fossem duas crenças distintas.

Ambas cumprem o mesmo destino - sustentar a ideologia da dominação. No entanto, aquela mitologia é analisada como dádiva da arte e da incomensurável força do pensamento grego. Poucos enxergam seu caráter doutrinário e recheado de interesses. Contudo, uma pesquisa séria não pode relevar o caráter ideológico da mitologia, antevisto por Berget (1999, p.149/50):

As mais antigas conceitualizações de conservação de universo de que temos conhecimento são de forma mitológica. Para nossos propósitos é suficiente definir a mitologia como uma concepção da realidade que postula a contínua penetração do mundo da experiência cotidianas por forças sagradas. Essa concepção acarreta naturalmente um alto grau de continuidade entre a ordem social e a ordem cósmica....

Diferente de grande parte dos deuses de outras religiões, para os gregos não havia dogma. As divindades da religião homéricas eram seres humanos de

exagerado porte físico. A semelhança dos deuses com os humanos diferenciava-os dos deuses remotos e onipotentes concebidos por outros povos que inspiravam medo e pavor, ao invés de proteção e segurança.

Os gigantescos deuses não libertaram os homens da miséria e da peia, mas, propositadamente ou não, muito se pareciam com os humanos.

A despeito do pensamento religioso grego ser reverberado por toda a parte nos dias de hoje, na época, Crítias (apud Chatélet 2000, p.17) denunciou as artimanhas daquele saber, afirmando convicto “que os deuses são criações dos governantes para dar estabilidade à ordem social”

As divindades helênicas foram dotadas de sentimentos fraquezas e desejos semelhantes aos humanos, misturavam-se com os homens, tendo por vezes filhos de mulheres mortais.

Diferenciavam da espécie humana porque tinham compleição física descomunal e se alimentavam de ambrósia e néctar, responsáveis pela imortalidade desses entes.

A mesma sabedoria que foi astuta ao dotá-los de aparência humana, não foi caridosa para torná-los amigos dos humanos a ponto de chorarem a dor dos homens.

A religião era politeísta e nenhuma das divindades superava Zeus, deus do céu e manejador de raios, pai dos deuses e dos homens. O todo-poderoso pai dos homens deixou os filhos ao abandono e sob custódia de governantes algozes, com exceção de uns poucos, cinco ou seis.

Não moravam nos céus ou em algum lugar imaginário, habitavam o Olimpo, um pico ao norte da Grécia, de 3000 metros de altura. Estavam ali tão próximo e não prestavam atenção aos desatinos dos mandantes. Próximo e distante, porque no Olimpo o homem não chegava e no coração dos monarcas os deuses não conseguiram chegar.

A prática religiosa grega se realizava, segundo Burns (1968, p.154), na perspectiva de ser aquinhoados pelas benesses dos deuses, por isso “O culto na religião homérica consistia principalmente em sacrifícios. As oferendas no entanto, eram feitas não como expiação do pecado, mas apenas para agradar aos deuses e induzi-los a conceder favores”.

Não concebiam o pecado como fruto de ato iníquo, passivo de expiação. Por que a sabedoria religiosa não enxergou iniquidade no suplício da escravidão? Porque não havia pecado na escravização do homem e desterro dos pecadores?

Sejam quais forem as respostas a essas perguntas, o fato é que foi profunda a idéia de proteção e segurança com que a religião alimentou o imaginário popular. No entanto, tudo em balde, em razão de que nas questões materiais os princípios religiosos foram inócuos. Dessa maneira grassou a escravidão consentida pela doutrina religiosa e pelo pensamento filosófico.

Em rodas de discussões a respeito da história, um ufanista da filosofia grega às vezes é contestado por seu interlocutor que lhe assevera ser ela de pouco valor. O interlocutor arrazo a sua afirmativa lembrando-lhe o caráter discriminatório e ideológico da filosofia. Reforça a explanação dizendo que a mesma se prestava a manter um ordenamento social cruel em que a maioria dos homens constituía uma sub raça.

Não há como contestar tal arrazoado, porque a escravidão legal escreveu páginas abjetas na história da Grécia. Quer queira quer não, é uma seqüela da sociedade helênica, cujo saber filosófico profícuo que foi, muito contribuiu para a manutenção do sistema escravocrata .

A superavaliação do pensamento sobre a dignidade humana, levou os pensadores helênicos a rejeitarem também outras classes de homens que não eram necessariamente escravos. Aristóteles diferia um pouco de Platão pela proximidade desse último com o poder, entretanto, Munford (1999, p.206) nos assegura que:

Em seu preconceito contra artífices e mercadores era ele tão pouco arejado quanto Platão. Quando definiu a pólis, não apenas como comunidade de seres vivos, mas como comunidades de iguais, tendo em vista a melhor vida possível, Aristóteles deliberadamente excluiu a vida dos mecânicos ou comerciantes, pois tal vida é ignóbil e inimiga da virtude...

Assim, enquanto o progresso marchou para frente do paleolítico à Revolução Agrícola e desta para a Revolução Urbana, o homem regrediu na escala de valor social.

Esta última fez emergir os grandes conglomerados urbanos a exemplo dos povos do Egito, Mesopotâmia, Grécia e Roma, trazendo a escravidão a tiracolo. Até então a vida do homem não fora malograda pelo progresso e viviam em sociedades cooperativas.

O costume estabelecido pela Revolução Urbana se desenvolveu no seio dos gigantescos conglomerados urbanos uma igualmente gigantesca degradação da qualidade de vida. Em Atenas a depauperação do costume deu-se da mesma maneira que em outra grande cidade.

Em qualquer polis os bem-nascidos enriqueciam de um lado às expensas do empobrecimento da maioria do outro. Concomitante formou-se uma aristocracia em pleno desenvolvimento da Revolução Urbana, parasita e beneplácida da produção agro-pastoril. Burns (1968, p.161) chama a atenção, para a introdução no século VIII de um sistema econômico mantenedor dos grandes latifúndios (muito parecido com o de hoje). Tal sistema:

Proporcionou mais ou menos nessa época, o desenvolvimento com um grande investimento capitalista. (...) somente os lavradores que disponham de recurso podiam prosperar. Seus vizinhos mais pobres e menos parcimoniosos depressa se atolaram em dívidas. O pequeno lavrador não tinha outra alternativa senão hipotecar sua terra, depois sua família e a si próprio, na vã esperança de um dia poder se libertar...

De modo semelhante ao do Egito e da Mesopotâmia o estado parasita e projetos estéreis de governantes onipotentes trouxeram um fim trágico para Atenas.

A evolução do saber das várias culturas sempre perverteu os costumes, podendo se fazer uma honrosa exceção à apoteótica civilização minóica que floresceu e expirou na ilha de Creta. Os helênicos buscaram alguma coisa do seu pensamento naquela ilha, mas a essência não foi aproveitada.

Os fatos narrados permitem dizer que ao contrário do que se apregoa, a civilização grega não pode ser arrolada como uma exceção, porque percorreu o mesmo caminho que levou os outros povos à degradação.

O suposto sublime pensamento ateniense cedo se deteriorou nas mãos da nobreza voraz, que conduziu de forma aviltante os rumos do povo. De tal sorte, que hoje, qualquer análise histórica coaduna com o pensamento de Munford (1998, p.210), de que:

Fosse ela o que fosse, depois de 300 a.C., a polis já não era, internamente, bastante forte para desafiar, mesmo no pensamento, as opressões políticas, as divisões de classe e os sacrifícios irracionais, a guerra fútil, a pilhagem e a destruição, que caracterizaram as cidades antigas...

Tudo que pensou Leucipo, Demócrito, Pitágoras, Heráclito de Éfeso, Parmênides e Górgias, Sócrates, Aristóteles e Platão, não foi capaz de refrear a

ganância sem fim de monarcas tiranos e nem fazer sucumbir a sociedade eivada de ódio e intriga dos dirigentes políticos e religiosos .

Entretanto, não se trata de imputar toda culpa da maldade dos dirigentes sobre esses ou outros sábios. Existiram pensadores antes e depois deles, porém a história do homem tem sido a mesma e só foi diferente até a Revolução Agrícola.

O fato é que poderia ter havido mais esforços dos pensadores no desafio de pôr fim à tendência despótica dos governantes e sucumbir a escravidão estrutural.

Se Rosseau vivesse ali, por sua vontade indômita de justiça, ou achincalhava a escravidão ou seria desterrado pelos mandantes.

Talvez tivesse sacudido o brio dos pensadores, levando-os a compor com ele uma brigada de desmanche do trabalho servil. Detestava todo tipo de subserviência mesmo aquela na qual alguém comprava a liberdade do outro. Contra a repressão consentida ou não, Rosseau (1999b, p.13/14) asseverava:

Já que nenhum homem tem autoridade natural sobre seus semelhantes, e desde que a força não produz direito algum, restam então as convenções como base de toda autoridade legítima entre os homens. Se um particular, diz Grotius, pode alienar sua liberdade e converter-se em escravo de um senhor, porque todo povo não poderia alienar a sua e torna-se súdito de um rei? Mas atenhamo-nos ao termo alienar. Alienar é dar ou vender. Ora, um homem que se faz escravo de outro não se dá, pelo menos em troca de sua subsistência; mas um povo, porque se vende? Longe de prover a subsistência de seus súditos, o rei apenas tira a sua deles e, segundo Rabelais, um rei não vive com pouco. (...) Dir-se-à que o déspota assegura aos seus súditos a tranqüilidade civil. Seja, mas, o que ganham eles com isso se as guerras que sua ambição lhes acarreta, se sua insaciável avidez, se os vexames de seu ministério os desolam mais do que as próprias dissensões. Que ganham eles com isso. Se essa mesma tranqüilidade é uma de suas misérias? Vive-se tranqüilo também nas masmorras, e isto também bastará para que sintamos bem nelas? Os gregos encerrados no antro do ciclope viviam tranqüilos ali, esperando a vez de serem devorados...

Em toda sua existência Rosseau menosprezou a sabedoria, em face de que ela, segundo ele, esteve sempre a serviço da opressão. De fato, pode-se considerar que a filosofia helênica esteve morta na medida em que concordava ou em caso contrário nada fazia para extinguir o ignóbil exercício da subserviência.

Não há austeridade no juízo de alguém que hoje atribua conotação ideológica às artes da filosofia e religião na Grécia. Com efeito, é sabido que esses dois saberes foram naquela civilização o instrumento com que o poder articulou sua continuidade.

Ora, se o pensamento filosófico e religioso foram a base na qual se assentou de forma pacífica um poder escravista, eles são nada mais nada menos do que irmãos siameses da ideologia. Foram eles as forças inteligentes do pensamento a serviço de camuflar o antagonismo.

Que mais belo exemplo de ideologia pode haver?

O raciocínio dos homens de notório saber ia longe buscar explicações que pudessem dissimular o conflito, sendo materializadas nas palavras sábias dos pensadores. Em muitas ocasiões as eloqüentes palavras valeram mais do que a força bruta.

Foram com elas que se resolveram algumas questões cruciais de levante popular. O poder de persuasão foi de importância singular nos momentos em que sem clara consciência do seu valor social, as massas sublevaram, colocando em risco a dominação.

Normalmente as revoltas eram contidas pelo uso da força, recurso legal com o qual o estado punia, a exemplo do extermínio de Espartacus e seus seguidores na Roma antiga.

Em circunstância mais aguerrida quando o clamor social exigia cautela, os monarcas, recorriam-se dos discursos de homens de notório saber. Nunca faltaram personagens desse quilate, de raciocínio lúcido, que fossem capazes de desbaratar um motim, através de belas palavras. A sabedoria e a lucidez destruíam a vontade de sublevar na própria nascitura, porquanto a forma de pensar já era de natureza ideológica.

Embora a expressão ideologia não figurasse nas cenas das discussões políticas daquele tempo, sua presença na manifestação do pensamento é antiga.

Meszaros (1993, p.9) ensina ela apareceu muito antes de Cristo:

Porque desde que Menênio Agripa se dirigiu aos grevistas romanos, que ocupavam o monte sagrado no século VI a.C. vem sendo defendido em inúmeras ocasiões a concepção orgânica da ordem social. Segundo o tão reverenciado cônsul romano (...) cada camada social tem seu lugar próprio no grande organismo. As camadas inferiores devem obter sua satisfação a partir da glória reflexa e, independentemente de sua inferioridade, serem consideradas igualmente importantes para o funcionamento do organismo a

que pertencem. Evidentemente, esse foi um poderoso exercício de ideologia. Segundo a lenda, os que protestavam se comoveram tanto com os (pontos de vista moderados) do cônsul que imediatamente abandonaram sua postura de desafio coletivo e retornaram aos lugares a eles determinados...

Com esse discurso solene o cônsul trouxe a turba ao juízo, exercitou um raciocínio que é uma pérola de ideologia e os revoltosos voltaram ao lugar certo na sociedade.

Na Grécia, o exercício do pensamento filosófico e o culto da mitologia foram os baluartes do grande organismo social. A mitologia e a filosofia grega, que a todos encantam, enfeitiçaram o povo helênico, mantendo-os no lugar que a sociedade lhe reservou. A mitologia e a filosofia foram os atores coadjuvantes do estado na textura de uma sociedade desumana. Por conseguinte, os coadjuvantes podem ser cunhados de ideológicos, mesmo a contra gosto dos que se ufanam daquele povo.

Homero, cantor dos feitos da Grécia e um dos maiores poetas de todos os tempos, fez apologia aos atos heróicos dos gregos, tecendo loas à grandeza do povo, mas não escreveu uma linha em prosa ou verso no sentido de condenar a opressão imposta às classes subalternas pelos donos do poder.

O saber religioso, político e filosófico legitimou aquela que foi uma sociedade preta de escravos que superou em muito a anterior havida no Egito. Para comparar a badalada e enfática história da Grécia com a história dos Faraós lançada no ostracismo é conveniente não perder de vista a admoestação de Cardoso (1982, p.41):

A escravidão teve certa importância econômica nas minas e pedreiras estatais e, no Reino Novo, também nas terras reais, e nos templos. Houve igualmente tropas militares auxiliares, constituídas de escravos e existiram escravos domésticos às vezes numerosos. A economia egípcia, entretanto nunca foi escravista no sentido em que foi a da Grécia clássica e helenística e a de Roma de fins da república e do alto império...

O ordenamento da forma de pensar permitiu que em Atenas a força bruta imperasse por longo tempo. O caminho para o despotismo começa quando as comunidades de aldeia dos tempos homéricos evoluíram ocasionando a Revolução Urbana.

As aldeias baseadas na organização dos clãs deram lugar às organizações políticas maiores. As necessidades de defesa suscitarão a urgência de se construir

acrópolis (pequenas cidadelas) nos lugares elevados e as cidades cresciam em torno delas.

Surgiram dessas iniciativas as grandes Cidades-estados da Grécia como: Atenas, Teba, Esparta, Mégara, Peloponeso, Corinto, Mileto, Mitilene e Cálcis. As cidadelas tornaram-se verdadeiras fortalezas sendo que Atenas e Esparta, cada uma, contava com 400.000 habitantes.

Com poucas exceções as cidades gregas tiveram desenvolvimento político semelhante. Começou com monarquia que se transformou em oligarquia sendo depois apeada do poder por ditadores ou tiranos.

Apesar da glória de sua cultura, os déspotas helênicos empurraram a Grécia para a vala comum das civilizações brutalizadas que a antecederam. As grandes Cidades-estado geradas pela Revolução Urbana não conheceram outro fim que não o despotismo, rapinagem e prevaricação.

Como o saber político dos gregos que permitiram a estruturação das cidades serviam a interesses escusos, os distúrbios sociais destruíram a poderosa monarquia que vigorou até meados do século VIII a.C., quando um rei acumulava as funções de sacerdote, juiz e chefe militar.

Descontentes com o reinado, os nobres tomaram o poder, constituindo uma oligarquia criando o arcontado, governo com nove membros que administravam o exército, justiça e serviço público.

O mesmo saber que orientou a nobreza para criar seu próprio governo, tirando das mãos do rei o controle do estado, cuidou de trazer-lhes os trunfos do golpe e Cotrim (1984, p.72), destaca a ganância dos nobres:

À medida que os nobres atenienses tornavam-se donos da maior parte das terras cultiváveis, mandando e desmandando em quase tudo, os pequenos proprietários se empobreciam e suas dívidas aumentavam. Os nobres então passam a apoderar-se das próprias pessoas dos devedores, fazendo-os escravo. Diante de tantos abusos, comerciantes, artesãos e camponeses exigiram reformas sociais...

O clamor por reformas provocou no início pequenas mudanças e em seguida veio a tão saudada democracia ateniense. Nela 90% da população ficou excluída dos direitos políticos. Dracon primeiro e depois Péricles (499 a 429 a.C), são os mais festejados representantes do novo tempo e fundadores da democracia da minoria.

A vontade desregrada de demarcar espaço comercial fez com que Atenas se envolvesse num conflito externo com os persas e outro interno com Esparta.

No primeiro, para impedir que os persas levassem a cabo uma pretendida incursão no território helênico. No segundo digladiou com a Confederação Espartana, descontente com o poderio econômico e militar de Atenas.

A guerra acarretou catástrofe e calamidade para o povo. A grande cidade foi tanto destroçada quanto humilhada, seu comércio foi extinto e a democracia arruinada. Uma parte da população foi dizimada pela inclemente força das armas inimigas e a outra acometida por uma peste terrível. Os que sobreviveram foram subjugados por mãos de ferro dos espartanos.

São dignas de nota a vergonhosa traição, corrupção e brutalidade que vieram na esteira dos reveses. Por fim, abandonada pelos estados de sua confederação, exceto Samos, e com a via de abastecimento cortada, a grande cidade rendeu-se aos carrascos espartanos. Assim, a história conheceu mais um exemplo do triunfo insano do saber da arte bélica, e novamente a tecnologia se prestou à vontade dos algozes.

Foi assim que os atenienses tornaram-se escravos de Esparta. O povo, que em casa sustentava uma sociedade de parasitas, foi para guerra de interesse dos parasitas, dando o sangue e perdendo a honra ao se tornarem cativos dos inimigos, por negligência do pensamento grego.

A subserviência de um povo ao seu súdito é lamentável, porém, a um soberano estrangeiro é ultrajante. Acresce-se a isso que os grilhões vieram em face da ganância e do erro de avaliação estratégica de seus próprios mandatários.

Os fatos conclamam uma crítica à inércia dos filósofos gregos que não se constrangeram com a falta de liberdade do povo e que auxiliaram na manutenção de um regime que acabou por levar a pátria inteira ao cativo.

Terrível inimigo da opressão La Botié (apud Oliveira 1980, p.101,102 e 103) a respeito de toda forma de escravidão e daquela imposta aos atenienses indagou perplexo:

Por hora gostaria apenas de entender como pode ser que tantos homens , tantos burgos, tantas cidades suportam às vezes um tirano só, que tem apenas o poderio que eles lhe dão, que não tem o poder de prejudicá-los exceto senão enquanto tem vontade de suportá-lo, que não poderia fazer-lhes mal algum quando preferem tolerá-lo a contradizê-lo.

(...) Entre nós, homens, a fraqueza é tal que freqüentemente precisamos obedecer à força; há necessidade de temporizar, nem sempre podemos ser mais forte. Portanto, se uma nação é obrigada pela força da guerra a

servir a um , como a cidade de Atenas aos trinta tiranos (dois reis mais vinte e oito membros da Gerúsia), não é de se espantar que ela sirva, mas de lamentar o acidente; ou melhor nem espantar-se nem lamentar-se e sim carregar o mal pacientemente e reservar-se para melhor fortuna no futuro. (...) Até os bois gemem sobre o peso do jugo: e nas gaiolas os pássaro se debatem, (...) que mal encontro foi esse que pôde desnaturar tanto o homem , o único nascido de verdade para viver francamente , e fazê-lo perder a lembrança de seu primeiro ser e o desejo de retomá-lo...

A democracia ateniense, tão decantada pelos pósteros por ter extinguido a escravidão por dívida, manteve os privilégios da classe dominante. Não se podia esperar coisa melhor de um sistema democrático forjado para 10% da população , de vez que o restante estavam marginalizados das decisões políticas.

Sabedores de que um sistema se reproduz na escola, para perpetuar aquele ordenamento social, a educação nasceu na aurora da democracia grega. Forjada como aparelho de reprodução do pensamento discriminatório, foi criada consoante com a vontade exclusiva da dominação. Foi instituída com o objetivo de perpetuar a sociedade e suas gradações. A tendência da escola grega de manter o saber como propriedade dos poderosos, pode ser percebida no que nos ensina seguinte trecho de (Brandão 1988, p.40):

Assim surgem em Atenas escolas de bairro, não raro lojas de ensinar, abertas entre as outras do mercado. Ali um humilde mestre-escola (reduzido pela miséria de ensinar) leciona as primeiras letras e contas.

O menino escravo que aprende com o trabalho a que o obrigam, não chega sequer a essa escola. O menino livre e plebeu em geral pára nela. O menino livre e nobre passa por ela depressa em direção aos lugares e aos graus onde a educação grega forma de fato seu modelo de adulto educado...

A vocação para discriminar e super valorizar a dominação, impregnava toda a atmosfera de Atenas, antes da democracia, depois dela e nela própria. Sólon, seu magistrado maior e considerado um dos baluartes da democracia preconizava por uma escola que atendesse aos interesses da classe dominante. Um relato escrito da própria pena do dirigente prenuncia-nos que a finalidade da educação em Atenas era manter a estratificação.

Infere-se que esse era o clima da época, refletindo um pouco sobre o referido relato deixado por Sólon (apud Brandão1988, p.40):

As crianças devem, antes de tudo, aprender a nadar e a ler. Em seguida os pobres devem exercitar-se na agricultura ou em uma indústria qualquer, ao passo que os ricos, devem se preocupar com a música e a equitação, e entregar-se à filosofia, à caça e a freqüência aos ginásios...

A idéia de valores diferenciados foi o clima em que se desenvolveu aquela estrutura social imperfeita. Portanto, não se pode eximir de uma parcela de culpa seus mais eminentes pensadores.

É preciso não perder de vista que a culpa da mazela social deve ser rateada por todas as ciências e artes da Grécia, porque a tecnologia de fabricação de armas somada com a arte maléfica de gestão do estado, acabou por protagonizar as guerras.

O que se pode dizer da inércia da filosofia e dos serviços religiosos dando suporte a um sistema apodrecido nas mãos da nobreza?

Por que os saberes filosóficos e religiosos ajeitaram-se dentro do sistema, arquitetando uma sociedade com abominável escravidão? Será pelo fato de que pensadores, dirigentes e os generais não procediam da parcela de cidadãos escravos?

As autoridades do estado promoviam grandes festas em honras dos deuses, encenadas em teatros com discursos e muita pompa. Assim, a religião, mitologia, estado e as artes honravam os deuses e nisso eram aplaudidos pela multidão.

Alguns escritores dramáticos escreviam enredos que eram pérolas de críticas à crença popular e à degeneração social e política de Atenas. Sem trazer para o teatro as cenas que conclamassem o levante popular, destacou-se Eurípedes (480-404 a.C.), que com suas peças disparou duras críticas ao sistema. Burns (1968, p.182) classificava esse dramaturgo como:

Um céptico, um individualista, um humanista que sentia prazer em ridicularizar os mitos antigos e as (vacas sagradas da época). Gostava de humilhar o orgulho e exaltar os humildes nas peças que escrevia.

Foi o primeiro a dar ao homem comum mesmo ao mendigo e ao camponês, um lugar no drama. É famoso pela simpatia para com os escravos e pela condenação da guerra...

A força religiosa e política do estado e a total indiferença da população mantiveram intacta a sociedade de escravos. De qualquer forma o pensamento de Eurípedes não coadunava com o de Platão na sua eterna apatia pelos escravos.

Sem participação popular na organização do governo, os mecanismos sociais deterioraram a qualidade de vida da massa camponesa. A degradação social permitiu o costume exótico e espúrio de considerar o escravo uma peça, um utensílio ou um animal de estimação.

A filosofia não conseguiu maturar uma idéia antiescravista. A consciência humana contaminada pela supremacia do homem livre sobre o homem a ele alienado foi incapaz de perceber a maldade do status.

Nem o senso religioso, nem os deuses mitológicos tinham misericórdia do homem cativo. O que é mais ilógico e triste é que o escravo perdia o próprio direito de viver, quando seu senhor perdesse a vida. Aquela organização social tão louvada pela modernidade regia-se por senhores com noção absoluta de poder sobre seus servos, mesmo depois de morto.

A religião, escreveu Coulanges (1999, p.18) deu-lhes a crença de que o morto vivia em seu túmulo, e por isso:

Não se deixava jamais de enterrar consigo os objetos do quais se supunha que teria necessidade, vestes, vasos , armas. Vertia-se vinho sobre sua tumba para mitigar-lhe a sede; colocava-se ali alimentos para atenuar sua fome. Degolavam-se cavalos e escravos com o pensamento que estes seres encerrados com o morto o serviriam no túmulo como havia feito durante a vida...

Mesmo recheados de componentes sociais desumanos que pedem análise rigorosa, os ufanistas “helenófilos” exigem comiseração na análise. A contra gosto somos forçados a analisar o pensamento grego sobre a ótica do costume da época e não sobre o de hoje.

Alguns afirmam que essa preocupação seja favorável ao que se possa chamar determinismo histórico. Fundamentam a afirmação, argumentando que os defensores da nossa sociedade desigual, espelham-se na sociedade desigual da Grécia.

Qual a razão do respeito histórico aos tabus daquela civilização embrutecida? As culturas da antiguidade estão no ostracismo em face do caráter despótico dos governantes e pelo estatuto da escravidão que cultivaram.

Por quê a segregação social na Grécia não macula a tão decantada democracia ateniense? Alguns pensadores da época (sofistas) desmistificaram-na, retirando o véu que encobre seus mistérios. Mesmo assim não se faz reparo do

conceito que se formou da democracia e da filosofia que teve por berço aquela cultura.

Por que as prerrogativas de um estado que marginalizava noventa por cento da população nada representa para os arautos da democracia grega? É lamentável que o estado repressivo que vicejou naquelas plagas, não suscite reflexão da maioria de nossos pensadores.

O hábito de encobrir a nódoa da história helênica não coaduna com a declaração de Crítias, sofista que nasceu e viveu em Atenas naquele período, transcrita de um texto do século V, que faz parte das páginas de Novaes (1966, p.63):

É justo que em Atenas os pobres e o povo gozem das mesmas vantagens que os nobres e ricos e a razão disso está em que o povo faz andar os barcos e que dá á cidade seu poder (...) Sendo assim, parece justo que todos tenham parte na magistratura (...) e que a palavra seja concedida todo tipo de cidadão que a peça...

Até porque a grande massa é responsável pela produção e esplendor de uma grande nação. Se o saber filosófico na Grécia sustentou um estado repleto dessas mazelas, naturalmente que contribuiu para mascarar um costume aviltante. Um pouco de senso crítico permite enxergar que a filosofia não foi nada mais e nada menos do que um disfarce da ideologia.

Dessa maneira, a fulgurante civilização caminhou para seu ápice ao mesmo tempo que a oligarquia escravocrata se tornava mais poderosa. O apoteótico período democrático foi conspurcado pela ganância da oligarquia. Luz e trevas marchavam lado a lado e Florezano (1994, p. 47) elucida assim o antagonismo democracia x escravidão. “a noção de democracia de mãos dadas com a de escravidão, e a noção de cidadão com a de escravo. O período clássico é a época em que se cristalizam as diferenças entre as três categorias sociais que formavam a sociedade ateniense”

Por isso aquela civilização não se sustentou e em 338 a.C, Felipe da Macedônia dominou todos os territórios da Grécia com exceção de Esparta, iniciando nesse momento a cultura helenística. Seu filho, Alexandre Magno, o sucedeu no trono e morreu doze anos depois, sendo o território da Macedônia dividido em 4 reinos. Por fim, entre 146 e 30 anos antes de Cristo praticamente quase todo território helenístico passou para o domínio Romano.

O período de domínio estrangeiro foi marcado por guerras absurdas, e o povo se viu ainda mais tolhido em seus direitos. Por essa época a tecnologia dos metais ofertava aos tiranos as máquinas de guerra. Com os novos artefatos de guerra a ciência dos metais satisfazia a insaciável sede de domínio de monarcas sanguinários.

É fácil inferir que o aprimoramento das ciências não cumpriu papel social na Grécia. Portanto não há motivo que leve um estudioso a regozijar-se com o que ele próprio possa chamar de assombrosa civilização grega. É preciso permear de cautela o julgamento, porquanto é imprescindível levar em conta a escravidão havida.

Não se trata manchar o prestígio dos helênicos, mas quer queira quer não, essas características maculam sua história. A euforia dos estudiosos embaça a análise real daquela civilização, e não leva em conta uma regra simples de Rousseau (apud Shaft 1980, p.141), que cético da história enfatizou seu caráter nebuloso “ Além disso, é inevitável que os fatos descritos na história não seja a imagem exata dos mesmos fatos tais como aconteceram: mudam de forma no pensamento do historiador, moldam aos seus interesses, tomam a cor do seu preconceito “

Certamente que outros estudiosos ficam igualmente estupefatos com o crônico problema social que vicejou ali. É o sabor amargo produzido pelo saber na terra dos sábios.

A mesma sabedoria que produziu a apoteótica ascensão da cultura grega, não impediu que ela passasse pelo vexame brutal que a dominação lhe impôs. O descaso com o homem tem sido a regra das civilizações e na Grécia, em certa medida, o problema foi agudo.

Os malefícios do progresso que ainda hoje despertam indignação serviram para recheiar a crítica de Rousseau que não se ufanava das artes e das ciências. Execrou o progresso das artes e ciências como principal responsável pela corrupção dos costumes. Toda sua obra é cheia de chavões e ataques à modernidade. Vejamos uma crítica ácida em um excerto de sua obra (1978 a, p. 337) no qual faz uma censura contundente através da evocação:

Vede o Egito, essa primeira escola do universo, esse clima tão fértil sobre o céu ferrenho, essa região celebre de onde outrora Sesóstris partiu para conquistar o mundo. Torna-se ela a mão da filosofia e das belas-artes e logo

depois se dá à conquista de Cambises, depois a dos gregos, a dos romanos, a dos árabes e, por fim a dos turcos.

Vede a Grécia povoada outrora por heróis que por duas vezes venceu a Ásia uma diante de Tróia e outra nos próprios lares. As letras nascentes não tinham ainda levado a corrupção aos corações de seus habitantes, mas o progresso das artes a corrupção de seu costumes e o jugo do macedônio seguiram de perto e a Grécia sempre sábia, sempre voluptuosa e escrava só ganhou com suas revoluções uma mudança de senhores. Toda eloqüência de Demóstenes jamais pôde reanimar um corpo que o luxo e as artes tinham desfibrado...

Na obra de Rosseau e nos escritos de inúmeros pensadores podem ser encontradas uma profusão de idéias contrárias ao brilhantismo da civilização helênica. Ela trouxe os vícios das que a precederam. Seu costume contaminado pelo interesse dos dominantes e não foi expurgado por seus filósofos, seus deuses, seus democratas.

Todavia, parece que esse conceito vai durar enquanto durar o tempo humano. Já se passaram 2500 anos e pouco mudou na concepção que hoje se fazem dela. O saber dos filósofos gregos é o penduricalho que enche os olhos de quantos observam aquela cultura. Por mais enfeitada e por mais grandiosa que tenha sido sua cultura, o costume foi ali, como no Egito igualmente pervertido. O progresso das artes e da ciência escreveu na Grécia, como em todos os lugares, as mesmas páginas de desesperança.

Da mesma maneira que nas civilizações que a precederam, um povo tripudiou a civilização grega às custas da barbaridade e crueldade possibilitadas pelo saber. Ali não foi diferente e as inovações nas artes e ciências de guerra dos macedônios sobrepujou, na regra do progresso, aquela que alguns historiadores considera, a mais bela e viçosa civilização da antiguidade. Os macedônios destruíram a era helênica e iniciaram a era helenística.

Posteriormente o modo de saber da cultura romana destronou a cultura helenística, estabelecendo domínio sobre todo território grego por volta de 30a.C.

Intrigas, orgulho, escravidão e guerras roubaram a supremacia da Grécia. Nada disso permitiu que se manchasse o belo conceito, que a grande maioria venera naquela civilização.

3.2.1 Considerações

Paradoxalmente, os fatos trazem à luz a idéia de que a desigualdade social se sustentou no seu antagônico que é a democracia. A existência pacífica desses antagônicos na Grécia sugere que a sociedade moderna pode subsistir como arremedo do fenômeno social na Grécia. Ou seja, democracia em meio a uma profunda desigualdade social. A sociedade moderna cuida de eternizar a beleza da filosofia e democracia grega. Dois milênios e meio transcorridos e nada mudou na concepção que fazem da espetacular democracia ateniense. Qual a razão de manter intactos os valores helênicos?

4 REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

4.1 Antecedentes – Aspectos da Civilização Feudal e Renascença

Por volta de 265 a.C Roma já conquistara e dominara toda a Itália de modo que quando sobrepujou a cultura grega no marco 30a.C, tornou-se de uma das mais poderosas civilizações da história. Reinou absoluta até aproximadamente 476 anos de nossa era, quando foi invadida pelos povos bárbaros que fragmentaram o império em vários reinos independentes. A fragmentação marca o início da Idade Média (civilização Feudal).

Em 40 d.C apareceram os primeiros cristãos cuja religião influenciou profundamente a civilização feudal que teve início em 476 , terminando no século XV.

É necessário dizer que nas religiões anteriores os sacerdotes formavam uma classe parasita. Diferentemente, na era medieval a igreja cristã manteve atividade produtiva, produziu saber e compartilhou poder.

Ostentava poder e dividia o mando com os condes dos feudos, conquanto oferecia proteção e realizava empreendimentos cujos nobres não conseguiam realizar.

Assim a maturidade do poder da igreja católica deu-se na lacuna deixada pela sociedade medieval. De acordo com Munford (1998, p.278), ela tornou-se uma instituição de vanguarda:

Ao tirar máximo partido dessas condições de penúria e oportunidade, as ordens monásticas fizeram as vezes de pioneiras: na verdade, conduziram todo progresso humano, oferecendo asilo sagrado aos refugiados e abrigo hospitaleiro ao viajante cansado, construindo pontes , estabelecendo mercados...

Os membros do clero eram de “douto” saber e abominavam toda forma de pensar diferente da orientação cristã. Na época da inquisição, com o intuito de preservar o cristianismo, a igreja recrudescu e a inquisição escreveu algumas das páginas mais tristes da história. Os tribunais do Santo Ofício, esclarece Burns em (1968, p.109), reviveram o maniqueísmo na Idade Média. Os inquisidores se embriagaram com o licor de Mani:

Que concebeu não simplesmente duas divindades empenhadas numa luta inexorável pela supremacia, mas todo universo dividido em dois reinos,

sendo um a antítese do outro; um, o reino do espírito dominado por Deus, eternamente bom; outro o reino da matéria sob o domínio de satã. Tinham origem em satã a escuridão, o pecado, o desejo e todas coisas corporais e materiais. A própria natureza humana era má , pois os primeiros pais da raça receberam seus corpos físicos do rei das trevas.

A inquisição e o estado aferrados a esse antagonismo destroçaram muitas vidas em nome da Vontade Divina. Em estrito cumprimento do Maniqueísmo brindaram a história com atrocidades sem fim.

Também a depauperação dos costumes durante o tempo do feudo foi tanto melancólico quanto trágico para os trabalhadores do campo. Viviam submetidos a trabalho desumano, lidando de sol a sol em jornada homérica. Sobre seus ombros pesavam inúmeras obrigações com os senhores donatários das terras. Seus hábitos e valores foram anulados pelos costumes da nova cultura.

A miséria era a única propriedade dos camponeses e Burns (1968, p.329), descreve da seguinte maneira a penúria dos trabalhadores do campo:

Seu lar, em geral, era uma cabana miserável construída de varas trançadas e recobertas de barro.(...) O piso era de terra nua, freqüentemente fria e encharcada de água e de neve. (...) Sofria fome quando a colheitas eram más e havia até casos de morte por inanição. Era, é claro, invariavelmente analfabetos e, algumas vezes vítimas de intendentess inescrupulosos...

As horríveis condições a que foram submetidos lançaram os trabalhadores nas trevas da ignorância. A imbecilização foi tamanha que desconheciam a noção de valores de moral e ética. Talvez a qualidade de vida deles tenha se tornado igual a dos homens da caverna. A extensão do constrangimento em que viviam foi relatada por um viajante medieval, em cujo caderno de memórias anotou que num dia de verão, “vira a maioria dos camponeses, no dia de feira, andar pelas ruas e praças das vilas sem qualquer roupa, nem mesmo calças, para se refrescarem “ Burns (1968, p. 329).

Tudo aos olhos da igreja que caminhava emparelhada com a suserania. Apesar da auréola, dita protetora, que envolvia o cristianismo, a maioria dos membros do clero não se apiedava dos trabalhadores humildes, frente ao infame tratamento a que eram freqüentemente submetidos pela nobreza encastelada .

O fragmento de texto de Burns (1968, p.330), dá a exata noção do menosprezo das autoridades para com os camponeses:

Tantos os acólitos dos nobres como os cidadãos quase sempre se referiam a eles em termos desdenhosos e odiosos. Diziam que todos camponeses

eram velhacos e estúpidos, mesquinhos, vesgos e feios que tinham nascido do esterco do burro, e que o diabo não os queria no inferno porque cheiravam muito mal...

A estrutura social e a produção de conhecimento eram determinadas pelo pensamento religioso. A igreja, senhora do saber e poder, fechava os olhos para a corrupção no clero. Muitas vezes dentro da própria estrutura católica surgiram movimentos com intenção de corrigir o rumo tomado.

Ela, que no primeiro momento, representava os anseios do povo desejoso de libertar-se da insegurança e da escravidão que reinara no Império Romano, agora se torna comensal de um novo sistema escravocrata. Desempenhou junto com a nobreza papel decisivo na aplicação da lei que regulamentava os delitos. A transcrição da carta abaixo, contida em Andery (1966, p.138), revela a enorme influência do clero junto aos senhores feudais. Trata-se de um pedido de perdão a um servo que casou-se sem o consentimento do suserano, e o que era mais grave, sem pagar o imposto correspondente ao direito de se casar:

Ao nosso mui querido amigo, o glorioso conde Hatton Enginhardo, saudação eterna do senhor.

Um dos vossos servos de nome Huno, veio a igreja dos santos mártires Marcelino e Pedro pedir mercê pelas faltas que cometeu, contraindo casamento sem o vosso consentimento, com uma mulher de sua condição que é também vossa escrava. Vimos, pois solicitar a vossa bondade para que em nosso favor useis de indulgência em relação a esse homem, se julgar que a sua falta pode ser perdoada. Desejo vos boa saúde com a graça do senhor...

Até mesmo um estudo superficial mostra que os sacerdotes sempre influenciaram os monarcas. Na Idade Média a igreja tinha saber e posses, que proporcionaram-lhe uma influência maior que nos tempos anteriores.

Às expensas da resignação dos fiéis o cristianismo prosperou na crise, assegurando-lhe um poder supremo. O Tratamento diferente que mereceu do estado, a venda de ofícios religiosos, e as generosas doações de seus membros fizeram da igreja cristã uma instituição respeitada.

Ninguém do império recusava-se a cumprir uma ordem do papa, inclusive o imperador. Andery (1966, p.142) acredita que foi a boa fé dos fiéis e a sabedoria religiosa que fizeram da igreja:

A grande proprietária de terras, numa sociedade em que a terra era sinônimo de riqueza, tendo conseguido tal poder econômico graças a

doações, esmolas, tributos, isenções de impostos e ao celibato, o qual garantia a manutenção das terras obtidas como seu patrimônio. Os bens de propriedade da igreja foram cada vez mais se avolumando, e, para tanto também contribuiu a cobrança de impostos em troca de proteção espiritual...

A Renascença, período que se desenrolou entre 1300 a 1650, encontrou-a ainda majestosa e pujante, exercendo um poder paralelo, ou melhor, co-gestor, do estado.

A igreja ditava a regra para a sociedade e a lei canônica valia para todos os fiéis inclusive o rei. A pena de excomunhão dada pelo santo vigário era tão temida quanto uma sentença de morte pronunciada pelo imperador.

O poder de mando da igreja pode ser avaliado por um litígio transcorrido na alta Idade Média envolvendo o papa e o imperador. A análise do entrevero anotada em Dallari (1998, p. 67) elucida a noção do grandioso poder alcançado pelo clero que a burguesia um dia iria desbancar. O episódio ocorreu no século XI, quando:

Henrique VI, imperador da Alemanha, nomeou feudalistas eclesiástico para bispado alemães, sendo tais nomeações declaradas nulas pelo papa Gregório VII. O imperador inconformado e ofendido, convocou uma reunião de todos os bispos alemães visando a deposição do sumo pontífice. Este, inteirado daquela iniciativa publicou um ato de excomunhão e determinou que nenhum estado cristão reconhecesse mais Henrique VI, como imperador, no que foi obedecido. Impotente para resistir o imperador não teve outra saída e no dia 27 de janeiro de 1077, fez uma famosa peregrinação a Canossa, nos Alpes italianos, vestido de buril e com o pés nus, esperando ajoelhado na neve que o papa lhe concedesse perdão...

A tendência renascentista de retomo à cultura grega e romana, acabou enfraquecendo o poder da igreja. A assimilação daquelas culturas foi pouco a pouco arruinando o fascínio da igreja católica, que com o tempo acabou por exercer somente a função religiosa.

Alguns estudiosos discordam de que a Renascença foi um período cuja principal característica tenha sido o súbito interesse pela cultura clássica. O fato é que o período foi abundante de reverência aos autores clássicos. Contudo, é bom registrar que a complexidade das realizações medievais ultrapassaram os limites daqueles autores. O progresso renascentista em pintura, ciência, política e religião destoam muito da herança clássica recebida. Os avanços conseguidos foram de extrema importância para as grandes transformações que lhes vieram no rastro.

Por volta do ano 1300, início da Renascença, a moral do regime feudal estava à deriva e logo depois a cavalaria, o Santo Império Romano, a autoridade universal do papa e o sistema corporativo de indústria e comércio viviam o estertor.

Apesar da submissão de nobres e camponeses, aos mandamentos da igreja, o sistema sofreu uma degeneração social terrível, e por essa e outras razões acabou desbancado. Os camponeses produziam tudo, num sistema de trabalho em que estavam amarrados à terra e constantemente pungidos pelos senhores proprietários das terras e da legislação.

Apesar dos atos insanos e esdrúxulos da vontade dos senhores, os camponeses eram o braço que lhes produzia a fartura. Não mereceram em contrapartida um mínimo de respeito por parte dos nobres. Sistemáticamente eram humilhados por costume imoral da nobreza devassa. Dentre outros abusos de autoridade, consta aquele em que os servos consentiam (a contra gosto) que seus rebentos saciassem a vontade desregrada de sexo dos seus senhores.

A degradante submissão, imposta ao pai da prole ,chegou a um nível doentio sendo que em alguns feudos a improbidade beirava as raias da insanidade. Um indício esclarecedor desse fato pode ser inferido do edito do rei de Aragão e Castela, mencionado no excerto extraído de Engels (2000, p.55):

Enquanto em Castela o camponês nunca fora servo, em Aragão reinou a escravidão mais abjeta até a sentença ou édito arbitral de Fernando o Católico, em 1486, documento onde se diz: Julgamos e determinamos que os senhores (senyor, barões) supracitados tampouco poderão passar a primeira noite com a mulher que haja tomado de um camponês, nem poderão igualmente durante a noite das núpcias , depois que a mulher se tenha deitado na cama, passar a perna por cima da cama ou da mulher, em sinal de sua soberania. Nem poderão os supracitados senhores servir-se das filhas ou filhos dos camponeses contra a vontade deles...

O repúdio à corrupção e à iniquidade freqüentemente fora abordado pelo saber da arte da escrita em prosa e verso , sendo a nobreza e o clero objeto do escárnio que muitos escritores e pensadores cuidaram de externar.

Na literatura, Miguel Cervantes com seu romance “Dom Quixote de la Mancha”, relata a vida cheia de nada, da débil cavalaria espanhola. Em sua sandice Dom Quixote (cavaleiro da estepe espanhola) luta contra os moinhos de vento como se fossem gigantes em fúria e contra rebanhos de ovelha como se fossem soldados infiéis. Confunde estalagens com castelos e criadas com damas majestosas. O livro

é uma crítica verrina ao feudalismo e às pretensões dos nobres de serem campeões da honra e do direito.

A igreja foi por sua ostentação, poder e luxúria tão vilipendiada quanto a nobreza, até porque chegou a ser a instituição mais poderosa dentro do regime carcomido da Idade Média. Ditava a direção dos vivos e o rumo dos mortos, em tudo era patente seu luxo , ostentação e poder e não é à toa que Mumford (1998, p.290), fez o seguinte registro:

Na Europa Ocidental, após a queda do Império Romano, a única instituição poderosa e universal era a igreja. Ser membro dessa instituição era teoricamente voluntário e obrigatório. Ser desligado de sua comunhão era castigo tamanho que, até o século XVI , os próprios reis temiam a ameaça de excomunhão. Da menor das aldeias, com sua igreja paroquial, à maior das cidades, com sua catedral, suas numerosas igrejas, seus mosteiros e santuários, a igreja estava visivelmente em todas as comunidades: suas torres eram o primeiro objeto que o viajante divisava no horizonte e sua cruz era o primeiro símbolo levantado diante dos olhos do agonizante...

Pelo fausto da vida religiosa e por ser irmã siamesa de governantes despóticos a igreja esteve, na Idade Média, na alça de mira dos torpedos lançados por brilhantes literatos.

Um grande nome do renascimento italiano e crítico do pensamento dominante da época foi Giovanni Boccaccio. Seus primeiros escritos foram inspirados no amor que devotou à bela esposa de um cidadão napolitano. Foram versos que tratavam do triunfo e do fracasso do amor. Com o tempo tomou gosto pela narrativa em prosa, e sua obra de maior porte literário, nesse estilo, foi Decameron escrito por volta de 1348. É constituído de uma centena de contos narrados por sete moças e três rapazes, que se homizaram do alcance da peste negra em uma vivenda nos arredores de Florença.

Cada um dos moços conta dez histórias, totalizando uma centena de contos e críticas sagazes, e parte delas atingiram em cheio a moral católica. Na obra ele representa os vícios e as virtudes da sociedade, condenando o farisaísmo da igreja. A análise da obra de Boccaccio, contida no livro de biografias (volume I) da coleção Os Imortais da Literatura Universal, (1972, p.16), mostra que o autor bate de frente com a igreja, pois:

A idéia central do Decameron é a de que a natureza dita ao homem as regras fundamentais de sua conduta. Sufocar os sentimentos é desvirtuar a própria vida. Reafirmando a ruptura com os princípios morais e tradições

literárias da Idade Média, que defendia essencialmente o valor da existência supra-terrena e do amor espiritual. Boccaccio insiste na exaltação da beleza e do amor terreno...

Por paradoxal que pareça, a igreja sendo uma instituição dentro do estado, não foi regida pelas leis desse mesmo estado. Da mesma sabedoria posta em jogo quando se criou um código de leis que nunca alcançava a nobreza, recorreu-se o clero para criar o seu, configurando-o como um organismo à parte. Com esse expediente agigantou-se uma igreja imune, forte, e eterna.

Para tanto, a conduta dos religiosos cristãos era regida por legislação canônica e tribunais da própria instituição. Essa poderosa blindagem colocava-a acima de qualquer sentença pronunciada pelas leis dos estados despóticos do regime feudal. O dispositivo tornou a instituição um poder paralelo, e algumas vezes mais respeitado do que o próprio Estado.

Por influência reacionária da religião, o progresso da renascença em relação à filosofia foi inferior aos outros modos de saber. Os primeiros filósofos dessa época rejeitaram a escolástica que privilegiava a razão humana entrando pelo caminho de superstições infantis e puerilidade mística.

A maioria dos primeiros pensadores da época eram humanistas pertencentes à Academia Platônica fundada por Cosme de Médicis. Alguns deles quiseram despertar as idéias de Aristóteles, enquanto outros tornaram-se estóicos, epicuristas e cépticos.

Além dos clérigos, outros homens existiram, pensaram e escreveram normas e regras com finalidade de sustentar um regime carcomido pelo enriquecimento dos nobres, pela depauperação dos costumes e pela profunda amargura dos camponeses.

Nicolau Maquiavel foi um deles, o mais difamante filósofo político da renascença na Itália. Era francamente favorável do absolutismo para consolidar e fortalecer o estado. O seu livro "O Príncipe" é um manual para governo tirano no qual estampa sua radical preferência pela força despótica. Menosprezou a idéia de uma lei moral que limitasse a autoridade do governante na idade média.

Cínico na avaliação que fazia do ser humano, afirmava que todas as ações do homem procediam de fisiologismo político. Em face dessa tenaz concepção, conclamava aos chefes de estado, a não fiar na afeição e na lealdade dos súditos. Ensinava que o governo devia tratar o súdito como quem deseja rapinar o trono.

Descreveu o estado como realmente ele existia e não como um estado ideal. É particularmente asqueroso, que a essência de sua descrição tenha servido de cartilha ao exercício do poder da maioria dos governantes.

A mentalidade estreita dos primeiros humanistas, na Itália, retardou o progresso da filosofia e embaçou a mente dos homens da ciência. Apesar do malogro, a Itália tornou-se, no século XV, o mais fulgurante centro de descobrimentos científicos. Nos grandes núcleos de estudos, alguns poderosos cérebros fizeram com que a razão triunfasse. Resgataram o país da mediocridade, permitindo que nele se assentasse os alicerces das principais descobertas do séculos XV e XVI. As ousadas conclusões científicas de Copérnico, Galileu e Da Vinci são sinais evidentes da colossal importância da Itália nesse campo.

A renascença francesa trouxe para o palco da história duas legendárias figuras do meio literário; Francois Rabelais e Michel de Montaigne. Rabelais foi um médico que escrevia almanaques para o povo e eram pérolas de críticas aos charlatões, astrólogos e às superstições populares.

Na sua imortal obra intitulada Gargantua e Pantagrue nomes de lendários gigantes medievais, satirizou as práticas da igreja, ridicularizou a escolástica, vilipendiou a superstição, a hipocrisia e a repressão. Nenhum homem da renascença foi tão esplêndido na defesa do homem e do natural. Para ele todos os instintos do homem são decentes e sadios, desde que não pretendessem tyrannizar os outros.

Michel de Montaigne foi um brilhante advogado e aos 37 anos iniciou uma vida de reclusão intelectual. Seus afamados "Ensaio" escritos no retiro intelectual revelam ceticismo em relação a qualquer dogma ou verdade universal. Concebia a religião e a moral como produtos do costume e da moda. Não enxergava diferença entre a moral cristã e a dos infiéis. Conclamava os homens a se desvencilharem do fanatismo e da superstição para assim se libertarem dos tyrannos poderosos. Valorizava mais o homem do que o poder em sua insigne percepção humanista. Uma de suas máximas transcrita a seguir reflete a aversão que nutria pelo poder. Sentemo nos escreveu ele, Burns (1968, p.431): "Sentemo-nos no mais alto trono do mundo, e ainda estaremos sentados sobre nosso próprio traseiro"

Na falta dos defensores de um estado mais fraterno a cultura medieval revelou-se rigorosa e tyranna para a grande massa. Faltaram outros para aumentar o quadro dos que combateram a opressão e o fisiologismo do estado e da igreja. Capenga a sociedade tornou-se refém dos abusos dos monarcas em todo tempo medieval, por

mais incisivos que fossem os ataques de Bocaccio , Montaigne , Cervantes e outros.

As artimanhas do saber religioso levaram a corte do clero a criar o método da confissão e da excomunhão o que aumentou sua importância na gerência do comportamento da sociedade.

Vejamos em Burns (1968, p. 357), a força sem par do anátema da igreja:

Por vezes um decreto de excomunhão contra um rei ou nobre poderoso era fortalecido com o estabelecimento de um interdito na região por ele governada. O interdito retirando grande parte dos benefícios da religião aos súditos de um governante, tinha como objetivo provocar o ressentimento contra ele e força-lo a se submeter à igreja.

Com seus interditos e esconjuros, a igreja manteve um poder inexorável garantido legalmente pelos próprios monarcas.

Configurou-se assim a estrutura de um estado em que as benesses do saber aquinhoaram de novo a nobreza e o clero. A vontade de modificação em prol da sociedade esteve sepultada, e é indício de que a cantilena não muda , em qualquer tempo e lugar o saber serve à dominação ou é por ela destruído.

A inquisição é o mais belo exemplo do poder de decisão e de embrutecimento da igreja, com ela, o clero desencadeou uma perseguição implacável aos supostos hereges, executando milhares de pessoas que discordavam do saber religioso. Qualquer pensamento que não coadunasse com o cristianismo recebia o anátema da igreja. Galileu Galilei, pressionado pelos inquisidores negou a essência do saber científico sob pena de prejuízo para a ciência e para livrar-se de ser queimado na fogueira da inquisição.

Apesar do embrutecimento das ciências patrocinado pelo clero, e a despeito dos percalços, houve um grande avanço científico durante a Renascença. As inovações técnicas ocorridas no período possibilitaram as grandes navegações. Com elas as nações imperialistas da Europa entesouraram usurpando o ouro e o mercado da América. Os investidores de além mar ensaiaram com a Revolução Comercial implementada pelo conhecimento nas artes de navegação, aquela que seria seu maior trunfo; a Revolução Industrial.

4.2 Revolução Comercial

Nos trezentos e cinquenta anos que compõem o interregno 1450 a 1800 ocorreu a revolução comercial cujo conteúdo trouxe profundas mudanças para a vida econômica européia. Seu traço característico é a saída da economia semi-estagnada localizada e de subsistência da idade média para o regime capitalista dinâmico de alcance mundial dos tempos modernos.

Essa transformação foi o embrião da Revolução Industrial, sendo oriunda de um extraordinário avanço do saber nas artes bélicas e de navegação. Os idealizadores do novo tempo tinham em mente vencer pela técnica e pela guerra. O nome Comercial refere-se à uma brutal exploração, possibilitada pelas técnicas , principalmente de guerra, desenvolvidos na Europa e completamente desconhecidos pelos silvícolas da América. Ribeiro (1983, p.129), lista o aporte do saber da navegação de guerra dos europeus que ensejou a brutal exploração da América. O saber do vencedor tinha por base a:

Revolução Mercantil, fundada numa nova tecnologia da navegação oceânica, baseada no aperfeiçoamento dos instrumentos de orientação (bússola magnética montada em balancis , o quadrante , a balestilha, o astrolábio cartas celestes e portolanos, cronômetros e outros) e de navegação (as naus , e caravelas, a vela latina, o leme fixo, as carretilhas e barcos de guerra). Baseava-se por igual na descobertas de procedimentos mecânicos , como bielias-manivelas os eixos cardan ,etc., e numa nova metalurgia revolucionada com a descoberta de processos industriais de fundição de ferro, de laminação de aço, de trefilação de arames, (...). Baseava-se, também , na renovação das artes de guerras com armas de fogo aperfeiçoadas – canhões, morteiros, espingardas- que em terra permitiram enfrentar a mobilidade das cavalarias armadas de arcos e lanças que haviam prevalecido no último milênio ...

O modo imperialista de comércio apeou o regime feudal do reino da glória e abriu espaço para grandiosa revolução industrial. As incursões nas terras descobertas na África e América permitiram à burguesia européia intensificar o comércio, a indústria e as atividades bancárias. Permitiram, também, o influxo de novos artigos e metais preciosos auferindo lucros fabulosos aos países exploradores da América e da África.

Espanha e Portugal e depois Inglaterra, França e Holanda substituíram os centros de tecnologia e prosperidade que anteriormente estavam no norte da Europa.

A soma dos efeitos desses fatores foi responsável pelo enriquecimento sem precedentes da Europa e provocaram alterações no tecido social e na cultura

material. O metalismo, teoria segundo a qual a riqueza de um país é medida pela quantidade de metais contida no seu território, foi a doutrina fundamental do mercantilismo e a força motora da ampliação dos territórios Europeus.

Excetuando os nórdicos que primeiro abriram caminho o continente norte americano no ano 1000 da era cristã, Portugal e Espanha foram os pioneiros da navegação marítima no final do século XV.

Na busca de comércio sem fronteiras e instigados pelo metalismo, portugueses e espanhóis usurparam as terras da América, ultrajaram a honra e o patrimônio natural dos nativos do novo mundo. Com requintes de crueldades avassalaram tudo e todos e em nada ficaram a dever aos bárbaros. Eduardo Galeano expõe o furor, a ganância e a atrocidade imposta aos nativos pelos colonizadores. Em sua obra *As Veias Abertas da América Latina*, pequeno inventário da exploração europeia, analisa o espírito inumano dos nobres europeus com bênção da igreja católica.

Um exemplo dessa brutalidade está claro no diálogo registrado na obra de Galeano:

Qual o seu último desejo? Perguntou um padre a um índio arredio condenado a morte pelos invasores espanhóis.

- Quero morrer e ir para o inferno, respondeu.

- Porque - acrescentou. Ensinaram-me que o cristão vai pro céu e eu nunca mais quero ver cristão na minha frente. Chega de sofrimento.

O desiderato desse nativo da nação dos Incas denota a dimensão do martírio a que foram submetidos a serviço do metalismo. Pelo mesmo motivo, igual sorte foi reservada aos negros capturados na África e submetidos às ações odiosas e ao despotismo das armas portuguesas no Brasil.

Nas cartas do Padre Antônio Vieira, guardadas em Coimbra, encontram-se pensamentos, que são pérolas do triunfo do saber religioso , sobre o saber dos negros ignaros , capturados na África.

Naquele momento a Civilização Feudal reeditou a escravidão nos moldes da ocorrida na pré-história em que os escravos eram transportados para o cativeiro em lugar distante. A igreja católica presta inestimável contribuição aos impérios português e espanhol, domesticando e catequizando índios e negros.

O papel ideológico de impor a língua, a religião e o costume coube à igreja que difundindo o cristianismo muito contribuiu para a escravidão no novo mundo.

Entendia a igreja que a catequese era para índio e negro mais importante do o martírio da escravidão. Para dirimir qualquer dúvida ou apagar qualquer sentimento de pena para com os negros, os catequistas acreditavam que os negros foram salvos do inferno, ao se tornarem prisioneiros da coroa.

Padre Antônio Vieira, o mais famoso catequista, explicava à corte que o cativo não era uma desgraça e sim uma dádiva que negro recebeu por se tornar cristão. O fato é: ser escravo é questão de somenos, explicava ele, comparado com as luzes do cristianismo que o negro recebe no seu proselitismo forçado.

A fé inabalável do famoso padre inibiu sua comiseração diante do martírio do negro. A análise de algumas linhas de seus escritos (apud Novais 1992, p.433), refletem a capacidade de imantação contagiante do cristianismo:

Oh! se a gente preta , tirada das brenhas da sua Etiópia , e passada ao Brasil conheceria bem quanto deve a Deus e a sua santíssima mãe por este que pode parecer seu desterro, cativo e desgraça , e não é senão milagre, e grande milagre ? Dizei-me vossos pais que nasceram nas trevas da gentildade, e nela vivem e acabam a vida sem lume da fé, nem conhecimento de Deus, aonde vão depois da morte? Todos, como credes e confessais, vão ao inferno, e lá estão ardendo e arderão por toda eternidade. E que, perecendo todos eles , e sendo sepultados no inferno como Coré. Vós que sóis seus filhos , vós sabeis e vades ao céu? Vede se é grande milagre da providência e misericórdia divina...

A mesma inteligência que ensinou traçar rotas marítimas , construir naus poderosas e modernas armas de fogo, escrever as belas palavras do Velho e do Novo Testamento serviu para trucidar o povo ignaro. Eram os donos do saber fazendo dele instrumento de repressão e pavor. Um instrumento que pungia, ferindo a dignidade, feito um trator cortando a terra.

A esse respeito, as opiniões se dividiam entre os que emitiam juízo de valor, condoídos, alguns elementos do baixo clero, denunciaram a crueldade da escravidão impostas aos nativos da América. Contra argumentando o papa respondeu que os índios não tinham alma, portanto, podiam ser escravizados sem a misericórdia Divina.

O sistema escravista era ardorosamente sustentado pelo pensamento religioso e literário, manifesto nas penas poderosas de alguns filósofos.

Mesmo não tendo a mesma força da época medieval, a igreja, que nunca apartou-se do poder, cumpriu seu papel como mediadora dos interesses do capitalismo mercantil.

Ribeiro (1983, p.144) destaca o papel de suporte ideológico que a igreja empreendeu em prol da dominação na era pós-medieval:

Desse modo, a Europa pós-medieval, que redescobriu o mundo grego assumindo sua postura mercantil e sua atitude especulativa, pode levar à frente o saber e as artes a partir do ponto em que haviam estagnado e pôde retomar também os modelos mercantis escravista de estruturação política em seu conteúdos democráticos.

Na área onde mais amadureceu a formação capitalista, a igreja católica de um poder autônomo ordenador das estruturas sociais e legitimador da autoridade, reduz-se à instituição auxiliar modeladora de consciências individuais. Mas é prontamente chamada a atuar como sustentáculo espiritual da nova classe dominante. Teólogos reformistas dedicam-se, agora, a formular uma ideologia enobrecedora do enriquecimento.

Emerge agora uma nova sociedade que se espelha no modelo social da Grécia. Para tanto os arautos do capitalismo mercantilista alardeiam aos quatro ventos os extremados valores da democracia ateniense. O objetivo é estabelecer um modelo tal como aquele, escravocrata, porém camuflado de democracia.

Através de raciocínios estapafúrdios, muitas mentes privilegiadas justificavam a escravidão baseando em fatores de ordem moral, religiosa e até geográfica. No exemplo anterior o papa fundamentou sua opinião a favor da escravidão, na premissa de que o negro não tinha alma, que é um fator puramente religioso.

Por seu lado Montesquieu (apud Aron 1999, p.35) lobrigava até no clima alguma razão que justificasse os grilhões com que os europeus embruteceram outros povos. A explicação desse pensador é provavelmente uma das mais ardilosas artimanhas do saber, porquanto, assim justificava serenamente o servilismo:

Há países onde o calor debilita de tal forma a disposição, que os homens só cumprem um dever penoso movidos pelo medo de serem castigados. Nesses países, portanto, a escravidão choca menos a razão. E como o senhor é tão covarde com relação ao príncipe, quanto o escravo com relação ao senhor, a escravidão civil é acompanhada da escravidão política.

A insensibilidade do autor recheia os escritos com os quais referendava o trabalho servil. Um pequeno trecho de sua obra se encontra em Aron (1999, p.36) e

denota sua simpatia pelo vilipêndio da escravidão. “ Não sei se é a mente ou o coração que me dita esse artigo. Talvez não haja na terra esse clima que não permita levar homens livres a trabalhar. Por haver leis mal feitas , surgiram homens preguiçosos . Como esses homens eram preguiçosos , foram transformados em escravos “

A avalanche da Revolução Comercial não se limitou a modificar o comércio e a atividade bancária. O sistema de manufatura, criado pelas corporações de ofício da idade média, debilitava na mesma proporção que avançava a revolução. Surgiram novas indústrias de mineração, metalurgia e fabril totalmente diferente das corporações.

A invenção da roda de fiar e do tear, bem como a descoberta de um novo meio de fundir metais, originaram as novas indústrias que empurraram as débeis corporações para o precipício.

Essas indústrias organizaram-se da forma como chegaram até os dias de hoje, com ferramentas e instalações pertencentes aos capitalistas, enquanto os operários eram meros receptores de salários.

O afluxo de metais preciosos e o aumento populacional despertou a ganância dos nobres que recorriam –se dos banqueiros para levantar fundos de investimentos.

Recebiam os créditos amarrados aos ardis da lei e não raro faliam. Na Espanha, alguns aristocratas inadimplentes, sem constrangimento, uniam-se a bandos de vagabundos que erravam de cidades em cidades cometendo pequenos delitos.

Os fatos marcantes dessa revolução foram a ascensão da burguesia ao poder econômico, o início da europeização do mundo e o restabelecimento da escravidão oficial. Também ressuscitou o absolutismo do estado monárquico que declinou e quase naufragou no período medieval.

As transformações possibilitaram acúmulo de riqueza pelas monarquias que ampliaram seus órgãos de governo fortalecendo a máquina burocrática do Estado, com a criação de órgãos militares.

As constantes guerras entre os países da Europa instigaram o saber das artes de guerra dos monarcas, que montaram exércitos permanentes. A força armada cumpria dois papéis, ao mesmo tempo que garantia a soberania do estado, embrutecia a autoridade do governo.

Por fim a reforma protestante teve seu quinhão, porque rompeu a unidade da igreja cristã, aboliu a supremacia do papa sobre as autoridades seculares e reavivou a doutrina de que as autoridades constituídas são desígnios de Deus.

As monarquias enfraqueciam economicamente em face de que patrocinavam guerras de conquistas e religiosas. As guerras empreendidas por Espanha e Portugal banharam a terra com sangue de seus cavaleiros e dos mouros na longa campanha da Guerra das Cruzadas. Projetos insanos dos reis católicos mergulharam, principalmente, a Espanha na carolice, tornando-a refém do incomensurável poder da igreja.

4.3 Desenvolvimento da Revolução Industrial

Ocorreram muitas transformações na indústria durante a história da Civilização Ocidental. No entanto, somente a revolução no setor produtivo, que desenrolou entre 1780 e 1880, é denominada Revolução Industrial. Um dos fatores que a possibilitaram foi a Revolução Comercial levada a cabo pelos europeus, que abriram mercados internos e externos carentes de consumo, os quais a Revolução Industrial tratou de suprir. O mercado interno agigantou-se com o crescimento populacional da Europa, nesse tempo.

As transformações porque passou o modo de produção e a organização social denominada Revolução Industrial ocorreram principalmente na Inglaterra e na França.

Ribeiro (1983, p.148) foi enfático na brilhante exegese que fez deste período e nela pode-se aprender muito a respeito da grande modificação do costume, que ocasionou aquela revolução:

Sua capacidade de reordenação das sociedades só seria comparável à da Revolução Agrícola que, desde dez mil anos passados, vinha remodelando os povos. Afetaria também todas as sociedades, acrescentando às que lograram industrializar-se um poderio antes inimaginável e submetendo as demais a formas de dominação cada vez mais sutis e imperativas. (...).

O efeito crucial da nova revolução tecnológica consistiria, porém, no lançamento das primeiras bases de uma civilização humana, afinal unificada, pelo acesso de todos os povos à mesma tecnologia básica...

A magnificência da tecnologia propiciou a grandiosidade desta transformação. Entretanto, as inovações alcançadas nesse tempo, ao modo das anteriores, não cumpriram papel de interesse coletivo. A grande massa de trabalhadores se viu

excluída da possibilidade de uso e consumo dos abundantes produtos das novas técnicas.

Nos grandes centros industriais, alheios às benesses do saber (principalmente na Inglaterra e França) os trabalhadores vegetavam imersos na perpétua pobreza a que sempre estiveram. Assim, a história se repetiu, com os donos do saber usufruindo das regalias das inovações, enriquecendo, consumindo e vendendo as mercadorias, alijando dessa possibilidade aqueles que realmente as produziam.

Os monarcas apoiavam os investidores da grande indústria, e, simultaneamente, fechavam os olhos para a completa subserviência imposta aos operários, pela classe burguesa incipiente. Nas colônias de exploração, o quadro se repete e a burguesia começa a explorar a mão de obra da estrutura social escravista. Da obra de Ribeiro (1983, p.154) infere-se que os silvícolas perderam a antiga liberdade, na medida em que toda a América Latina caiu escrava de Portugal e Espanha:

Na ordem externa, o processo de industrialização histórica, promove uma modernização meramente reflexa e impõe condições de extrema penúria aos povos já submetidos ao estatuto colonial e àqueles que converte de domínio do império mercantil salvacionista, em áreas neocoloniais das grandes potências.

O crescimento demográfico propiciado por esse estágio de evolução só pode ser comparado ao da Revolução Agrícola que acarretou, como já se viu, o advento da Revolução Urbana.

Na Inglaterra, o cenário principal desse novo tempo ocasionou um efeito demográfico espetacular. O país assistiu a um crescimento da ordem de quatro milhões de pessoas, em 1600, para seis milhões, em 1700, e, nove milhões em 1800. Na França, o crescimento foi de dezessete milhões, em 1700, para vinte e seis milhões, um século depois. O fabuloso crescimento demográfico e a expansão ultramarina formaram um gigantesco mercado de consumo, terreno fecundo onde edificou-se a Revolução Industrial.

As melhorias implementadas em algumas máquinas e a invenção de outras, tal como: lançadeiras volante, máquina de fiar e o descaroçador de algodão, alavancaram a capacidade da produção fabril.

Incipientes que eram, as primeiras máquinas foram de pequeno porte e baratas o que possibilitava que fossem instaladas nas casas dos operários. A sofisticação das

mesmas e o advento da máquina a vapor exigiam que elas fossem montadas em cidades e vilas próximas a um curso de água corrente.

Até a invenção do tear mecânico, 20% dos tecidos continuavam a ser produzidos na casa dos tecelões. Com a invenção dos novos teares, os empresários deslocaram toda tecelagem para dentro da própria fábrica. Nesse momento, o impacto do saber tecnológico recai sobre os artífices da tecelagem manual, que amargam a primeira derrota para a máquina moderna.

Por outro lado os investidores ingleses do setor fabril ganhavam rios de dinheiro, em face da performance da maquinaria. Os mercados do mundo inteiro foram inundados pelos vários tecidos de algodão da inigualável capacidade de produção inglesa.

Emergentes de lucro faraônico, surgem os novos ricos, que vivem em casarões, enquanto que a classe proletária, denuncia Munford (1998, Seção Ilustrada-Ilustrações 33-48), vive em condições repugnantes. No inferno que ele mesmo chamou de:

Inferno Paleotécnico- Talvez somente aqueles que já estiveram em combate tenham tido qualquer experiência comparável com a realidade da cidade industrial no século XIX antes das transformações efetuadas pelos sindicalista, pelo movimento cooperativista, pelas instalações e regulamentações sanitárias coletivas e pela legislação de bem estar social...

A invenção da máquina a vapor eliminou a necessidade de energia hidráulica. Com isso, os empresários trouxeram as oficinas para a cidade, onde era menos dispendioso a chegada de matéria-prima e o embarque de produtos acabados.

Apesar do vertiginoso progresso das técnicas de produção, a Revolução tomou corpo ao longo do tempo e aconteceu simultânea ao aprimoramento do modo de produção de mercadorias com valor de troca.

Essa fase começou quando surgiu o excedente de produção, e no entendimento de Engels (Ano A, p. 07) atingiu o ápice com a implantação da Industria Moderna:

Isto é sob as condições em que o capitalista proprietário dos meios de produção, emprega, em troca de um salário, operários, homens despojados de qualquer meio de produção, exceto a sua força se trabalho, e embolsa o excedente do preço de venda dos produtos sobre o seu custo de produção...

O excedente tornou-se cada vez mais significativo com o avanço do saber tecnológico, enquanto se aprimoravam e aumentavam a ação da máquina na

elaboração do produto. Em decorrência disso, diminuía a importância do trabalhador no processo produtivo. O efeito excludente da importância do trabalhador no processo fez com que se configurasse a imbecilização do homem. Por mais criativo que fosse o operário, sua inteligência ficou ofuscada pela importância dos mecanismos.

Assim o trabalhador perdeu seu valor na elaboração do produto, próprio dos tempos do trabalho artesanal. Sua importância marchava para o fim, ao mesmo tempo que o sistema produtivo cumpria três fases históricas de desenvolvimento, assim delineados e definidos por Engels(Ano A , p. 07):

“ 1-Indústria Artesanal

Sistema de produção no qual pequenos mestres artesãos com alguns oficiais e aprendizes elaboravam o artigo completo.

2-Manufatura

Sistema de produção, em que se congrega num completo estabelecimento um número considerável de operários, confeccionam o artigo completo, de acordo com o princípio da divisão do trabalho, onde cada operário só executa uma operação parcial do trabalho, e a produto final só se completa e acaba , quando tenha passado sucessivamente pelas mãos de todos.

3 - Indústria Moderna

Sistema de produção, em que o produto é fabricado mediante por máquina movida pela força motriz e o trabalho do operário se limita a vigiar e retificar operações de mecanismo...

Simultaneamente, ao desempenho do setor fabril , a abundância de carvão mineral e o eficaz sistema de transporte da Inglaterra, fizeram com que a produção de ferro entrasse na esteira do progresso.

A disponibilidade de combustível e outras descobertas possibilitaram; economia, melhoria da qualidade e maior diversidade de artigos de ferro. A necessidade de artefatos de ferro na montagem de máquinas fabris, implementos agrícolas e ferragens, mantinham a produção de ferro da Inglaterra em patamar invejável.

O advento da estrada de ferro combinado com os fatores mencionados fez com que a produção desse metal na Grã-Bretanha fosse maior do que a soma que se produzia no resto do mundo.

As invenções se sucediam e atendiam a interesses da produção de bens de consumo ou de serviços. A locomotiva foi um dos inventos engendrados no bojo da

Revolução Industrial e primeira estrada de ferro de serviço público foi inaugurada na Inglaterra em 1825.

A primeira dessas máquinas foi construída em 1804 para puxar vagões numa mina de carvão em Gales. Nas minas subterrâneas, o braço do trabalhador era a força de tração das vagonetas. No fundo da minas, os operários exerciam força suprema em condições sobre-humana, cumprindo jornada de até 16 horas de trabalho. Homens Subnutridos e em ambiente de pouca ventilação arrastavam as vagonetas , que por certo aumentou muito a capacidade de produção das minas.

As condições de extrema dificuldades para os trabalhadores das minas subterrâneas podem ser compreendidas no enredo do filme “Germinal”, baseado no romance de mesmo título do escritor Émile Zola. O filme mostra a bestialidade com que os operários foram tratados na época da Revolução Industrial e a miséria dos mesmos em plena abundância de ofertas de mercadorias.

Rapidamente as estradas de ferro foram aprimoradas na Europa e segundo a avaliação da Enciclopédia Barsa (1995,p.198), para suprir a necessidade sazonal de transporte, na época de inverno rigoroso:

Nos países europeus, de clima frio, foram mais rápidos os progressos registrados no aperfeiçoamento das estradas de ferro, porque não só era difícil a construção de canais navegáveis , mas também as barcaças eram lentas, e o congelamento das águas dos rios, durante o inverno interrompia as atividades dos transportes...

Na onda revolucionária a indústria química aprimorou seus métodos de produção de sabão e vidro, criou novas técnicas de tingidura e branqueamento de tecidos, entrando também no ciclone do progresso varria a Europa.

Fica como registro o fato de que a revolução da Indústria na Inglaterra não resultou de pesquisa científica, porque o país carecia de um sistema de educação nacional. Contudo, não há como desmerecer a magnitude das descobertas, os arrojados empreendimentos dos empresários, e as ações do governo que ampararam as intenções revolucionárias da burguesia.

O desenvolvimento foi de tal complexidade que tornou a Revolução Industrial o acontecimento histórico que mais reformulou a organização da vida dos homens na face da terra. Todos adentravam na torrente revolucionária; os capitalistas na perspectiva de entesouramento, e os trabalhadores na de sobrevivência. Os operários submetiam-se a baixos salários e não encontravam forças para

reivindicação, porque as máquinas modernas aumentavam a produção sem um aumento correspondente da necessidade de mão de obra.

A majestosa Revolução rompeu os limites da Inglaterra e França, lastrou pela Europa e migrou para a América do norte. Nos EUA, o saber tecnológico oriundo da Europa vicejou como em raríssimos lugares do mundo, colocando esse país na ponta do progresso.

A grande maioria da população inglesa estava, no século XVIII, concentrada no interior em face de que a força motriz das primeiras máquinas dependia de água corrente. A instalação de indústrias modernas nos distritos industriais, provocou um êxodo desordenado dos camponeses em busca de emprego nas cidades que renunciavam-lhes o Eldorado.

Ao invés do ouro encontraram trabalho indigno e penoso. Ali e alhures as fábricas eram seus próprios cativeiros, porque não havia legislação trabalhista. A carga de trabalho inumana e longa inspirou libelos de acusação do calibre do substrato abaixo, extraído de Marx (1984, p.72/73):

As manufaturas de metal de Birmingham e adjacências empregam, em grande parte para trabalhos muito pesados, 30 mil crianças e pessoas jovens , além de 10.000 mulheres. São aí encontráveis em condições insalubres nas fundições de latão, fábrica de botões, trabalhos de esmaltar , galvanizar e laquear. O excesso de trabalho, para maiores e menores de idade assegurou a diversas gráficas de jornais e livros o honroso título e matadouro. Os mesmos excessos ocorrem no setor de encardenação... as olarias , nas quais a máquina recém- descoberta é usada , ainda esporadicamente, o trabalho vai de 5 horas da manhã às oito da noite...

O vapor e as grandes máquinas ferramentas, converteram a manufatura na grande indústria moderna. O ritmo vagaroso do desenvolvimento do período da manufatura transformou-se, dentro da fábrica moderna, num ritmo esplendoroso de produção e oferta de mercadoria. Nela os operários produziam um mar de mercadorias, mas não conseguiam adquiri-las. Produziam pão, trigo, tecidos, jóias, calçados, roupas e construíam casas. No entanto, eram famintos , sem moradia digna, maltrapilhos e se degeneram física e moralmente numa carga ignóbil de trabalho.

O quadro triste dos trabalhadores, vítimas do progresso da maquinaria, que não despertou a comiseração dos patrões e da igreja, decerto a despertaria até em seres de outro mundo, conforme previu Huberman (apud Andery et al, 1966, p. 262):

Se um marciano tivesse caído naquela ocupada ilha da Inglaterra teria considerado loucos todos os habitantes da Terra. Pois teria visto de um lado a grande massa do povo trabalhando duramente, voltando à noite para os miseráveis buracos onde moravam, que não serviam nem para porcos; de outro lado, algumas pessoas que nunca sujaram as mãos com trabalho, mas não obstante faziam as leis que governavam as massas e viviam como reis, cada qual num palácio individual...

O crescimento avassalador do poder do capital e a indiferença para com os trabalhadores despertavam sentimentos diferentes nos escritores, filósofos, economista, pensadores e artistas.

Alguns se constrangeram e o que pensaram e escreveram são pérolas que fundamentam uma dissertação de natureza crítica ao malefício do progresso; outra de natureza antagônica da que escrevo, com certeza, pode encontrar para sua fundamentação um número maior ainda de intelectuais daqueles matizes. Dos que não se ufam do progresso, Baudelaire ocupa lugar inolvidável na história do pensamento.

Seus escritos constituem exacerbadas críticas, como pouco se viu no século XIX, para dotar seus contemporâneos de uma consciência de si mesmos. Baudelaire (apud Berman, 1999, p.135), considerava perverso e satânico o progresso aplicado às artes porquanto escreveu ele:

Existe ainda um outro erro muito atraente, que eu anseio por evitar, como ao próprio demônio. Refiro-me à idéia de progresso. Esse obscuro sinaleiro, invenção da filosofância hodierna, promulgada sem a garantia da natureza ou de Deus- esse farol moderno lança uma esteira de caos em todos os objetos de conhecimento ; a liberdade se dispersa e some, o castigo desaparece. Quem quer que pretenda ver a história com clareza deve antes de mais nada desfazer-se dessa luz traiçoeira. Essa idéia grotesca, que floresceu no solo da fatuidade moderna, desobrigou cada homem dos seus deveres, desobrigou a alma de sua responsabilidade, desatrelou a vontade de todas as cauções impostas a ela pelo amor e a beleza. (...) Tal obsessão é sintoma de uma já bem visível decadência...

A vinda da indústria para a cidade e a pobreza do campo provocaram o êxodo de milhões de pessoas da área rural para os centros industriais, obrigando homens e mulheres a assimilarem nova forma de vida. O resultado da migração foi uma explosão demográfica sem precedentes em Londres, Manchester, Paris, Berlim e Viena e outras.

Milhares de famílias espalhadas pelos bairros pobres viviam comprimidas nos cortiços, em condições subumanas, correndo de casa para o trabalho, ao ritmo alucinante das sirenes das fábricas. Uma vida miserável, indigna e muitas vezes promíscua se apossou dos trabalhadores. Muitas pessoas de uma mesma família ou de famílias diferentes conviviam em quarto de porão com paredes mofadas, sem luz e sem esgoto. Parte da melancólica existência desses homens foi combatida com a crítica de muitos escritores a exemplo de Émile Zola. Em “Germinal”, título que Zola deu a um dos seus romances e que tornou-se uma das mais famosas obras do naturalismo francês, o autor aborda a mazela da vida dos mineiros em plena Revolução Industrial.

Como se não bastasse a degradante existência, a instabilidade econômica fora inclemente com os trabalhadores, nos primeiros anos de 1840, quando metade deles estavam sem emprego nas principais cidades industriais da Inglaterra. Em Paris, nesse mesmo período, 85000 operários dependiam de assistência pública.

Vê-se que a ciência posta a serviço do capital incrementou a revolução tecnológica, aprofundou sem clemência a pobreza numa ponta, enquanto concentrava a riqueza na outra. O desenvolvimento da técnica de produção foi impiedoso com todos, lançando crianças, adultos e velhos no mesmo mar de sofrimento. Velhos sem esperança no futuro, e crianças cujas esperanças não se vislumbravam, formavam um quadro sombrio e sem horizontes para os trabalhadores.

Marx (1984, p.73), condoído da desesperança, saiu em defesa dos operários, porque na sua compreensão de sociedade fraterna:

É impossível a uma criança passar pelo purgatório de uma olaria sem grande degradação moral. (...) A linguagem baixa que tem de ouvir desde a mais tenra idade, os hábitos obscenos, indecentes e desavergonhados entre os quais as crianças crescem inconscientes e meio selvagens, tornam-nas, para o resto da vida sem lei, vis e dissolutas. (...) Uma terrível fonte de desmoralização é o modo como moram. Cada moldeur fornece a seu grupo de sete pessoas alojamento e refeições em sua cabana ou cottage. Pertencendo ou não à sua família, homens, jovens mocinhas dormem na cabana. Esta é constituída por 2, só excepcionalmente por 3 peças, todas ao rés-do-chão, com pouca ventilação. Os corpos estão tão exausto pela grande transpiração que de nenhum modo são observadas as regras de higiene, de limpeza ou de decência.

Muitas dessas cabanas são verdadeiros modelos de desordem, sujeira e pó. (...) . O maior mal desse sistema que emprega mocinhas para essa espécie de trabalho, reside em que, em regra, ele a amarra, desde a infância, por todo resto da vida, à corja mais abjeta. Elas se tornam rudes rapagões desbocados, antes mesma de a natureza tê-las ensinado que são mulheres. Vestidas com poucos trapos imundos, pernas desnudas até bem acima dos joelhos, cabelos e rostos manchados com sujeira, aprendem a tratar com desprezo todos os sentimentos de decência e pudor. Durante os intervalos das refeições, deitam-se esticadas pelos campos ou espiam os rapazes que tomam banho num canal próximo. Concluído, afinal, seu pesado labor cotidiano, vestem roupas melhores e acompanham os homens às tabernas .

Era esse o panorama da vida dos operários, famílias inteiras na mesma frente de trabalho, o laço de amor que unia pai e filhos sucumbiu diante de tanto sofrimento. O chefe da família, coração empedernido pelo rigor da vida, levava toda a prole para o labor nas minas subterrâneas. Zola, na obra “Germinal” citada anteriormente, mostra um pai censurando a filha recém adolescente, raquítica e subnutrida que não resistia a dureza do trabalho. Nem sequer se dava conta de que o trabalho era desumano para si e impossível para uma menina moça. Que mais poderia se esperar de uma criança após jornada de 14 horas em mina subterrânea, com pouca ventilação e ademais com fome?

Germinal é quadro triste do desamor instaurado no coração do pai vítima de trabalho inexecutável. Nessa obra do naturalista francês, que está disponível, também, em filme, retrata a miséria dos mineiros na França, narrando a amargura do cotidiano dos homens embrutecidos pelo rigor do trabalho, na época da grandiosa revolução Industrial.

Os operários da indústria moderna, antes de chegarem aos grandes centros industriais, foram expulsos das terras dos feudos onde eram servos. Com o confisco das terras da igreja, maior proprietária de campos cultiváveis no regime feudal, e com a expropriação violenta da base fundiária, os camponeses tornaram-se mão de obra disponível para a manufatura nascente.

Marx ,(1984, p.275), assinala que emergiu desse expediente uma amarga experiência para muitos deles:

Os que foram bruscamente arrancados de seu modo costumeiro de vida não conseguiram enquadrar-se de maneira igualmente súbita na disciplina da nova condição.

Eles se converteram em massas de esmoleiros, assaltantes, vagabundos , em parte por predisposição e na maioria dos casos por força das circunstâncias. Daí ter surgido em toda Europa Ocidental no final do século XV e durante todo século XVI uma sanguinária legislação contra a vagabundagem.

A mendicância e a crueldade da lei que a proibia foi o preço pago pelos ancestrais da atual classe trabalhadora pelo amargo sabor do progresso. A lei excetuou por condescendência os velhos e incapacitados que recebiam licença expressa para mendigar. Porém, na época de Eduardo VI quem se recusasse a trabalhar era por lei condenado a ser escravo de quem o denunciasse. A truculência da legislação se faz sentir na determinação: “Esmoleiros sem licença e com mais de 14 anos de idade devem ser duramente açoitados e terão a orelha esquerda marcada a ferro, caso ninguém os queira tomar a serviço por dois anos; em caso de reincidência, se com mais de dezoito anos deve ser executado ” Marx (1984, p.276).

O progresso mergulhou os operários no submundo dos centros industriais, vítimas de doenças e alcoolismo. A crença de que era imoral o uso de anticoncepcional, acrescido do elevado preço, faziam com que as esposas dos trabalhadores estivessem sempre grávidas o que prejudicava-lhes a saúde tornando ainda mais cruel a vida das mulheres dos operários.

Igualmente dolorosa, era a jornada de trabalho, no setor fabril, na qual o turno só se completava após 14 horas de intenso labor, antes de 1850. O tempo dentro das fábricas e a inexistência de ventiladores permitiam que fragmentos de algodão e fios se alojassem nos pulmões dos tecelões, trazendo-lhes graves doenças respiratórias.

A prole inteira se submetia a trabalho degradante e de risco; pai, mãe, e filhos submetidos às mesmas condições inumanas de trabalho.

O corpo menos volumoso permitia que as crianças passassem com mais facilidade entre as máquinas em movimento, e com esse pretexto, os pequeninos, também, eram contratados para um labor de catorze ou dezesseis horas de trabalho diário. Essa era das histórias fantasiosas que justificavam a escravização dos operários em tenra idade.

Quanto mais avançou o progresso mais aprofundou a miséria do trabalhador, surgindo desse quadro a necessidade de um sistema oficial de força repressiva para conter a insatisfação da massa. Também foi tecido um aparato ideológico a fim de doutrinar a submissão. Nada é mais doutrinário do que as estapafúrdias explicações

que aos poucos foi sedimentando um processo gradual de implantação da desigualdade. Na análise que fez da organização social, desde a história primeva, Engels (200b, p.200), compilou farto material para crítica da exploração. Com o material em punho bradou crítica contundente à farsa ideológica que sedimentava gradualmente a nova ordem social:

Desde que a civilização se baseia na exploração de uma classe sobre a outra, todo seu desenvolvimento se opera numa constante contradição. (...) Se entre os bárbaros é difícil estabelecer a diferença entre os direitos e os deveres, com a civilização estabelece-se entre ambos uma distinção e um contraste evidentes para o homem mais imbecil, atribuindo-se a uma classe quase todos os direitos e à outra quase todos os deveres. (...) Elabora-se uma hipocrisia convencional, desconhecida pelas primitivas formas de sociedade e pelos primeiros estágios da civilização, que culmina com a declaração de que a classe opressora explora a classe oprimida exclusiva e unicamente para o bem desta. E se a classe oprimida não o reconhece, e até se rebela, isso, além do mais, revela sua mais negra ingratidão para com seus benfeitores, os exploradores...

Mulheres e crianças trabalhavam tanto quanto os homens nas comunidades pré-industriais, executando juntos o trabalho na própria casa. No sistema de produção avançado, os patrões mantiveram o expediente e passaram a contratá-las também, porque se submetiam a trabalhar por menor salário.

A docilidade materna e dos filhos permitia melhor controle do trabalho e da produção de vez que, produziam igual, sendo inclusive estóicas e resignadas diante das agruras. A prática quebrou a tradição da inferioridade da mulher e dos filhos degradando a vida já fragilizada de muitos operários.

Na falta de perspectiva e sem enxergar um horizonte de esperanças, muitos operários, por essa e por outras razões, entregavam-se à bebida e não é sem razão que em Manchester havia cerca de 1200 tavernas na década de 1850. Por seu lado muitas mulheres se entregavam à prostituição para suplementar o salário de fome.

A vocação pela justiça social, brotou da pena de Émile Zola que trouxe para a cena da literatura a dimensão desta tragédia social.

Além da obra *Germinal* já mencionada, escreveu “A Taberna”, obra que lhe valeu a consagração. Narrando as histórias das tabernas, denuncia um dos maiores problemas do meio operário, o alcoolismo. Por causa disso e da misericórdia pelos operários, foi acusado de socialista. Retrucou a etiqueta, conforme sua biografia que consta da coleção: *Os Imortais da Literatura Universal*, (1972, p. 91), contra-

argumentando: “Vocês me tratam de escritor democrático e algo socialista e surpreendem-se de que eu pinto uma certa classe operária com cores verdadeiras e entristecedoras”.

Alheias ao traço deixado, as indústrias agigantavam em meio aos sérios problemas sociais, e a burguesia conciliava sua ascendente riqueza com a miséria dos milhares de trabalhadores.

A classe média fez sucumbir a antiga sociedade latifundiária e prosperou sobre o proletariado urbano. Em sua trajetória, os novos dominantes seguiam a trilha apontada pelos ideólogos do liberalismo econômico, articuladores de pensamentos e teses com o objetivo de perpetuar a ordem social avassaladora. O progresso a serviço dos burgueses engendra um avanço brutal no caminho do ápice.

A conotação da mentira com o intuito de denegrir a imagem do trabalhador e as tramas que justificavam a ambição burguesa é elucidada por Berman (1999, p.98):

Se atentarmos para as sóbrias cenas criadas pelos membros da nossa burguesia, veremos o modo como eles trabalham e atuam, veremos como esses sólidos cidadãos fariam o mundo em frangalhos se isso pagasse bem.

Assim como assustam a todos com fantasias a respeito da voracidade e desejo de vingança do proletariado, eles próprios, através de seus inesgotáveis empreendimentos, deslocam massas humanas, bens materiais e dinheiro para cima e para baixo pela terra, e corroem e explodem os fundamentos da vida de todos em seu caminho. (...) É que sob suas fachadas constituem a classe dominante mais destruidora de toda história...

A reverberação da idéia de que os trabalhadores eram sedentos de desforra com o objetivo de alinharem-se contra os burgueses, era um belo e eficiente exercício de ideologia. Assim o saber ideológico não se apartava do seu destino histórico de servir à dominação.

Dentro desse contexto crescia o contingente de economistas, escritores e políticos que articulavam os interesses da dominação burguesa.

O ingleses Adam Smith e Thomas Maltus junto com o escocês David Ricardo foram componentes do elenco de pensadores da ideologia liberal. Seus argumentos serviram como luvas aos interesses da classe dominante em ascensão. De forma simplificada pode se dizer que os pressupostos básicos da teoria dos economistas liberais são:

1-Individualismo Econômico

Que defende o direito de uma pessoa fazer o que quiser com o que é seu, desde que não transgrida o direito dos demais.

2-Laissez-Faire

Que condena outra ação do estado, que não seja a segurança pública. Portanto, segundo esse pressuposto, ao estado compete manter a ordem e proteger a propriedade.

3-Obediência à Lei Natural

Que Especifica a lei da oferta e da procura como uma lei natural

4-Liberdade de Contrato

Que garante aos empregados e empregadores o acordo de salários, sem intromissão dos sindicatos dos operários ou das leis.

5- Livre concorrência e Livre Câmbio

Protegida pelo clima de euforia reinante e pelos eminentes ideólogos, a indústria moderna foi tomando conta de um após outro ramo da atividade produtiva, desde o final da idade média.

Dá-se o fenômeno de desapropriação de todas as ferramentas dos trabalhadores. Na época do artesanato e até no início da manufatura os operários eram donos das ferramentas de trabalho. Com a eclosão das grandes máquinas- -ferramentas e das grandes indústrias, os proprietários dos meios de produção tornaram-se senhores de tudo. Empregam, em troca de um salário suficiente para a subsistência, operários, homens despojados de qualquer meio de produção, exceto a sua própria força de trabalho. O excedente do preço de venda dos produtos sobre seu custo de produção acalenta o sonho dos empreendedores.

A civilização nesse período adquiriu uma performance assustadora, despertou receio e inquietação pela brutal inversão de valores. Em última análise, a vida do trabalhador transformou-se num verdadeiro pandemônio, com crianças - operários vivendo nas fábricas o próprio cativo. O silêncio da opinião pública diante do desenvolvimento desumano da produção capitalista manufatureira, permite inferir que ela perdeu o que lhe restava de vergonha, dignidade e consciência.

A exploração do trabalho infantil, para o enriquecimento de capitalistas algozes, em meio ao silêncio da opinião pública, mereceu de Felden (apud Marx, 1984, p.290) a seguinte nota de dor:

Talvez mereça a consideração do público se uma manufatura, para sua eficaz realização, tenha de saquear cottages e Workhouses de criança pobres, para que seja esfalfadas em turmas que se revezam, e roubadas de seu descanso a maior parte da noite; uma manufatura que, além disso, amontoa gente de ambos os sexos, de diferentes idades e inclinações, de tal forma que a contaminação do exemplo deve levar à depravação e libertinagem- tal manufatura pode aumentar a soma da felicidade nacional e individual? Em Derbyshire, Nottinghamshire e especialmente em Lancashire diz Felden a maquinaria recentemente inventada foi empregada em grandes fábricas, próximas às correntezas capazes de girar a roda d'água. Subitamente, milhares de braços tornaram-se necessários nesses lugares longe das cidades; e Lancashire, a saber até então comparativamente pouco povoado e infértil, necessitava agora sobretudo de uma população. Os pequenos e ágeis dedos eram os mais requisitados. Surgiu logo o costume de procurar aprendizes nas diferentes Workhouses de Londres. Birmingham e de onde quer que fosse. Muitos, muitos milhares dessas pequenas criaturas desamparadas, de 7 até 13 ou 14 anos foram assim expedidas para o norte. Era costume do mestre (isto é ladrão de crianças) vestir, alojar e alimentar seus aprendizes numa casa de aprendizes próxima à fábrica. Supervisores foram designados para vigiar-lhes trabalho. Era de interesse desses feitores de escravos fazer as crianças trabalhar ao extremo. Pois sua remuneração era proporcional ao quantum de produto que podia ser extraído da criança. Crueldade foi a consequência natural (...) Em muitos distritos fabris foram aplicadas torturas de dilacerar o coração, contra essas criaturas inofensivas e sem amigos, que foram consignadas aos senhores de fábrica. Elas foram exauridas até a morte pelo excesso de trabalho(..) elas foram açoitadas, acorrentadas e torturadas com o maior refinamento de crueldade; elas foram em muitos casos, esfomeadas até só lhes restar a pele e ossos, enquanto o chicote lhes mantinham no trabalho. (...) Sim, em alguns casos elas foram impelidas ao suicídio! (...) Os belos e românticos vales de Derbyshire, Nottinghamshire e Lancashire, ocultos para o olho público, converteram-se em pavorosos ermos de tortura, e freqüentemente assassinato! (...) Os lucros dos fabricantes eram enormes. Isso apenas aguçava-lhes a voracidade de lobisomem. Eles iniciaram a prática do trabalho noturno, isto é, após terem esgotado um grupo de mãos pelo trabalho diurno, mantinham outro grupo já preparado para o trabalho noturno; o grupo diurno ia para as camas que o grupo noturno acabara de

deixar e vice-versa. É a tradição popular em Lancashire que as camas jamais esfriavam...

Em meio à agregação desenfreada de grandes fortunas às custas de trabalho penoso de crianças e adultos, desenvolveu-se a consciência de classe, reforçada, amparada e estimulada pelo que fez, escreveu e ensinou os pensadores socialistas.

O conflito de idéias dos pensadores e o antagonismo social, tão evidente na época, foram dissimulados pela ideologia que é o mais poderoso recurso de que dispõe a classe dominante, sendo quase imperceptível porque está oculta no espírito da lei, nos fundamentos religiosos e na apregoada ordem natural das coisas.

Dissimulada que é, a ideologia tem cumprido a contento seu papel, determinando a rota e rateando as benesses do progresso. Foi substanciada nas idéias e palavras de Platão, Aristóteles, Menênio de Agripa, Montesquieu, Maquiavel e outros, porque sem eles e sem ela a estrutura seria rompida.

Mezaros, (1993, p.9), simplifica em poucas linhas a vital importância da ideologia para a dominação, garantindo que "...a reprodução bem sucedida das condições de dominação não pode ocorrer sem a mais ativa intervenção de poderosos fatores ideológicos, paralelamente à manutenção da ordem vigente."

O desenvolvimento Industrial criou a classe de fabricantes capitalistas e junto com ela uma outra, muito mais numerosa, de operários fabris, metalúrgicos, gráficos etc. que crescia em número à medida que a revolução Industrial se apoderava de um ramo industrial após outro.

Em todos os países industrializados emergiram reivindicações da classe trabalhadora. Na Inglaterra, a força das reivindicações manifestada nas cartas, intituladas Cartas do Povo (People's Charter), enviadas ao parlamento britânico, criou um imbróglio para o governo.

A expedição dessas cartas ao governo, na qual os operários exigiam direitos e assistência sociais, suscitou desdobramento imprevisto. Tornou-se um movimento revolucionário, começou em 1836 e extinguiu em 1850.

Os trabalhadores reivindicavam essencialmente: sufrágio universal; eleições anuais; voto secreto; distritos eleitorais homogêneos; elegibilidade para os que não fossem proprietários, subsídios para deputados.

O documento é considerado a primeira etapa do acesso do povo ao governo e exigia a realização de amplas reformas econômicas e sociais. Desiludidos com a

reforma eleitoral de 1832 e com a aprovação da “Lei dos Pobres” os trabalhadores fizeram do cartismo uma grande agitação revolucionária.

Em 1836, mergulhados na crise decorrente do desemprego e do alto custo de vida, acrescida da estagnação da produção e dos negócios, o movimento cartista recrudesciu. As agruras econômica fizeram crescer a massa dos revoltosos, tornando violenta a sublevação e a história registrou o entreviro como a “Revolta da Fome”.

Esta ordem de coisas pressagiu para alguns pensadores, a exemplo dos socialistas utópicos, que o progresso, ao invés de promover o bem da sociedade, evidenciava seu antagonismo.

Segundo F. Engels em sua obra “Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico” a ascensão da grande indústria sobre as bases do capitalismo afundou o trabalhador na miséria, por outro lado, a pobreza das classes trabalhadoras influiu diretamente no comportamento da sociedade.

Contra a ambição desenfreada levantaram-se as vozes de alguns pensadores de corações generosos, a exemplo de Saint-Simon, Fourier e Robert Owen que receberam de Marx e Engels a alcunha de Socialistas Utópicos. Fazem parte de um grupo seleto de pensadores humanistas cujas vozes não se calaram diante do quadro social.

Outros também casaram suas idéias com a dignidade humana, promoveram o enlace feliz entre o entendimento humano e a natureza das coisas. Alguns condenaram o malefício da técnica, denunciando a dilapidação moral que se aflora quando o saber tiraniza o homem. Francis Bacon (apud Oliveira 1980, p.89), condenava a face pré-determinada e obscura do saber, porquanto:

Na escravização da criatura... o saber que é poder não conhece limite. Esse saber serve aos empreendimentos de qualquer um, sem distinção de origem, assim como na fábrica e no campo de batalha está a serviço de todos os fins da economia burguesa. (...) A técnica é a essência desse saber. Os objetivos não são os conceitos ou imagens nem felicidade da contemplação, mas o método, a exploração do trabalho dos outros, o capital...

Fourier, in (Engels Ano A), ardoroso defensor dos direitos feministas, afirmava que a emancipação da mulher na sociedade é o dado mais importante para medir a emancipação geral. Segundo os valores sociais, dividiu toda a história em quatro fases: O selvagismo, a barbárie, o patriarcado, e a civilização, sendo que nessa

última referia-se a sociedade iniciada no século XV. Fourier detratou a civilização iniciada em 1500, denunciando ser o período mais desumano dos tempos. Segundo ele, Nesse período, os valores foram corrompidos e a sociedade elevou a uma forma complexa, cruel, equívoca e inumana todos os vícios que a barbárie praticava no meio da maior simplicidade. Mordaz na crítica, sua obra põe a nu a miséria moral e material do mundo burguês, satirizando a civilização que fazia a pobreza brotar da própria abundância.

Saint' Simon em 1816 concebia a Revolução Francesa como uma luta de classe, o que era um avanço, quando quase todos os pensadores consideravam-na uma luta entre nobreza e burguesia, declarando que a política é a ciência da produção e previu a total absorção da política pela economia.

Por outro lado, Robert Owen nascido no meio empresarial, muito cedo se tornou industrial de renome e agiu diferente dos homens de sua classe que viam na Revolução Industrial um ordenamento promíscuo, no qual poderiam enriquecer rapidamente.

Owen assimilou os ensinamento dos filósofos materialistas do século XIX, e segundo Engels (Ano A . p.40), este empresário humanista , de pureza quase infantil sonhou montar uma fábrica na qual os operários fossem tratados com decência:

Para tanto recrutou operários para uma fábrica na Escócia e nela:

Uma população operária que foi crescendo paulatinamente até 2500 almas recrutadas a princípio entre os elementos mais heterogêneos, maioria dos quais muito desmoralizados, converteu-se nas suas mãos numa colônia modelo, na qual não se conhecia a embriagues, a polícia, os juízes de paz, os processos, os asilos para pobres nem a beneficência pública. Para isso bastou, somente, colocar os operários em condições mais humanas de vida, consagrando um cuidado especial com a educação da prole...

Owen foi o criador dos jardins de infância, e na cidade sede de sua fábrica as crianças eram enviadas às escolas ,a partir do dois anos de idade. Sentiam-se tão bem nessas escolas, que vencido horário de aulas eram levadas com dificuldades para casa.

Quando uma crise atingiu o mercado, sua fábrica em New Lanark, ficou parada 4 meses, mas os operários receberam as diárias normalmente. No entanto, a paralisação e a crise não impediram que empresa auferisse enormes lucros.

Com toda benevolência no trato com os operários, ainda assim, o jovem e próspero empresário considerava-os escravos, em razão de que 2500 homens produziam, na

sua gestão em uma empresa, o equivalente à produção de 600000 homens trabalhando meio século atrás. Onde vai parar a diferença da riqueza produzida? Indagava ele.

Pungido de dor pelos operários inermes, diante da penúria instaurada, e fundamentado no antagonismo entre as novas e gigantescas forças produtivas, Owen, segundo Engels (Ano A , p42):

Em 1823 propõe um sistema de colônias comunistas para combater a miséria reinante na Irlanda e apresenta em apoio a sua proposta , um orçamento completo de despesa de instalação desembolsos anuais e rendas prováveis. E assim nos seus planos definitivos da sociedade do futuro os detalhes técnicos são calculados...

A perfeição do projeto de colônias socialistas despertou a ira dos gananciosos e lhe causou a desgraça. A fama de homem proeminente e festejado da Europa ,como proprietário e gerente de empresa, em pouco tempo pereceu.

Enquanto suas ações eram somente de caráter filantrópico colheira riqueza, aplausos honra e fama. Era o homem mais popular de toda a Europa, governantes e príncipes aplaudiam-no, mas sua vocação socialista colidia com a ganância sem regra dos protagonistas da Revolução Industrial.

As relíquias religiosas e o dogma da propriedade privada custaram-lhe o desterro da sociedade civil, arregimentando para si uma legião de inimigos de peso.

Como castigo foi para o ostracismo da sociedade oficial, sendo ignorado pela imprensa bajuladora. Posteriormente, sacrificou toda a sua fortuna em malogradas experiências comunistas na América, voltando arruinado para a Europa.

Mais tarde, foi acolhido como líder no seio da classe operária onde atuou durante 30 anos. Ao longo desse tempo todos os movimentos sociais, todos os progressos alcançados pela classe na Inglaterra, estão ligados ao nome de Owen. Atuando a serviço dos trabalhadores conseguiu com que a câmara votasse, depois de cinco anos de inolvidáveis esforços, a primeira lei limitando o trabalho da mulher e da crianças nas fábricas. Ajudou a organizar e presidiu o primeiro congresso que transformou as trade-unions, numa organização sindical única. A ele, também, se deve a organização das cooperativas de consumo e de produção, que evidenciam a importância dos pequenos comerciantes e fabricantes. Conta ainda Engels (Ano A, p.43) que ele organizou e fundou:

Os mercados operários, estabelecimento de troca os produtos de trabalho , por meio de bônus de trabalho e cuja a unidade era a hora de trabalho

produzido. Esses estabelecimentos tinham necessariamente que fracassar , mas antecipam se muito aos bancos proudhonianos de troca, diferenciando-se deles somente em que não pretendem ser a panacéia para todos males sociais...

A marcha constante do progresso deixou seu rastro, primeiro, no setor fabril e posteriormente na indústria metalúrgica e de produção de vidro. Nesse momento, as novas tecnologias no setor metalúrgico, químico e da eletricidade ampliaram ainda mais a capacidade produtiva, tanto em quantidade quanto em qualidade. O novo quadro acirrou a rivalidade econômica, provocando uma disputa por novos territórios na África e na Ásia. Conquanto fosse ainda grande produtora, nessa época a Grã-Bretanha perdera a posição de hegemonia na produção industrial.

A invenção de novos aparelhos metalúrgicos viabilizou a produção de aço tornando-o competitivo. Pelas vantagens decorrentes das características físicas e químicas, o aço foi gradualmente substituindo o ferro.

A eletricidade já era conhecida desde antes da primeira revolução industrial, mas suas vantagens só puderam ser aproveitadas no século XIX. Duas importantes invenções aconteceram nesse século , a pilha química e a indução magnética levadas a efeito por Alessandro Volta e Michael Faraday, respectivamente. Tais inventos permitiram que a eletricidade gerada em grandes usinas elétricas, pudesse ser transmitida para locais distantes.

Thomas Edison inventou a lâmpada de filamento incandescente e assim foi possível iluminar as casas e as cidades, transformando em luz a energia elétrica que vinha de lugar distante. Depois vieram os motores elétricos, bondes e ferrovias.

A velocidade das transformações no contexto econômico exigia transformação na forma de pensar. Para tanto, era urgente que o arcabouço ideológico sobrepujasse o pensamento filosófico. Sem espaço, a filosofia foi sendo minada desde o século XVII , quando foi apartada da ciência. A ideologia cuidou de embaçar o pensamento filosófico, entendendo ser ela, a filosofia, uma ciência perniciosa e antagônica à dominação burguesa.

Na medida que triunfa a ideologia, a sociedade pusilânime fraqueja o que a tornava imprescindível de análise crítica. Todavia, como conseqüência do gigantismo ideológico observa-se um processo inverso: a crescente importância de outras ciências sociais em detrimento da filosofia. Vejamos o que nos diz a esse respeito Aranha (1996, p.105 a 107):

Lentamente até o século XIX vão se constituindo os métodos das chamadas ciências particulares. (...) Dá-se então a especialização do saber. (...) A primeira questão versa sobre o que resta a filosofia com o aparecimento das ciências particulares. (...) No século XX até as questões referentes ao homem foram apropriadas pelas ciências humanas. (...) O mundo contemporâneo é pragmático... interessado na aplicação imediata do conhecimento. Contudo a filosofia é necessária (...) impede a estagnação que resulta o não questionamento. Sua investigação não está alheia à ética e à política... Daí sua função de desvendar a ideologia as formas pela quais é mantida a dominação...

Em todos países da Europa e nos Estados Unidos a indústria pesada expandiu e consolidou. Tanto as máquinas novas quanto o aperfeiçoamento no sistema, no mecanismo e na escala de produção trouxeram conseqüências importantes e as vezes inquietadoras para os operários.

Os trabalhadores se viram obrigados a reaprenderem ou adaptar o seus conhecimentos às máquinas novas. Com isso perdiam remuneração ou prestígio ou as duas coisas, quando substituídos pela maquinaria moderna.

Nessa época, o aparecimento de instrumentos precisos, de medição de tempo, permitiram que Frederick W. Taylor elaborasse normas para aumentar a eficiência da produção. Através deles podiam-se determinar o tempo mínimo e de maior rapidez do operário, no manuseio da máquinas.

A seqüência de descobertas posteriores àquelas que inspiraram a Revolução Industrial tirou a Inglaterra da posição de vanguarda. Suas máquinas tornaram-se obsoletas e os centros produtivos de tecnologia migraram , principalmente, para o EUA , Alemanha, França e Japão.

As máquinas da primeira revolução foram frutos da curiosidade criativa , ao passo que as do final do século XIX, careciam de ciência e tecnologia.

Na França, Baudelaire conheceu e presenciou o campo fértil onde o progresso se desenvolveu e o espetacular avanço científico deixou-no perplexo.

Pessimista do desenvolvimento ocupou-se de detratar as inovações, e um ensaio que pretenda mostrar as amarguras geradas pelos processos modernos de produção, encontra luzes no raciocínio desse pensador. Transcrevo de Berman ,(1999, p.138), algumas linhas que traduzem uma breve e brilhante meditação de Baudelaire sobre o monstro criado pelo progresso, e que tanto o incomodou:

Deixo de lado a questão de saber se, pelo contínuo refinamento da humanidade, proporcionalmente aos prazeres que se lhe oferecem, o

progresso indefinido não vem a ser a mais cruel e engenhosa tortura; se, procedendo como faz pela sua alta negação, o progresso não viria a ser uma forma de suicídio permanentemente renovada e se, enclausurada no círculo de fogo da lógica divina, o progresso não seria um escorpião que se fere com sua própria cauda- progresso, esse eterno desiderato que é o seu próprio desespero...

A despeito de tudo isso, a burguesia, acreditava no fim do século XIX, ser ela a razão e essência do progresso humano. A doutrina socialista, surgida para contestar tal crença ensina que o capitalismo é uma ameaça e não um benefício para a humanidade.

A história do socialismo naquele século está amarrada ao nome de Marx, filósofo, e um dos mais importantes líderes do pensamento socialista. Condenava o antagonismo evidenciado no fato de que no capitalismo a classe trabalhadora produz a riqueza sendo dela alijada. Asseverava que os burgueses por serem proprietários dos meios de produção, apropriaram-se daquilo que legitimamente pertencia aos trabalhadores. Segundo ele, a burguesia montou uma superestrutura, recorrendo-se das instituições políticas, sociais e religiosas para manter o proletariado no seu devido lugar. Tal procedimento evidencia o que se chama de ideologia, consubstanciada naquelas instituições.

Em seus argumentos, afirmava que o frenesi do enriquecimento levaria os produtores e investidores a se digladiarem pelo mercado. Ainda segundo ele, a luta acarretaria o desaparecimento das indústrias pequenas e a formação de conglomerados industriais e financeiros cada vez maiores. Esse fenômeno vem ocorrendo e traz como seqüela a concentração da riqueza nas mãos de poucos, aprofundando a pobreza na outra ponta.

Ainda de acordo com Marx, na formação dos conglomerados, a pequena burguesia sai alijada e se junta ao proletariado na luta por seus espólios.

Marx, sonhou com a possibilidade de derrocada da ordem social, antevendo a sina do capitalismo de sucumbir sob o triunfo do socialismo, passando antes pela ditadura do proletariado. De acordo com sua prédica, alcançando o socialismo, o salário seria abolido, e os cidadãos trabalhariam de acordo com a sua capacidade, com direito a receber do total da riqueza produzida, um quinhão proporcional à sua necessidade.

Os esforços dos socialistas, anteriores e posteriores a Marx, despertaram nos operários a idéia de fundação de associações representativas dos trabalhadores em

toda a Europa industrializada. Com o tempo, em quase todo mundo industrializado proliferou as entidades de classe de âmbito municipal, estadual e nacional. Não raro, houve conflitos entre as forças militares e os trabalhadores em manifestações de desagravo organizadas pelas incipientes entidades.

A vontade de luta contida pela desfavorável correlação de forças, manteve os trabalhadores reféns da dominação. Nas associações operárias a vontade escapou do controle suscitando desdobramentos imprevistos. Algumas vezes, as manifestações foram incontroláveis, com os operários quebrando as máquinas e destruindo instalações.

Por deplorável que fosse a vida do trabalhador, a ação de destruição foi e deve ser condenada. O terrorismo da destruição só faz desagregar o trabalhador porque espalha medo e gera ódio. As ações condenáveis de quebradeira, afrontando a lei e a ordem, foram um movimento radical dos operários denominado luddismo. Entretanto, em respeito à memória há de se registrar que a violência só ocorria em último caso.

Os operários preferiam reivindicar a redução da jornada, direito de voto e melhores salários através de petições, cartazes e interdições dirigidas aos prefeitos, ministério do interior e câmara dos deputados.

Paradoxalmente, as inovações na maquinaria enriqueceram os investidores empobreceram os operários na forma de baixo salários e desemprego. Arruinados na qualidade de vida pela maquinaria moderna, os operários recheavam de descontentamento a pauta de reivindicações. Consoante com o que escreveu Perrot, (1998, p.35), as reivindicações eram legítimas e contundentes, porquanto:

As petições mostram a vontade legalista dos operários afirmando sua confiança na nas autoridades garantidora do contrato tácito que liga o governo ao povo: emprego em troca de imposto. Como os desempregados poderiam pagar impostos? É um dos argumentos que levantam contra as máquinas. (...) A busca de produtividade é as vezes denunciada como pernicioso e também a concentração de riquezas nas mão de alguns fabricantes ganancioso...

Quando cansados de promessas não cumpridas, os trabalhadores expediam cartazes com ameaças de represálias. Algumas vezes as negociações levavam a nada e os operários exasperados partiam para ações fora da lei. O recrudescimento dos operários característico dos luditas, era antes dado ciência aos patrões e preconizado pelos cartazes enviados anterior ao ato. Perrot,(1998, p.36), aponta

um momento de furor exacerbado no seguinte cartaz: “Senhores a desumanidade e a dureza de seus corações nos põe fora de nós. (...) Os senhores se dedicaram a nos tirar o trabalho. (...) Segue um ultimato- oito horas para todos- ao fim do qual as máquinas serão quebradas , e os fabricantes vencidos.”

As idéias socialistas nunca foram colocadas em prática, mas nunca deixaram de existir. Em face do abismo que separava a classe operária da burguesa elas fundamentaram o pensamento dos marxistas, dos anarquistas e dos anarco-sindicalistas.

Não se deve perder de vista que para coibir o avanço da doutrina socialista, governos despóticos e disfarçados de democráticos recrudesceram contra toda a espécie de lutas populares. Igualmente, não se deve omitir da crítica que em nome do socialismo organizou-se um governo tirano e cruel, na extinta URSS, que vilipendiou a honra dos trabalhadores.

O socialismo influenciou também a filosofia, literatura e arte. Entre outros, Gustave Flaubert, Honoré de Balzac, Emili Zola e Jean Paul Sartre constituem um pequeno elenco de grandes vultos da literatura em cujas obras encontram-se matizes socialistas.

Sartre, indignado com os horrores da 2ª Grande Guerra da qual escapou de um campo de concentração nazista, engajou definitivamente no socialismo. Antes da guerra considerava o inferno a hostilidade entre os homens, após o engajamento comparou o inferno com a desigualdade de classes.

Convocou todos os escritores, artistas, filósofos e pensadores a engrossarem a fileira da luta contra o fascismo. Sua desbravada ação é a marca que a sua própria máxima nos ensina: “não se é homem enquanto não se encontra alguma coisa pela qual está disposto a morrer.”

Durante a década de 1930, artistas plásticos e escritores estupefatos com a crise internacional estamparam no quadro e na prosa a indignação a muito contida. O pano de fundo da manifestação artística punha a nu as condições do mundo contemporâneo, envolto em conflitos internacionais de grandes seqüelas. Grande parte dessas obras contestava a ordem social moderna e alfinetava o poder com sátiras maledicentes.

Pelo mundo afora brotavam movimentos contrários ao imperialismo e ou a ingerência em países estrangeiros. Finalmente, a história pode presenciou homéricas ações do saber colocado a serviço da humanidade.

Em 1960, Sartre publicou um manifesto juntamente com 120 outros intelectuais, no qual conclamava à deserção os soldados que lutavam contra a independência da Argélia.

Nos Estados Unidos, no princípio da década de 1970, uma multidão de jovens, veteranos de guerra, pessoas de todas as idades e familiares de soldados que morreram no Vietnã, organizaram uma vigília permanente em volta do congresso, até que fosse determinado o retorno dos combatentes americanos.

Mesmo não produzindo o resultado esperado, entre outros Sartre , Zola , Engels e Marx jamais poderão ser olvidados pelos que sabem pensar.

O pensamento de Rosseau transcrito de Santos(1999,p.8) que enfatiza o caos instaurado na vida moderna, como consequência do vertiginoso avanço tecnológico havido, remete-nos:

Á necessidade de perguntar pelas relações entre a ciência e a virtude, pelo valor do conhecimento dito ordinário ou vulgar que nós , sujeitos individuais ou coletivos, criamos e usamos para dar sentido às nossas práticas e que a ciência teima considerar irrelevante ilusório e falso; e temos finalmente de perguntar pelo papel de todo conhecimento científico acumulado no enriquecimento e no empobrecimento práticos das nossas vidas, ou seja pelo contributo positivo ou negativo da ciência para nossa felicidade...

5 CONCLUSÃO

O ato de transmitir saber sempre existiu em lugares onde não havia escola formal, e esteve presente na cultura das sociedades primitivas, nas sociedades

tribais de caçadores, agricultores e pastores nômades. A herança cultural passava de geração em geração, reproduzindo-se o saber sem que houvesse o ensino formal. Nas aldeias das comunidades primevas, as relações crianças x natureza, eram exercício de aprendizado e a maturação para a vida em sociedade.

A arte do artesanato, da pesca e da caça empreendidas pelos adultos, consubstanciava as lições recebidas pelos menores.

No interior deste contexto, de aprendizado comunitário, a prática de apropriação do saber, funcionou e ainda hoje funciona entre os gentios. É um processo pedagógico constante, livre dos percalços do ensino formal. É a escola comunitária em que todos ensinam e aprendem na regra da endoculturação.

Nesse processo o aprendizado se faz pelo costume do guerreiro levar o filho para aprender as artes da caça, e da mãe que ensina a filha o modo de ser mulher. A herança se transmite e a cultura se reproduz. Enquanto o saber esteve nesse nível, a todos serviu com prudência, portanto, o saber não era propriedade de ninguém.

Nos albores da história de Roma quando os reis aravam terras, a educação entre os camponeses era de modo comunitário, alcançando toda a sociedade. O ato de educar tinha por objetivo incorporar os valores da tradição camponesa na formação do saber da criança. Começava em casa, o desenvolvimento da consciência moral dos pequeninos, para se tornarem adultos capazes de renunciar a se próprios, com total devoção aos membros e valores da comunidade. Assim, como o ar, faziam do saber uma propriedade coletiva e todos dele se serviam.

Quando a nobreza romana enriqueceu com o excedente da terra e com a usurpação dos pertences dos povos por ela rapinados, surgiram o estado e a divisão de classes.

A educação também foi dividida e aos poucos deixou de formar pastores, artífices e lavradores; incumbindo-se de formar guerreiros, funcionários e dirigentes do império.

Desse modo, o ensino das primeiras letras surgiu em Roma antes do século IV A.C., o ensino secundário nos meados do século posterior e o ensino superior no último século, antes da era cristã. A nova forma de ensinar (com escola) era de iniciativa particular, sem caráter comunitário, como nos tempos pré-homéricos.

Quatrocentos anos depois de Cristo, surgem as escolas públicas por todo o império mantidas às expensas do Estado. Da complexidade atingida pelo império, como resultado das conquistas, adveio a necessidade de escola formal. Já nos

primórdios da civilização os mandantes sabiam que a educação é a forma mais eficiente de inculcar o ideal da dominação.

Plutarco, historiador e moralista grego, que viveu um certo tempo em Roma, cidade eterna, anotou nos registros da história que escreveu a exata noção da importância do saber para a dominação. Nos apontamentos, que fez quando residiu na cidade eterna, escreveu com euforia que os romanos não foram capazes de dominar os espanhóis, e que Roma só conseguiu subjugar esse povo através da educação.

Não é sem razão que a um povo dominado sempre foram impostos a língua, os valores e a cultura dos conquistadores. É por meio das letras, da fala e da religião, que se incorporam os valores de quem domina. O ufanismo de Plutarco, a respeito da anexação da Espanha, confirma a importância da educação.

O saber e o avanço tecnológico dele decorrente caminham juntos, mas nunca na direção do interesse coletivo, que é camuflado pelos aparelhos da dominação. A escola segundo Louis Althusser, é um desses aparelhos, cuja transmissão da herança cultural, reproduz, via de regra, o pensamento dominante, portanto ela é um dos veículos que transportam os interesses e fecundam o pensamento de um grupo, como se fosse de todos. Althusser (1985, p.80), tira máscara de pseudoneutralidade da escola, acusando-a de ser o campo fértil em que germina dissimuladamente a ideologia. Isto porque, diz ele:

É pela aprendizagem de alguns saberes contidos na inculcação maciça da ideologia da classe dominante que, em grande parte, são reproduzidas as relações de produção de uma formação social capitalista, ou seja, as relações exploradores e explorados, e entre explorados e exploradores. Os mecanismos que produzem esse resultado vital para o regime capitalista são naturalmente encobertos e dissimulados por uma ideologia da Escola universalmente aceita, que é uma das formas essenciais da ideologia burguesa dominante: uma ideologia que representa a escola como neutra, desprovida de ideologia...

O saber científico, ensinado na escola, atende ao ordenamento social sustentado pela ideologia, de modo que as benesses da ciência são canalizadas na direção de um grupo seletivo, proprietário do saber científico.

Ardilosamente, o grupo seletivo detém a força, o poder, a sabedoria a lei e determina o rumo da sociedade. O rumo caótico e algumas vezes trágico para grande maioria despertou a descrença de muitos pensadores e a crítica virulenta de

alguns. Denis Diderot, (apud Konder 1984, p.17), cético das instituições que com habilidade se estabelecem para sustentar um sistema injusto, aconselhava aos seus leitores: “Examinem todas instituições políticas, civis e religiosas; ou muito me engano ou vocês verão nelas o gênero humano subjugado, a cada século mais submetido ao jugo de um punhado de meliantes. Desconfiem de quem quer impor a ordem”

Althusser (1985, p.81), rotula a escola de reprodutivista, porque aos aprendizes é ensinado um saber dirigido e determinado pelo interesse da classe dominante, a fim de perpetuar a ordem estabelecida. Compara a influência da escola, hoje, com a da igreja dos tempos remotos. E sobre os poucos docentes que voltam o saber contra os interesses dissimulados da dominação, escreveu

São uma espécie de heróis. Mas eles são raros, e muitos (a maioria) não tem nem um princípio de suspeita do (trabalho) que o sistema (que os ultrapassa e esmaga) os obriga a fazer, ou o que é pior , põem todo seu empenho e engenhosidade em faze-los de acordo com a última orientação. Eles questionam tão pouco que contribuem pelo seu devotamento mesmo, para manter e alimentar esta representação ideológica da Escola. (...) Que faz dela algo... benfazeja aos nossos contemporâneos, como a igreja ... indispensável e generosa para nossos ancestrais de alguns séculos atrás...

Em face de reproduzir a sociedade e suas imperfeições, em 1970, um grupo de pensadores impeliu uma onda de críticas às escolas.

Ivan Illich, nascido na Áustria, em 1926, foi um deles. Desertado da sua função eclesiástica para escapar das sanções do Santo Ofício, migrou para o Estados Unidos e viveu em Nova York, um certo tempo. Tornou-se reitor em Porto Rico e posteriormente fundou uma Universidade livre no México em Cuernavaca. No seu pessimismo em relação à escola, dizia que a desescolarização é pressuposto básico de qualquer movimento de libertação da humanidade. Com finalidade de por abaixo a educação, Illich, (apud Aranha 1996, p.197), conclamava toda a sociedade a rejeitar a escola. Vejamos um pouco de sua grande aversão pelo ensino:

A nova igreja do mundo é a indústria do conhecimento, ao mesmo tempo fornecedora de ópio e lugar de trabalho durante um número sempre maior de anos da vida de uma pessoa. A desescolarização está, pois, na raiz de qualquer movimento que vise a libertação humana...

Na obra, que intitulou Sociedade Sem Escola, avilta a indústria do conhecimento como a nova religião do mundo e que é importante desmistificar o ideal do progresso e do consumo sem fim.

O ordenamento do saber, ao longo do tempo resultou num grande acervo de conhecimentos e possibilitou a Revolução Industrial um dos marcos da história da humanidade. O novo modo de produção aguçou o interesse de uma legião de pensadores. Alguns tornaram-se arautos das inovações escrevendo efusivas e calorosas propagandas do novo modo de produção, ao passo que outros tripudiaram o estatus científico.

Henry Saint-Simon não teceu crítica ferrenha à Revolução Industrial nem fez parte do acampamento dos exaltados defensores das benesses das indústrias. Contudo previu que a industrialização do mundo iria erradicar os problemas da miséria. Mas asseverava que isso só seria possível pelo progresso da ciência e da tecnologia mediados pelo cristianismo .

Jean Jacques Rousseau,(1973, p.341/342), foi um crítico contumaz do saber. Em tudo que escreveu transparece seu descrédito na moral da civilização e a afinidade que nutria pelos gentios. Na obra, acima citada, narrou um elenco de malefícios e de seqüelas deixadas pela evolução que o homem conheceu desde os primórdios da cultura. Fundamentando sua ojeriza pelo progresso escreveu com austeridade:

Eis como o luxo, a dissolução e a escravidão, foram em todos os tempos, o castigo dos esforços orgulhosos que fizemos para sair da ignorância feliz , na qual nos colocara sabedoria eterna. (...) Povos, sabeí, pois, de uma vez por todas, que a natureza vos quis preservar da ciência como a mãe arranca uma arma perigosa das mãos do filho; que todos os segredos, que ela esconde de vós, são tantos outros males de que vos defende... . Os homens são perversos; seriam piores ainda se tivessem tido a infelicidade de nascer sábios...

Na exegese que fez das artes e das ciências e suas implicações na degradação dos costumes, Rosseau (1978, p342) explicou para fundamentar seu pensamento, que “era tradição antiga levada do Egito para a Grécia, que o inventor das ciências fora um deus inimigo do repouso dos homens. Que opinião deveriam, pois, ter das ciências os próprios egípcios, entre os quais elas nasceram”

Para este filósofo, qualquer estudioso que pesquise os anais do mundo, não encontrará nada que corresponda à idéia maravilhosa que se faz da ciência. De acordo com sua concepção a astronomia nasceu da superstição; a eloquência da ambição, do ódio, da adulação e da mentira; a geometria da avareza e física da curiosidade infantil. Acrescentou, ainda, que todas as ciências e preceitos de moral nasceram do orgulho do homem. Pode-se ler dele, na referida obra que a arte não

existiria sem o luxo, e a jurisprudência também, não teria razão de existir sem as injustiças. Indagava que seria da própria história sem os tiranos, sem guerras e conspirações?

O poder alcançado em função da tecnologia de guerra é mais um exemplo nefasto do caminho trilhado pelo saber. Segundo Rosseau, a América foi palco de um dos espetáculos de sangue mais vergonhoso protagonizado pela espécie humana. Apesar de consagrada pelos europeus a conquista da América ocorreu sem clemência, por verdugos que possuíam cartas marinhas, bússolas e canhões. Os nativos ignaros e puros foram vencidos pelos artefatos de guerra, engendrados pelo saber de seus algozes. Este fato evidencia uma das inúmeras máximas de Rosseau – de que o homem esperto e sutil pode obter com seu engenho, o sucesso que um bravo só atinge com seu valor.

Sem dúvida o uso da ciência é delicado, complexo e por vezes desumano. Albert Einstein jamais desconfiou que contribuiria para o extermínio de dezenas de milhares de pessoas, vitimadas por uma bomba, construída a partir do saber imaginado por ele.

O uso da ciência escapa das mãos dos pesquisadores, portanto eles não podem e não devem ser alvejados pela crítica dos estudiosos. Melhor contribuição teria dado Rousseau se tivesse apontado suas injúrias contra os senhores responsáveis pelas guerras, e pela miséria, e pela tristeza que se abateram sobre a humanidade.

Contumaz sempre houve vozes a vociferar contra o saber científico e o ordenamento moderno da produção. O desenvolvimento científico, responsável pelo estágio alcançado pela tecnologia e método de produção, foi contestado com furor revolucionário pelos adeptos da contracultura nos anos 60. O movimento nasceu nos EUA e se espalhou para o resto do mundo, congregando uma legião de simpatizantes, desiludidos com os valores da sociedade industrial. A contracultura deixou sua marca no movimento Hippie e nas rebeliões inicialmente estudantis de grande alarido que eclodiram no mundo inteiro naquela década.

A mais radical manifestação pública contra a dominação burguesa na década de 60 ocorreu na França. Murray comparou o levante popular de 60, em Paris, com um outro que ocorreu quase 100 anos antes na mesma cidade, o primeiro, foi denominado Comuna de Paris e a história o tem em conta como uma das sublevações mais ousadas que o povo protagonizou na terra. Eis a leitura que Murray (apud Aranha 1996, p.20) fez do levante:

A rebelião de maio -junho de 1968 foi um dos mais importantes acontecimentos que ocorreram desde a Comuna de Paris de 1871. Ela não só sacudiu as bases da sociedade burguesa na França, como levantou problemas e apresentou soluções de uma importância sem precedentes para a sociedade industrial moderna, merecendo ser estudada e discutidas em profundidade pelos revolucionários de todo mundo...

A rebelião desnudou as contradições do capitalismo, mostrando a inutilidade social das técnicas avançadas que só aumentam a exclusão social e aprofundam o antagonismo.

Sobretudo, a revolta merece reflexão porque a onda revolucionária trouxe no seu bojo quase todo o povo francês. Engrossando a fileira dos descontentes estavam estudantes, engenheiros, técnicos, funcionários das estatais, do metrô, da indústria e do comércio. Também estiveram aglutinados professores, advogados, jogadores de futebol, artistas, e alguns militares. Apesar de coordenada por grupos de tendência anarquista, a revolta foi espontânea sem organização e sem controle.

Embora a rebelião na França seja um movimento de importância superior ao da contracultura, a desescolarização carece de reflexão. Primeiro porque as vantagens da escola superam em muito os percalços que por ventura possam dela advir; segundo porque as pesquisas que redundam em descobertas que em nada contribuem para a humanidade, por exemplo a bomba atômica, podem continuar mesmo na ausência da escola formal.

A história revela que foi pesquisando naturalmente que se forjaram os maiores pensadores da humanidade. Nunca se produziu um cientista na escola, que apenas estimula o seu senso analítico. Ela engendra a força que possibilita a que um homem se notabilize como gênio, porém não é capaz de criá-lo. Até porque, a imensa maioria dos que nela ensinam pessoas normais e despojadas de tais características.

As instituições de ensino têm cumprido o que considero preposto da escola, transmitir todo o saber acumulado nos conhecimentos do vernáculo, matemática, história, ciências naturais, geografia, arte etc. O elenco de conhecimentos da humanidade estão nela acumulados e ordenados.

Esses fatos dão conta de que a escola não pode ser banida, a menos que seja uma sandice ou um ato da vontade de um acéfalo. Contudo, estou convicto de que compete aos educadores modificar a filosofia da educação.

O ensino não se deve apartado da análise crítica pelo fato de que a filosofia da instituição escolar , impregna no conhecimento dos alunos os valores e os interesses da dominação. Foi imbuído desse pensamento que Althusser chamou atenção para a natureza reprodutivista da educação, na sua obra *Aparelhos Ideológicos de Estado*, na qual enfatiza que a reprodução da ideologia dominante contribui para a reprodução das relações sociais de produção.

Demonstrou como resultado da análise que fez , que a família, igreja , escola, meios de comunicação , agremiações, e outras instituições incumbem-se do papel de perpetuar os interesses da dominação. Portanto, a escola não pode ser desterrada do meio social como a única responsável pelas imperfeições da sociedade, conforme proposto por Ivan Illich. Até porque, todos os estudiosos que voltaram a força de seu conhecimento em favor da sociedade, passaram pela escola, através dela apropriaram-se do legado do saber de nossos ancestrais e amadureceram seus ideais.

Carece que seja dito em nome da honra e da justiça, mesmo que possa ferir os corações empedernidos de pensadores reacionários, que o fardo da sociedade apoia-se nos ombros dos trabalhadores, principalmente os menos sábios, e, sobretudo os ágrafos. Isso é prova inquestionável de que não é a escola e sim a falta dela que martiriza a vida do homem moderno.

É terrível para o operário sem escola a substituição de um processo de trabalho linear , segmentado, padronizado e repetitivo próprio do padrão taylorista e fordista , que praticamente só exige disciplina e abnegação , por uma nova modalidade que requer leitura, raciocínio e saber. Essa exigência é tanto maior quanto mais moderna a maquinaria da empresa.

O modernismo das indústrias exige maior grau de informação, domínio de novos códigos, manuseio de controle remoto, conhecimento de computação e grande presença de espírito. Esses saberes estão na escola contestada por muitas estrelas da pedagogia, e esconjurada por Ivan Illich e seus seguidores.

Por tanto a questão é torná-la de direito de todos para que ninguém seja penitenciado pela falta de instrução. Os excluídos da escola são os excluídos de tudo: salário, saber e dignidade.

Há que se dizer também que os não escolarizados não têm chance alguma num mercado em que os próprios letrados sofrem com as exigências da seleção. Durante o recrutamento a própria indústria segrega grande parte deles, amarrando a função

oferecida com o grau de escolaridade exigido. O simples ato do recrutamento, marginaliza uma legião de homens com currículo de profissionais responsáveis, zelosos e disciplinados.

O progresso deixa cada vez mais evidente o abismo que há entre o trabalho executado na indústria antiga e o que se realiza na indústria moderna. Naquela, predomina a máquina pesada com operários analfabetos, semi-analfabetos e outros de poucas letras.

Nesta, os operários têm saber escolar e alguns são qualificados com formação específica. Sobre todos eles pesam a máxima que é um chavão da cantilena moderna, que ecoa por todo lado: “Só há lugar para os competentes”.

É a própria seleção natural de Darwin convertendo-se num determinismo histórico - social. As inovações tecnológicas colocaram as máquinas no lugar do homem, escasseando a mão de obra, destruindo a chance de emprego de milhões de trabalhadores, principalmente os não escolarizados.

O desacerto social conclama todos que pensam a fazer coro com o lamento de Carvalho (2000, p.94):

As coisas em nossas vidas chegaram a um ponto tão ruim, a ciência e a tecnologia chegaram a descaminhos tão indiscutíveis, que nos resta uma coisa que apelidarei de esperança dialética, fiel à visão do velho Heráclito de que tendência de cada estado é a de caminhar para o seu oposto. (...) Muitas alternativas foram tentadas para a recuperação dos caminhos legítimos da ciência; mas não foram tentadas todas - o que nos faz ver razão de esperança...

Da análise da evolução tecnológica, infere-se que os trabalhadores sempre foram ameaçados pelo desenvolvimento das técnicas. É possível que a mazela social causada pelo progresso, permita-nos conceber como legítimo, o ódio que se apoderou dos trabalhadores ingleses no início do século XIX e que os levou à depredação das máquinas e das propriedades industriais.

Apesar de terem sido os pilares da primeira Revolução Industrial, aquelas máquinas eram no entendimento dos trabalhadores, responsáveis pela miséria e desemprego e as condições subumanas a que estavam submetidos. Tal como aqueles trabalhadores, os de hoje estão também imersos numa perspectiva incerta e insegura em face do que ensina Munford (1998, p.615):

Vivemos numa época em que os processos cada vez mais automáticos de produção e a expansão urbana removeram as metas humanas a que

deveriam servir . A produção quantitativa, para os nossos contemporâneos que raciocinam em termos de massa , tornou-se e única meta imperativa: para eles tem muito mais valor a quantificação do que a qualificação (...) . Em consequência, está a espécie humana ameaçada de inundações muito mais formidáveis do que aquelas que o homem antigo aprendera a enfrentar.... Para salvar-se... . Deve dominá-las e até eliminá-las por completo, quando, como no caso das armas nucleares e bacteriológicas , ela ameaçam sua própria existência...

Para mudar essa ordem de coisas não se pode abominar a ciência, conforme propositura de Rousseau e, sim, fazer com que o saber tecnológico não seja de amarga serventia. Para tanto é necessário que as figuras proeminentes do meio acadêmico, que se notabilizaram por dizer tudo a respeito do nada, deixem de lado a crítica inócua à escola e ao paradigma escolar e canalizem a discussão acadêmica no sentido de modificar a sociedade. Porque as discussões infrutíferas só fazem promover o equívoco da docência que insiste em acreditar que a mudança nos métodos de ensino é a panacéia , e os proponentes da mudança, os Messias da humanidade.

A modificação do paradigma da escola não é a redenção da humanidade e não a redime dos males que nos assolam. A redenção ocorrerá mudando as finalidades do uso da ciência. Por exemplo, é necessário que todo saber científico das técnicas de agricultura, pesca, pecuária e química dos alimentos, sejam canalizados para uma produção de alcance social.

Se assim o fosse, a fome, um dos maiores flagelos da humanidade, seria banida da terra. Até mesmo Rousseau, diante desse quadro, faria apologia à ciência substituindo os anátemas com que fulminou o saber, por hinos e cantos de louvores.

Nesse intrincado problema que se apresenta para a humanidade, a priori é necessário refletir sobre a indagação feita por Luckesi (2000, p.32) e a competente resposta elaborada por ele próprio:

Vale a pena o uso dos conhecimentos já acumulados pelo sujeito cognoscente? Claro que sim. Mais que isso: para a efetiva apropriação efetiva do conhecimento como entendimento da realidade, hoje não há mais como fugir do legado da humanidade. (...) Não se pode suprimir o legado cognitivo da humanidade; ele é nosso lastro de saber e de saber fazer. (...) O educando, apropriando-se por meio da escola, do conhecimento como forma de compreensão da realidade, está se preparando não só para

o enfrentamento dos desafios da natureza propriamente dita (parte do mundo) mas também para enfrentar as mazelas sociais que o envolvem...

A análise apurada do problema deve elucidar a compreensão do antagonismo e engendrar um conjunto de ações com o objetivo de preservar o interesse comum, resolver o imbróglio sem paixão desenfreada de ambos os lados. A compreensão ajuda a dirimir as dúvidas que há entre os que tripudiam e os arautos do progresso, porque segundo Carvalho (2000, p.88):

O que se dá atualmente é que muitos se ligam ou só nos aspectos negativos da evolução científica, ou seus lados positivos , o que gera, de um lado os otimistas ingênuos com uma cândida visão iluminista da ciência a lá século XVIII – a ciência como algo de mágica e força e que tudo resolverá, e, de outro lado, negadores mal humorados de qualquer perspectiva boa, negadores do óbvio: das magníficas realizações que a atividade científica também tem logrado. São dois modos de ver. Evidentemente, ambos incompletos e ineficientes por sua parcialidade...

Há urgência de que o impacto sobre a sociedade, causado pelas novas tecnologias sensibilize o coração dos pesquisadores. Os fatos aqui narrados e outros milhares que poderiam ser mencionados dão conta dos trunfos e das seqüelas do saber.

A inovação que premia é a mesma que maltrata a humanidade. Essa é a razão por que a humanidade deve receber em apoteose as benesses das novas técnica , rejeitando, contudo, as seqüelas que são os híbridos nocivos progresso .

Uma coisa não é excludente da outra e se não coadunam, não tem porque a humanidade regozijar-se do progresso. É preciso fazer um uso mais humano e mais fraterno do saber, para secar as lágrimas que Deus chorou sobre a maldade dos homens tão abundante na imperfeição da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Notas sobre os aparelhos ideológicos de estado.** Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda,1985.

ANDERY, Maria Amália et al. **Para compreender a ciência:** uma perspectiva histórica. São Paulo: Educ-Editora da Puc , 1966

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1999.

BERGET, Peter ; LUCKMANN, Tomas . **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Editora Vozes,1999.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. a aventura na Modernidade. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda ,1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é a educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

BURNS, Edward McNalls. **História da civilização ocidental**. Porto Alegre: Editora Globo,1968.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **O Egito antigo**. São Paulo: Editora Brasiliense ,1982

CARVALHO, Maria Cecília M. de (Org). **Construindo o saber**: metodologia científica fundamentos e técnicas. São Paulo: Editora Papyrus , 2000

CHATÉLET, François et al. **História das idéias políticas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2000.

COTRIM, Gilberto. **História e consciência do mundo**. São Paulo: Editora Saraiva 1994.

CULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**: estudo sobre o culto. o direito e as instituições da Grécia e de Roma. São Paulo: Edipro- Edições profissionais Ltda,1999

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Teoria Geral do Estado**. São Paulo: Editora Saraiva, 1998.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da família, da propriedade privada e do estado**. São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 2000 .

ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao científico**. São Paulo: Editora Global, Ano A.

FLOREZANO, Maria Beatriz B. **O Mundo Antigo: economia e sociedade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

GALEANO, Eduardo. **As veias Abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995.

KONDER, Leandro. **O que é a dialética**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Editora Cortez, 1999.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Economistas, Volume I, Tomo II, 1984.

MÉSZAROS, Istvan. **Filosofia, ideologia e ciências sociais: ensaios de negação e afirmação**. São Paulo: Editôra Ensaio, 1993.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na história: Suas Origens, Transformações e Perspectivas**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Limitada, 1998.

NOVAIS, Adauto et al. **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

OLIVEIRA, Armando Mora de. et al. **Primeira filosofia: tópicos de filosofia**. São Paulo: Editôra Brasiliense, 1980.

PARSONS, Talcot. **Sociedades perspectivas evolutivas e comparativas.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1966.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História** : operários mulheres e Prisioneiros. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra ,1988.

RIBEIRO, Darci. **Processo civilizatório.** São Paulo: Editora Vozes, 1983.

ROSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social.** São Paulo: Livraria Martins Fonte Editora Ltda, 1966.

ROSSEAU, Jean Jacques. **Discurso sobre as ciências e as artes.** São Paulo: Copyrigh Abril S.A.Cultural e Indústria, Coleção Os Pensadores, 1978.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um Discurso sobre as Ciências.** Edições Afrontamento,1999.

SHAFF, Adam. **História e Verdade.** São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1987.

COLEÇÃO : **Os Imortais da Literatura Universal.** São Paulo: Editora Abril Cultural, Volume III de bibliografias, 1972.

ENCICLOPÉDIA- Barsa. **Volume 10.** São Paulo: 1995.